

ANA CATARINA CARVALHAL DA CUNHA

A Canga Vareira no Concelho da Murtoza (Aveiro)



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Artes e Humanidades

2021

ANA CATARINA CARVALHAL DA CUNHA

Canga Vareira no Concelho da Murtosa (Aveiro)

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor Miguel Reimão Costa



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Artes e Humanidades

Setembro de 2021

Canga Vareira No Concelho da Murtosa (Aveiro)

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Ana Catarina Carvalhal da Cunha

.....

(assinatura)

Direitos de cópia ou Copyright

© Copyright: em nome de Ana Catarina Carvalhal da Cunha

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e edito

Ao meu avô Joaquim da Cunha

Agradecimentos

Penso que nem três páginas dariam para agradecer a todos aqueles que me ajudaram nesta dissertação, primeiramente à minha família que é imprescindível para este trabalho e em todas as conquistas da minha vida.

Ao meu namorado que palmilhou quilómetros para me ajudar.

Ao meu avô Joaquim que me instigou desde pequena o gosto pela ruralidade e fez da sua casa um “museu agrícola”.

A todos os entrevistados nesta dissertação sem eles a informação não seria tão rica e diversificada.

Ao artesão Joaquim Ruivo que foi incansável em explicar-me todos os pormenores.

Um agradecimento à Ana Sousa, editora do vídeo em anexo, que se mostrou sempre disponível para me ajudar com as novas tecnologias.

Um especial agradecimento á Câmara Municipal da Murtosa nomeadamente ao Engenheiro Januário por toda a ajuda prestada.

Para que não seja injusta, agradeço a todos aqueles que passaram por esta dissertação de forma mais direta ou indireta.

Por último, mas não menos importante um agradecimento muito especial, ao Prof. Doutor Miguel Reimão, o meu orientador que embarcou comigo nesta aventura.

Palavras-chave

jugo, canga, canga vareira, artesão, arte popular.

Resumo

O desaparecimento quase total da manufatura das cangas e jugos em Portugal é evidente. No Município da Murtosa apenas resta um jugueiro com conhecimento sobre os processos de produção destas alfaias. A presente dissertação de mestrado tem como objetivo o estudo da canga vareira, considerando a sua transformação em época contemporânea, as diferentes tipologias e processos de execução e o caso específico do concelho da Murtosa. Para tal registou-se o seu processo da execução junto do artesão Joaquim Tavares dos Santos residente naquele concelho, considerando a sua especificidade a nível da sua manufatura, motivos ornamentais e da designação dos diferentes elementos e apetrechos utilizados.

Em termos metodológicos, esta investigação parte de uma revisão bibliográfica sobre o seu objeto de estudo (canga, jugos, canga vareira, enquadrados na descrição das atividades do setor primário mais relevantes para o tema), conferindo especial importância à realização de entrevistas a diferentes interlocutores e à elaboração de um inventário das cangas existentes no concelho da Murtosa.

Pretende-se que, para além da vertente de levantamento e de caracterização de um património material e imaterial em desaparecimento, que este projeto funcione também como uma iniciativa de sensibilização da comunidade e de incentivo para que as entidades responsáveis possam equacionar, a conservação da tradição de jugueiros no concelho da Murtosa.

keywords

jugo, canga, canga vareira, craftsman, folk art.

Abstract

The almost total disappearance of yoke making (cangas e jugos) in Portugal is evident. In the Municipality of Murtosa there is only one yoke-maker left with knowledge about the production processes of these elements. The present dissertation aims to study the canga vareira, considering its transformation in contemporary times, the different types and processes of execution and the specific case of the Murtosa yoke. To this end, its execution process was recorded with the craftsman Joaquim Tavares dos Santos, resident in that municipality, considering its specificity in terms of its manufacture, ornamental motifs and the designation of the different elements and devices used.

In methodological terms, this research starts from a bibliographical review on its object of study (canga, jugo, canga vareira, framed in the description of the primary sector activities most relevant to the theme), giving special importance to the conducting of interviews with different interlocutors and the preparation of an inventory of the existing cangas in the municipality of Murtosa.

It is intended that, in addition to the survey and characterisation of a material and immaterial heritage in disappearance, this project will also function as a community awareness initiative and an incentive for the responsible entities to consider the conservation of the tradition of the execution of yokes in the municipality of Murtosa.

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
<u>Índice</u>	
Índice Figuras 1	
Introdução	1
1.1 Objetivos.....	3
1.2 Estrutura e Metodologia	3
Parte I Capítulo I.....	5
Enquadramento	5
1.1 Contextualização Município da Murtosa.....	5
1.1.1 Evolução Histórica.....	6
1.2 Principais Atividades do Setor Primário	8
1.2.1 Ria de Aveiro	8
1.2.2 Agricultura e Pesca no Município da Murtosa.....	10
Capítulo 2 Do Carro de Bois à Canga.....	26
2.1 O Carro de Bois	26
2.2 Tipologias do Carro de Bois em Portugal	28
2.3 Artesãos de Carros de Bois no Município da Murtosa	30
2.4 Jugo ou Canga	31
2.4.1 Jugos de trave.....	37
2.4.2 Jugos de tábua	39
Capítulo 3 Canga Vareira.....	42
3.1 Canga Vareira ou Canga Marinhoa?.....	48

3.2	Similitudes entre a Canga e o Barco Moliceiro	50
Parte II-Capítulo 4.		58
Entrevistas.....		58
4.1	Metodologia, tipo de entrevista e critérios para a seleção dos entrevistados.	58
4.2	Método análise entrevista	59
4.3	Dados Obtidos	59
Capítulo 5 O homem, o espaço e o tempo.		63
5.1	A vida e a arte de jogar de Joaquim Ruivo.....	63
Capítulo 6 O processo de Execução da Canga.....		66
6.1	Aspetos Genéricos	66
6.2	Materiais e escolha das madeiras.....	67
6.3	Dimensões	68
6.4	Decoração	68
6.5	Entalhe e Pintura.....	69
6.6	Ferramentas	73
Capítulo 7 Adorno do Século XXI.....		77
7.1	Do Trabalho ao Adorno.....	77
7.2	Joaquim Ruivo e Anos 2000.....	78
Conclusões e sugestões.....		81
Fontes e Referências Bibliográficas		83
Anexos		86
Anexo 1- Glossário		86
Anexo 2- Transcrição das Entrevista - Joaquim Ruivo		87
Anexo 3- Transcrição de Entrevistas – Lavradores, Pescadores, Artista Plástico.....		97
Anexo 4- Inventário de Cangas Vareiras no Concelho da Murtosa.		136

Índice Figuras

Figura 1-Mapa do Município da Murtosa. Fonte: Câmara Municipal da Murtosa 2020.....	5
Figura 2- Mapa Administrativo do Séc. XII-XIX. Fonte: Breve História do Concelho da Murtosa 2016.	7
Figura 3- Freguesias do Concelho da Murtosa. Obtido: Google Earth. 28/05/2020.....	8
Figura 4. Barra Nova de Aveiro Fonte: Município de Ílhavo 2020.	10
Figura 5-Pesca na Ria Torreira-Murtosa. Fonte: ahcravo.com (2014).	11
Figura 6- Galricho. Foto de Autor. 2021	11
Figura 7- Fisga. Fonte: Eduardo Lamy Laranjeira. A Ria de Aveiro: Barcos E Artes De Pesca. (s/d).	13
Figura 8- Painel de Moliceiro: "Estranha Gente Essa onde Bois Lavram o Mar". Fonte: Memórias. 30 ANOS A PINTAR A RIA. JOSÉ DE OLIVEIRA (2019).	14
Figura 9-Bois Marinhões na Praia da Torreira. Fonte: Recriações da Xávega e do Chinchorro (2013).....	15
Figura 10- Mulheres arranjar redes na Torreira. Fonte: Ahcravo.com (2010).....	16
Figura 11- Cabanal Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).....	18
Figura 12-Foicinha Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).	18
Figura 13-"Moal" Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).	19
Figura 14- Descarga de Moliço. Fotografia: Eduardo Lamy Laranjeira. (s/d).	22
Figura 15-Moliceiro na Ria de Aveiro, Torreira. Fonte: ahcravo.com (2014).....	22
Figura 16-Painel Histórico da proa do Moliceiro: O Conquistador. Cais do Bico-Murtosa. Fonte: Foto de autor (2021).	23
Figura 17- Construção de Barco Moliceiro. Museu-Estaleiro da Praia do Monte Branco. Fonte: Câmara Municipal da Murtosa (s/d).	25
Figura 18- Roda Raiada. Foto de autor.2021	28
Figura 19- Carro de Bois, Monte-Murtosa. Fonte: Foto de autor. 2020	29
Figura 20- Chavelha no Cabeçalho. Fonte: Foto de autor. 2020.....	29
Figura 21- Lavrador com a sua vaca marinhoa. Fonte: Jorge Bacelar. 2013.	31
Figura 22- Vaca Marinhoa. Foto de autor. 2021.....	32
Figura 23- Quadriga encontrada em Tell Agrab 2.600 a.C. Fonte: lbrazz.org 2021.	33
Figura 24- Esquema da tipologia dos jugos europeus. Fonte: Oliveira, Galhano & Pereira 1973, p.10.	34
Figura 25- Cangalho. Foto de autor. 2021.	35
Figura 26- Esquema das Correias. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.45.	36
Figura 27- Diferentes Classificações de Jugos e Cangas no Douro Litoral. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.43.	37
Figura 28- Jugo de trave simples. Desenho: Fernando Galhano 1988, p.4.	38
Figura 29- Canga de Molhelhas. Desenho de Domingos José de Castro, Estampa XXVIII.....	38
Figura 30- Canga de trave simples, sistema jugular. Desenho: Fernando Galhano 1988, p.5.	39

Figura 31- Mapa dos jugos ornamentados. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.19.....	39
Figura 32- Jugo do Minho - Cidade de Braga. Foto: Eugeniusz Frankowski 1916, p.43.	40
Figura 33- Jugo da Vila da Feira- Espargo. Foto: Armando de Mattos in A Arte dos Jugos e Cangas do Douro Litoral. 1943	40
Figura 34- Canga de Vila da Feira- Espargo. Foto: Armando de Mattos in A Arte dos jugos e cangas do Douro Litoral. 1943	41
Figura 35- Jugo da Maia. Foto: António Azevedo in Revista da Maia, nº1 janeiro/junho 2017...41	
Figura 36- Canga Vareira 1960, Murtosa. Foto de Autor. 2021	42
Figura 37- Parte Traseira da Canga Vareira- 1960. Foto de Autor. 2021.	43
Figura 38- Ornamentos segundo Armando de Mattos. Desenho: Gouveia Portuense in A Arte dos Jugos e Cangas do Douro Litoral p.87. 1943.....	44
Figura 39- Chavelha Policromada. Bunheiro-Murtosa. Foto de autor. 2021.	45
Figura 40- Canga de Transição. Foto: José Luís Santos in A Ornamentação de Cangas e Jugos em Portugal: Estudo sobre o espólio do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques. 2007.....	46
Figura 41- Número Identificativo da Canga. Foto de Autor. 2021	47
Figura 42- Chapa do proprietário. Foto de autor.2021	48
Figura 43- Mapa das freguesias do Município de Estarreja. Fonte: Geneall. 2021	49
Figura 44- Painel executado por António Almeida, Soeco. Foto de autor. 2021	51
Figura 45- Painel executado por António Almeida, Soeco. Foto de autor. 2021	52
Figura 46-Proa com painel do Soeco. Foto in A memória da Ria: Moliceiros, Ana Maria Lopes, p.105.2012	52
Figura 47- Signo-saimão talhado na canga. Foto de autor. 2021.	53
Figura 48- Signo-saimão na porta da proa do Barco Moliceiro. Foto in A memória da Ria de Aveiro: Moliceiros, p. 103, Ana Maria Lopes. 2012.	54
Figura 49-Bica da Proa com vaso de flores. Fotografia in A memória da Ria: Moliceiros, pág 105. Ana Maria Lopes. 2012.....	55
Figura 50- Vaso de Flores da Canga. Estampa XLVIII, Domingos José de Castro.....	55
Figura 51- Vaso de Flores do barco Moliceiro. Estampa XLV, Domingos José de Castro.	56
Figura 52- Mapa de Palavras. Wordart. Elaboração Própria.2021.....	62
Figura 53- Joaquim Ruivo. Foto de autor.2020	64
Figura 54- Joaquim Ferreira dos Santos. Foto in Rostos da Gente p.61, Hélder Pacheco.1987...64	
Figura 55- Oficina. Foto de autor. 2020.....	65
Figura 56- Oficina Jogueiro- Joaquim Tavares dos Santos. Foto de autor. 2020..	67
Figura 57- Artesão com goiva. Foto de autor. 2020.	70
Figura 58- Canga policromada. Proprietário: João Vieira. Artesão: Joaquim Ruivo. Ano: 1991. Foto de autor.2021.....	71
Figura 59- Canga Policromada. Proprietária: Rosa Amador. Ano: 1970. Foto de autor. 2021.	72
Figura 60- Serrote Manual. Foto de autor.2021.....	73
Figura 61- Plaina Manual. Foto de autor.2021	74
Figura 62- Régua. Foto de autor. 2021	74

Figura 63- Goivas. Foto de autor. 2021.	75
Figura 64- Compasso de marcar. Foto de autor. 2021	75
Figura 65- Pinceis. Foto de autor.2021.....	76
Figura 66- Pinceis feitos pelo o artesão. Foto de autor. 2021.	76
Figura 67- Canga de Adorno. Localização: Taberna O Escondidinho, Pardelhas-Murtosa. Foto de autor.2021.	78
Figura 68- Canga decorada: Símbolo do Clube Marítimo Murtoense. Foto de autor. 2021.	80
Figura 69- Joaquim Cunha. Foto de autor. 2021	97
Figura 70- Joaquim Marques. Foto de autor. 2020	100
Figura 71- Joaquim Ruela e Esposa. Foto de autor. 2021.....	102
Figura 72- José Caixeiro. Foto de autor. 2021.	104
Figura 73- Maria Justina Miranda e Esposo. Foto de autor. 2021.	106
Figura 74- Martinho Cunha. Foto de autor. 2021.....	109
Figura 75- Lurdes Miranda. Foto de autor. 2021.....	112
Figura 76- Joaquim Cirne. Foto de autor.2021.	114
Figura 77- João Vieira. Foto de autor. 2021.	117
Figura 78- António Henriques. Foto de autor. 2021.....	121
Figura 79- José Oliveira. Foto de autor. 2021.....	124
Figura 80- Rosa Amador. Foto de autor. 2021.	131
Figura 81- Proprietária: Fátima Oliveira. Década 20. Monte-Murtosa. Foto de autor. 2021....	136
Figura 82- Proprietária: Rosa Amador. Década 20. Bunheiro. Foto de autor. 2021	136
Figura 83- Proprietário: José de Oliveira. Década 20. Murtosa. Foto de José de Oliveira. 2021.	137
Figura 84- Proprietária: Ana Paula Matos. 1928. Murtosa. Foto de Ana Paula Matos. 2021.	137
Figura 85- Proprietária: Maria Amélia. 1933. Monte. Foto de autor.2021.....	138
Figura 86- Proprietário: João Sousa. 1934. Bunheiro. Foto de autor. 2021.....	138
Figura 87- Proprietária: Maria Justina. Década de 40. Monte. Foto de autor. 2021.	139
Figura 88- Proprietário: Joaquim Ruela. 1947. Bunheiro. Foto de autor. 2021.	139
Figura 89- Proprietário: José Almeida. 1949. Bunheiro. Foto de José Almeida. 2021.	140
Figura 90- Proprietário: Musu Custódio Prato. 1949. Bunheiro. Foto de autor. 2021.....	140
Figura 91- Proprietário: José Caixeiro. Década de 50. Bunheiro. Foto de autor. 2021.	141
Figura 92- Proprietário: António Henriques. 1958. Monte. Fonte de autor. 2021.	141
Figura 93- Proprietária: Fátima Oliveira. 1958. Monte. Foto de autor. 2021.	142
Figura 94- Proprietário: João Vieira. Década de 60. Torreira. Foto de autor.2021.....	142
Figura 95- Proprietário: Joaquim Cirne. Década60. Bunheiro. Foto de autor. 2021.....	143
Figura 96- Proprietária: Florinda Sousa. 1960. Murtosa. Foto de autor. 2021.	143
Figura 97- Proprietário: Joaquim Marques. 1960. Monte. Foto de autor. 2021.....	144
Figura 98- Proprietário: Joaquim Rebelo. 1961. Monte. Foto de autor. 2021.....	144

Figura 99- Proprietário: Joaquim Cirne. 1961. Bunheiro. Foto de autor. 2021.....	145
Figura 100- Proprietário: Joaquim Cunha. 1962. Monte. Foto de autor. 2021.....	145
Figura 101- Proprietária: Rosa Amador. 1968. Bunheiro. Foto de autor. 2021.	146
Figura 102- Proprietária: Rosa Amador. 1970. Bunheiro. Foto de autor. 2021.	146
Figura 103- Proprietária: Lurdes Miranda. 1971. Monte. Foto de autor. 2021.	147
Figura 104- Proprietário: Joaquim Cunha. 1976. Monte. Foto de autor. 2021.....	147
Figura 105- Proprietário: José Caixeiro. 1976. Bunheiro. Foto de autor. 2021.....	148
Figura 106- Proprietário: Joaquim Cunha. 1980. Monte. Foto de autor. 2021.....	148
Figura 107- Proprietária: Olívia Silva. 1981. Murtosa. Foto de autor. 2021.	149
Figura 108- Proprietário: Joaquim Cunha. 1982. Monte. Foto de autor. 2021.....	149
Figura 109- Posto Turismo da Torreira. 1989. Foto de autor. 2021.....	150
Figura 110- Proprietário: João Vieira. 1991. Torreira. Foto de autor. 2021.....	150

Introdução

Pedimos, pois, vivamente aos sábios empenhados no progresso da Ethnographia que não desprezem este campo de exploração
. (Vasconcellos, 1881, p. 46)

Portugal denota um passado profundamente ligado á ruralidade, apresentando assim uma panóplia de alfaias agrícolas por todo o seu território. É no Noroeste do país onde podemos encontrar a maior expressão de exuberância de alfaias agrícolas. Jugos e cangas que no restante do país se apresentam como simples traves de madeira apenas com intuito de juntar dois bois ao carro. Ganham um embelezamento no Noroeste, estas alfaias são muitas vezes policromadas e quase sempre decoradas.

A canga é utilizada desde longa data para jungir bois e vacas aos carros. A maior parte delas são apenas simples traves, sem qualquer tipo de cuidado ou preocupação, estética, constituindo apenas alfaias de trabalho que cumprem a sua função. No entanto, no Noroeste de Portugal, e mais especificamente nas regiões do Minho, Douro e Aveiro, as cangas correspondiam a obras de arte popular extraordinárias.

Em qualquer caso, uma vez que hoje em dia a agricultura é mecanizada, a canga perdeu a sua função original como alfaia agrícola e encontrou um novo uso enquanto objeto de ornamentação.

No município da Murtosa, no distrito de Aveiro, eram utilizadas cangas altas trapezoidais, decoradas e policromadas. A Murtosa sempre teve jugueiros, ou seja, artesãos que produzem cangas e jugos. Se na década de 1970 existiam 7 artesãos, hoje resta apenas um, com 77 anos e sem nenhum aprendiz. Joaquim Tavares dos Santos, conhecido por Ruivo, continua empenhado na manufatura destas cangas. No entanto, devido ao avançar da idade e a problemas de saúde, a sua disponibilidade tem vindo a alterar-se significativamente, não tendo já possibilidade de acabar muitos entalhes que estavam por fazer. Como ocorre em muitas outras artes populares, também a arte dos jugueiros do Norte Atlântico se encontra em riscos de desaparecimento.

É este o contexto para a pertinência da presente dissertação. A autora, preocupada com o futuro da manufatura da canga vareira, decidiu dar seguimento às sábias palavras de J. Leite de Vasconcellos e debruçar-se sobre o tema, propondo-se registar o processo de execução da canga no concelho da Murtosa pelas mãos do artesão Joaquim Ruivo.

As cangas, enquanto expressão de arte popular foram objeto da atenção de diferentes autores que contribuíram para o seu conhecimento a partir de perspetivas distintas. Vasconcellos no “Estudo ethnographico: a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguesas do Douro e Minho”, datado de 1881, fez uma abordagem aos motivos ornamentais e à importância e significado dos diversos símbolos utilizados.

Em 1916 é publicada na Revista Terra Portuguesa, Ano 1º-Nº2 um artigo de Frankowski que esclarece as diferentes formas de jungir bois e vacas em Portugal. Onde o autor expõe que a canga pode exercer a sua tração por sistema cornal, jugular ou ambos.

Em 1942, Armando de Mattos realiza um estudo muitíssimo completo intitulado “A arte dos jugos e cangas do Douro Litoral”, na qual são abordados diferentes temas relacionadas com o jugo e a canga, desde a sua origem, formatos, decoração e dimensões, restringindo-se, no entanto, ao território do Douro Litoral.

Também os etnólogos Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira redigiram em 1973 o estudo “Sistemas de Atrelagem dos Bois em Portugal” que abarca várias vertentes do tema desde a origem, à divisão de jugos de trave e tábua, decoração, jugueiros, constituindo um estudo mais abrangente onde é referida a canga vareira. Alguns anos mais tarde, em 1988, Veiga de Oliveira debruça-se, mais uma vez, sobre o estudo das cangas na obra “Os jugos Portugueses: A canga Vareira”, na qual o objeto de estudo se restringe apenas à canga vareira que beneficia de uma abordagem mais detalhada e específica.

O presente estudo pretende contribuir para o estado de conhecimento desta arte popular, já num período histórico completamente diferente, partindo também de outros dados provenientes da leitura de diversos outros estudos, combinados com o trabalho de campo. Neste sentido, foram realizadas entrevistas a interlocutores com diferentes perspetivas, como o pequeno proprietário, lavrador, pescador da arte xávega na Praia da Torreira, artista plástico e ao último artesão de cangas vareiras no Município da Murtosa. Foi ainda preparado um inventário de cangas vareiras entre a 1920 e 1999 que pode ser

consultado em anexo da respetiva dissertação que inclui também um vídeo com o lavrador Joaquim da Cunha.

1.1 Objetivos

Considerando a tendência para o desaparecimento da manufatura da canga vareira, o objetivo principal da presente dissertação é o registo desta expressão considerando a sua importância na história rural da região Noroeste de Portugal e enquanto expressão do património material e imaterial. Para tal será conferida especial importância ao registo comentado do seu processo de execução, através do levantamento das técnicas e procedimentos da arte do artesão Joaquim Ruivo no Município da Murtosa, entendendo as peculiaridades e especificidades da canga vareira.

A par do objetivo fundamental, estabelece-se também um conjunto de objetivos secundários: caracterizar a tipologia da canga vareira e contribuir para o estudo da sua possível origem; reconhecer similitudes entre a canga vareira e o barco moliceiro, designadamente a nível decorativo, tendo em conta que ambas constituem obras relevantes da arte popular; realizar um pequeno catálogo de ferramentas do jugueiro, no contexto da sua oficina e das diversas temporadas de trabalho; preparar um inventário de cangas entre 1920-1999, a incluir enquanto anexo, de modo a compreender os tópicos de mudança desta expressão artística naquele período e o que mudou nos anos 2000.

O propósito final mais importante desta dissertação é a sensibilização para a importância da salvaguarda da canga enquanto verdadeira obra de arte popular e alertar para a relevância da conservação e restauro destas alfaias agrícolas.

1.2 Estrutura e Metodologia

A metodologia desta dissertação combina a revisão bibliográfica (várias fontes de informação para o enquadramento do tema) com o trabalho de campo, a realização de entrevistas a diversos interlocutores (para quem as cangas de trabalho adquirem, por diferentes motivos, grande importância) e a recolha oral e registo do processo de produção da canga junto do último jugueiro em atividade na área de estudo, incluindo a recolha fotográfica e vídeo.

O presente estudo está estruturado com base em 7 capítulos, a que se acrescenta um capítulo introdutório que tem por objetivo justificar a temática, estabelecer o enquadramento inicial, identificar os objetivos do projeto, bem como apresentar, sucintamente, o tipo de metodologia que se utiliza.

O primeiro capítulo aborda o contexto do Município da Murtosa, a sua evolução histórica, o seu património, as atividades do setor primário no concelho, salientado as atividades associadas à agricultura, pesca e apanha do moliço. Seguidamente, numa primeira aproximação ao tema da tese, dedica-se o segundo capítulo ao carro de bois e à canga procurando expor a sua importância para as principais atividades do setor primário. O terceiro capítulo, tem como foco a canga vareira, as suas especificidades e as suas problemáticas, ela é o nosso verdadeiro foco de estudo.

Considerando a importância das entrevistas para este estudo, procurar-se-á revelar, no quarto capítulo, alguns dados e conclusões dessas mesmas entrevistas, registando as ideias principais deixadas pelos vários interlocutores.

Sem artesão não seria exequível esta recolha de informação e assim considerou-se importante que o quinto capítulo ainda que breve se dedicasse ao artesão Joaquim Ruivo de forma a conhecermos o homem por trás do artesão.

É no sexto capítulo que será dada especial importância ao processo de execução da canga, registando os materiais utilizados, incluindo as madeiras, os motivos ornamentais, o entalhe e a pintura, bem como as ferramentas utilizadas para todos os processos. De certa forma pensamos que ao fazer esta recolha da manufatura da canga vareira poderemos contribuir para salvaguardar o seu processo de execução.

Por último, no sétimo capítulo considerou-se necessário fazer um capítulo sobre as temáticas, motivos ornamentais, dimensões e peculiaridades das cangas mais recentes, enquadrando o seu processo de transformação no tempo, de modo a documentar o processo de produção de cangas na atualidade. Será também anexado ao estudo um inventário de cangas entre 1920 e 1999 do Município. A este propósito é curioso verificar que apesar da canga não possuir neste momento qualquer tipo de uso agrícola, é guardada por muitas pessoas, por ligação afetiva ou apenas porque a consideram uma obra de arte passível de ser utilizada enquanto objeto de ornamentação.

Parte I

Capítulo I

Enquadramento

1.1 Contextualização Município da Murtosa

O Município da Murtosa está situado na Região Centro de Portugal, mais precisamente no Distrito de Aveiro, na sub-região do Baixo Vouga, onde estão inseridos também os concelhos de Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos. Segundo os Censos de 2011, o Município da Murtosa conta com 10585 indivíduos.

O concelho da Murtosa constitui um concelho jovem, criado há 93 anos, a partir da desanexação do concelho de Estarreja realizada a 29 de outubro de 1926. Com uma superfície de 73,1 km², o concelho encontra-se dividido nas quatro freguesias de Bunheiro, Monte, Murtosa e Torreira. É delimitado a Norte pelo concelho de Ovar, a Este pelos concelhos de Estarreja e Albergaria-a-Velha, a Sul por Aveiro e a Oeste pelo Oceano Atlântico. (Murtosa, 2020.)

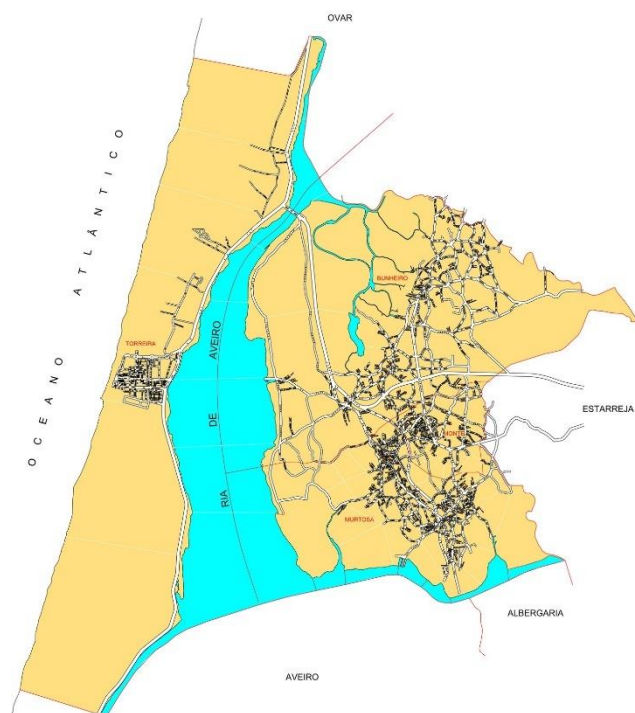


Figura 1-Mapa do Município da Murtosa. Fonte: Câmara Municipal da Murtosa 2020.

Murtosa faz parte da Ria de Aveiro, e situa-se numa marinha, isto é,

«um território de vários aglomerados populacionais, que se formam entre esteiros e canais do acidente marítimo da ria, esta zona é caracterizada pelo excesso de população, pela criação de gado e pela pesca como atividade determinante na região.» (Vasconcellos, Etnografia Portuguesa, 1980).

1.1.1 Evolução Histórica

A origem do nome Murtosa é um tema muito debatido, porque sofreu grandes alterações com a evolução da língua portuguesa. Uma terra de «fogo morto», terra mortua, terra mortuosa, terra mortosa, mortosa, Murtosa. Dizia-se casal de fogo morto o que estava desabitado e toda a terra inculta ou despovoada. Os topónimos do nosso apadrinhamento surgem com diferente grafia mesmo nos documentos oficiais: MORTOOZA; MORTTOZA; MORTOZA; MURTOOZA; MURTOZA; MURTUOSA. (Murtosa, 2020).

Data do ano de 1200, a fixação na terra de algumas famílias de marnoteiros e pescadores. (Murtosa, 2020). Em 1220 é feita uma alusão à «villa de Mariña de Salgueiro» que talvez estivesse situada na Saldida (Pereira, 2016, p. 24). Numa doação ao convento de Tarouca, no ano de 1242, aparece mencionada, com o nome de Morrecosa ou Mortecosa, uma marinha de sal que pode estar relacionada com as origens da Murtosa (Murtosa, 2020). É a partir do século XIII que podemos considerar o povoamento da Murtosa, parte da freguesia que hoje conhecemos como Murtosa, integrada no couto do “Antoã” e Avanca, terras pertencentes ao Mosteiro de Arouca.

Os lugares de Pardelhas e Ribeiro, integrados atualmente na freguesia da Murtosa, eram outrora Terras de Figueiredo, pertencentes pelo menos desde o século XIII ao Mosteiro de Vila Cova das Donas, em Sandim, Vila Nova de Gaia. A 13 de maio de 1358 ficou decretado pelo rei D. Pedro I que a jurisdição crime e civil do julgado de Pardelhas, ficaria pertencente ao concelho de Figueiredo, mais tarde designado Bemposta. A freguesia da Torreira, como hoje a conhecemos, foi desde a idade média pertença do julgado de Cabanões mais tarde Ovar (Pereira, 2016, p. 25). Em 1378 é mencionado pela primeira vez num documento o nome: “Buynheiro” reportando-se a dois pescadores que capturaram e venderam dois golfinhos sem pagarem a terça parte dessa venda ao Mosteiro de Arouca (Pereira, 2016, p. 24).

Já na idade moderna, os bens que pertenciam ao Mosteiro de Vila Cova passaram a ser posse do Mosteiro de São Bento no Porto (Murtosa, 2020). Em 1527, a aldeia de Pardelhas contava com 47 vizinhos, a aldeia da Murtosa 22 vizinhos, perfazendo um total de 69 vizinhos, números consideráveis quando comparados com os das terras mais próximas, como Estarreja que possuía 50 vizinhos, Salreu com 37 vizinhos, Avanca com 50 vizinhos, Pardilhó com 20 vizinhos, Saidouros (atual freguesia do Bunheiro) com 19 vizinhos e por último Aveiras, atualmente Veiros, com 34 vizinhos.

A divisão territorial no último quartel do século XVII correspondia à seguinte: ao termo da Bemposta pertenciam o Ribeiro, Agra, rua do Ribeiro, Pardelhas, Outeiro, Caneira e, por último, a Póvoa da Saldida; ao termo de Estarreja pertenciam a Murtosa e o Monte, atuais freguesias do concelho; e a freguesia do Bunheiro pertencia à atual freguesia de Avanca que por sua vez pertencia às Terras do Antuã, hoje Município de Estarreja (Murtosa, 2020).

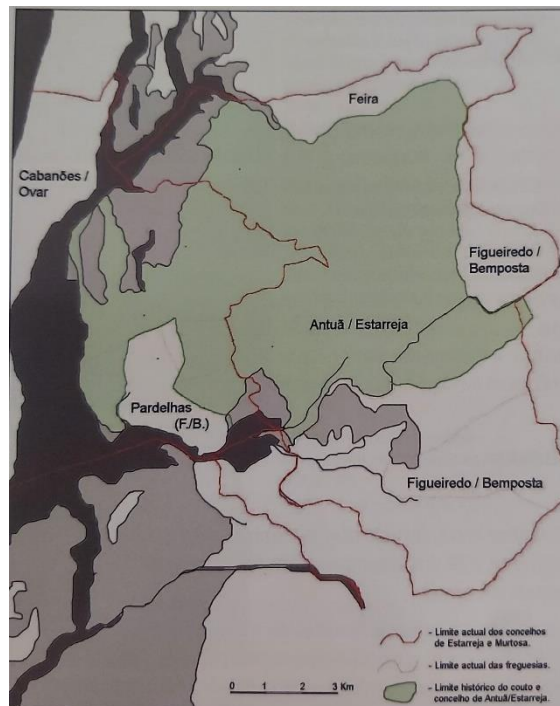


Figura 2- Mapa Administrativo do Séc. XII-XIX. Fonte: Breve História do Concelho da Murtosa 2016.

Desde o século XIX que é evidente uma intenção clara de criação do município da Murtosa e por sua vez a desfragmentação definitiva do Município de Estarreja. Até 1926 as 4 freguesias

que hoje compõem o Município da Murtosa: Bunheiro, Monte, Murtosa e Torreira, faziam parte do Município de Estarreja (Murtosa, 2020).

Foi a 29 de outubro de 1926 que os esforços do movimento independentista Murtoseiro deram os seus frutos, com o apoio do Ministro do Interior Jaime Afreixo, resultando na criação do município da Murtosa (Murtosa,2020).

Do mesmo modo, Torreira passou a ser uma freguesia um dia depois, a 30 de outubro de 1926, passando a integrar o atual concelho da Murtosa, sendo elevada a vila no dia 12 de julho de 1997. Já o Monte foi criado como freguesia no dia 17 de julho de 1933 tendo-se separado religiosamente da freguesia da Murtosa e construído igreja paroquial. E foi em resultado deste processo que Bunheiro, Monte, Murtosa e Torreira constituem hoje as quatro freguesias do município da Murtosa (Murtosa, 2020).

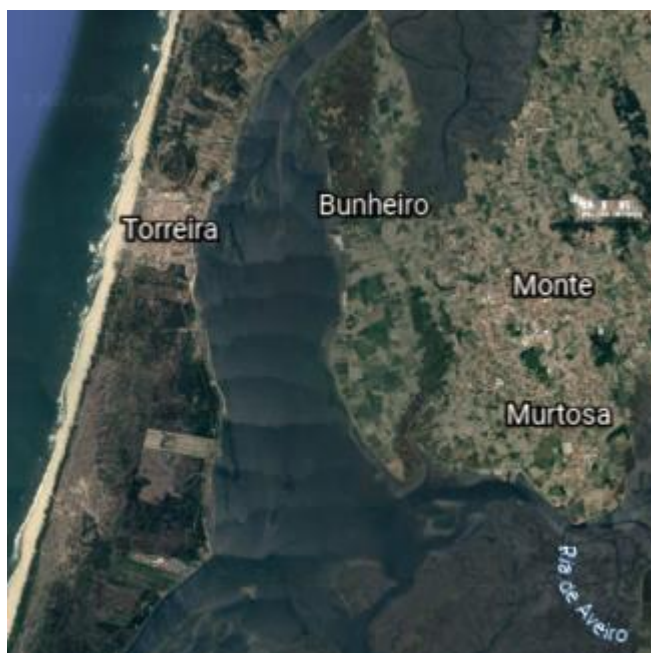


Figura 3- Freguesias do Concelho da Murtosa. Fonte: Google Earth. 2021.

1.2 Principais Atividades do Setor Primário

1.2.1 Ria de Aveiro

José Leite de Vasconcelos refere-se à Ria de Aveiro como uma laguna ou esteiro de pequena profundidade que é cercada, pelo lado do mar, por uma barra de areia. (Vasconcellos, 1980, p. 20). A ria de Aveiro é um *haff-delta* isto é um acidente geográfico originado pela

erosão da costa, onde se formou uma barra de areia que separa a laguna do mar (Moreirinhas, 1998, p. 21).

Amorim Girão compara esta acidente geográfico a um polvo cujos tentáculos são os intermináveis canais naturais da Ria de Aveiro, considerando quatro canais principais: Ria de Ovar a Norte, Ria de Mira a Sul, Ria da Murtosa a Noroeste e Ria de Vagos a Sudeste (Girão, 1922, p. 54). A ria de Aveiro estende-se ao longo de 47 km entre Ovar e Mira (Girão, 1922, p. 54), com uma largura que atinge 11 km na sua dimensão mais extensa, ocupando uma área molhada de 6 mil hectares. (Aveiro, 2020).

Raul Brandão refere-se às gentes da Ria de Aveiro como quase anfíbias, para as quais a ria é essencial à vida, considerando que caso a ria adoça as suas populações estão condenadas a adoecer com ela (Brandão, 1923, p. 86). A acumulação de sedimentos, combinada com a ação marítima provocou em diferentes contextos o fecho dos canais naturais na relação com o mar. Em 1575, depois de um pesado Inverno, a barra natural viu-se obstruída pela acumulação de sedimentos, colocando em risco o sistema lagunar, com a água a tornar-se insalubre e estagnada (Girão, 1922, pp. 64-65). O canal de comunicação natural com o mar foi-se movimentando com os anos, tendencialmente para Sul, o que dificultava e muito a comunicação com o mar (Lemos, 1933, p. 6). Se no século XIII, a ligação natural com o mar era na Torreira, no século XV era feita em S. Jacinto, no século XVII em Vagos e no século XVIII em Mira (Sarmiento, 2008, p. 21). Uma movimentação para sul, o que vinha a dificultar imenso a saída das águas doces (Lemos, 1933, p. 6).

No século XVIII, mais precisamente em 1757, devido a uma tempestade, a ligação com o mar fica obstruída por completo. Mais uma vez, o sistema lagunar da ria de Aveiro encontrava-se em perigo, tendo sido necessário criar um canal artificial que garantisse, durante todo o ano a abertura para o mar. Em 1808 é então aberto o canal artificial da Ria de Aveiro, chamado Barra Nova (Sarmiento, 2008, p. 21). Esta barra é aberta entre S. Jacinto e a Costa Nova, mas não resolve todos os problemas da Ria de Aveiro, continuando o assoreamento a ser um problema relevante. Na Ria de Aveiro desaguam o Vouga, o Boco, o Antuã e muitas ribeiras que estão a depositar os seus sedimentos a que crescem as areias trazidas pelo próprio vento de Nor-Noreste (Girão, 1922, pp. 65-67). Girão afirmou por estas razões que a Ria está condenada a desaparecer e o homem está só a retardar esse processo inevitável (Girão, 1922, p. 68).



Figura 4. Barra Nova de Aveiro Fonte: Município de Ílhavo 2020.

Amorim Girão descreve a região da Ria de Aveiro como uma região populosa devida as suas características geográficas favoráveis à fixação da população. A proximidade entre a ria e o mar e a conseqüente fertilidade dos solos, criam à população residente as condições necessárias para o desenvolvimento do setor primário para além da pesca, o trabalho agrícola e ainda a criação de gado (Girão, 1922, p. 173).

A criação de gado específico é denominada por gado marinho. A raça marinhoa é reconhecida pela corpulência dos animais e força (Girão, 1922, p. 145).

A ria de Aveiro vive numa verdadeira simbiose entre a terra e a água criando condições perfeitas ao setor primário.

1.2.2 Agricultura e Pesca no Município da Murtosa

1.2.2.1 Pesca

Como ficou evidente, a ria constitui um sistema lagunar essencial à vida das comunidades residentes na região, dependentes das atividades da pesca, da agricultura e também da apanha de molicho fundamental (Brandão, 1923, pp. 86-87). Os pescadores artesanais ocupam-se da pesca de variadíssimas espécies como a enguia, a solha, o linguado, o sável, a lampreia, a taíinha, combinada com a apanha de moluscos como berbigão, amêijoa, burriê(...), e a apanha de crustáceos como o camarão e caranguejo (Pereira, 2016, p. 42).



Figura 5-Pesca na Ria Torreira-Murtosa. Fonte: ahcravo.com (2014).



Figura 6- Galricho. Foto de Autor. 2021

Para todas estas espécies, o pescador tinha de recorrer a diferentes utensílios e a diferentes artes de pesca. Laranjeira distingue-as entre as artes sedentárias (nas quais se enquadra o galricho), tresmalhos exóticos (que incluem a solheira e camaroeira), arrastos (como a pesca de chinchorro) e ainda os aparelhos de mão (que incluem a fisga e a linha) (Laranjeira, s/d, p. 54). O galricho é uma arte sedentária, cujo aparelho é composto por arcos circulares de verga, com uma abertura em forma de U invertido. É posto a favor da corrente, preso por estacas de

madeira, com colocação no seu interior da isca, sendo posto nos esteiros para apanhar espécies mais pequenas que sobem os riachos (Laranjeira, s/d, p. 56). Moreirinhas refere que o galricho se destina predominantemente à pesca das enguias (Moreirinhas, 1998, p. 54).

A arte de pesca de tresmalho «São redes de emalhar constituídas por três panos» (Laranjeira, s/d, p. 57). A solheira, que necessita de uma bateira e dois homens, é destinada à captura de peixes chatos como solha, rodovalhos e linguados (Laranjeira, s/d, p. 58), sendo « (...) constituída por quatro redes ou rações que são armadas por meio de estacaria (...), ficando cada linha da solheira com cinco varas na totalidade» (Laranjeira, s/d, p. 58).

Já a camaroeira possui «(...) doze panos guarnecidos com chumbeiras e cortiças, destinando-se, como o próprio nome indica, à apanha do camarão» (Laranjeira, s/d, p. 59). Este utensílio boia para apanhar o camarão à superfície da água, correspondendo a uma arte que se pode praticar entre fevereiro e maio e de noite (Laranjeira, s/d, p. 59).

A pesca de arrasto consiste em «(...) varrer o fundo das águas (...)» (Laranjeira, s/d, p. 60). A pesca de chinchorro é uma técnica de arrasto, cuja malha é muito pequena, exigindo uma bateira e cinco homens, e sendo utilizada no arrasto da enguia, solha, linguado, robalo e caranguejo (Laranjeira, s/d, p. 61).

No Município da Murtosa era praticada a pesca de chinchorro na ria. Na freguesia da Torreira, a tripulação era composta por sete homens enquanto na freguesia da Murtosa eram seis tripulantes. A rede tem aproximadamente oitenta metros de comprimento e o saco que se encontra a meio da rede seis metros (Murtosa, 2013). O chinchorro, barco, é impulsionado por remo, sendo a rede largada pela ré, com o barco a fazer uma trajetória circular para fazer o cerco. Se a maré estivesse a encher, a rede era largada no sentido da corrente, se estivesse a vazar invertia-se o lanço. Por fim, os homens puxavam a rede e escolhia-se o peixe. Na pesca de chinchorro capturava-se muitas espécies piscícolas como solhas, enguias, mujos, robalos, caranguejos. Recolhida a rede era novamente colocada no barco, para reiniciar o processo (Murtosa, 2013, pp. 16-17).

O aparelho de pesca físga é um aparelho de mão que é proibido todo o ano porque possui “dentes” afiados numa vara de metro e meio. Apesar de ser proibido é uma das artes mais utilizadas principalmente na pesca ao candeio (Laranjeira, s/d, p. 62). A pesca ao candeio recorre a « (...) lanternas luminosas que encadeiam o peixe (...)» (Moreirinhas, 1998, p. 53). Apesar de ser um pesca mais noturna, Moreirinhas observou durante o dia e junto das margens, a chamada pesca às cegas, na qual o pescador atira a físga aleatoriamente, conseguindo ou não

apanhar peixe (Moreirinhas, 1998, pp. 53-54). Como foi referido, este aparelho de pesca está proibido pois pode ferir as espécies pisícolas (Laranjeira, s/d, p. 62).

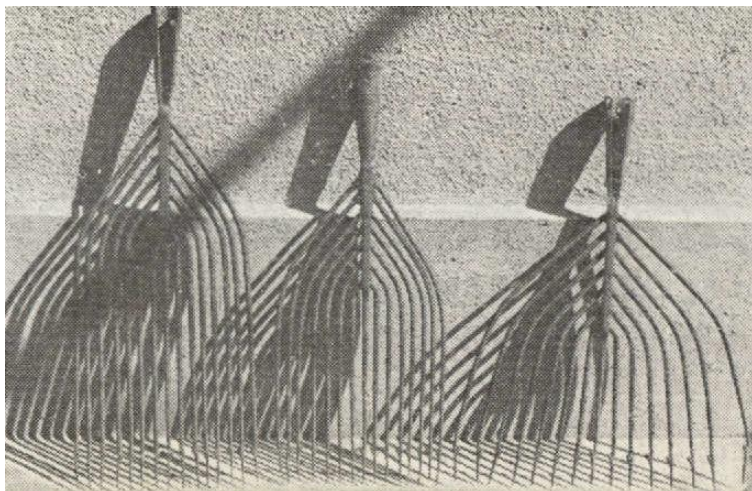


Figura 7- Fisga. Fonte: Eduardo Lamy Laranjeira. A Ria de Aveiro: Barcos E Artes De Pesca. (s/d).

A apanha do berbigão e amêijoas é cada vez mais usual e rentável. Esta apanha é feita com um berbigoeiro que consiste num ancinho com um saco, que é arrastado no fundo da ria. Já o burrié é apanhado à mão em zonas lodosas (Moreirinhas, 1998, pp. 59-60). Neste momento a apanha de bivalves é a fonte de rendimento de muitas famílias no município da Murtosa, ainda que muitas pessoas façam a apanha ilegalmente. (Pereira, 2016, p. 42).

No mar, a arte da pesca é a xávega, palavra com origem no árabe “xabacca” que significa rede (Murtosa, 2013, p. 24). Segundo Moreirinhas esta arte distribui-se em oito praias pertencentes à capitania do porto de Aveiro: Torreira, Torrão do Lameiro, Furadouro, Maceda, Vagueira, Areão, Poço da Cruz e Praia de Mira (Moreirinhas, 1998, p. 60). A xávega é uma arte de cerco e arrasto. O barco utilizado na arte xávega tem por nome barco xávega, possuindo dois remos e nove metros de comprimento, com uma tripulação que varia entre sete a nove homens (Murtosa, 2013, pp. 26-27).

Até finais do século XX, era utilizada a tração animal para a largada do barco no mar, para puxar as redes e o barco de volta ao areal. Este trabalho era feito pela raça marinhoa, distinguida pela sua cor avermelhada e conhecida pela sua força. Esta mesma raça era utilizada na agricultura (Murtosa, 2013, pp. 28-29). É icónica a referência de Raul Brandão a Ferdinand Denis quando este exclamou: «Que estranho país é este onde os bois vão lavar o próprio oceano?!...» (Brandão, 1923, p. 124). E é justamente o que se pode ver nos painéis dos barcos moliceiros: “Estranha gente essa onde bois lavram o mar”.



Figura 8- Painel de Moliceiro: "Estranha Gente Essa onde Bois Lavram o Mar". Fonte: Memórias. 30 ANOS A PINTAR A RIA. JOSÉ DE OLIVEIRA (2019).

Alguns pescadores, nomeadamente João Vieira, mais conhecido como João da Calada, pescador da xávega na Praia da Torreira, possuíam a sua junta de bois. João possuía quatro bois ou seja duas juntas de gado marinhão, estando, no entanto, a seu encargo seis juntas ou seja doze bois marinhões. As juntas de gado que os pescadores não possuíam tinham de ser contratadas, algumas vinham do outro lado da ria, da freguesia do Bunheiro. Os seus proprietários, a maior parte deles lavradores, recebiam conforme o que rendesse aos pescadores, o peixe na lota desse dia (Murtosa, 2013, p. 29).



Figura 9-Bois Marinhões na Praia da Torreira. Fonte: Recriações da Xávega e do Chinchorro (2013).

O barco era deslocado até a água com a ajuda dos bois marinhões que o iam puxando. O pescador ia colocando rolos em madeira debaixo do barco, para que este deslizasse. Na ré do barco era encaixada a muleta: um toro de madeira com abertura em V que servia para empurrar o barco, sendo a força na muleta feita por outra junta de bois (Murtosa, 2013, pp. 36-37).

Quando o barco entrava na água, os seus tripulantes ocupavam os seus remos e a rede era lançada, à ré do barco, a cerca de 600 a 800 metros da praia. Com a rede lançada o barco voltava, por fim, ao areal puxado pelas juntas (Murtosa, 2013, pp. 40-41). Na hora de puxar as redes, eram novamente os fieís bois marinhões que as puxavam, e à chegada do saco, dois homens amarram uma corda à volta da boca do saco, não só para que o peixe não fugisse, mas também, e mais importante, para que a rede não se enterrasse e não se danificasse (Murtosa, 2013, pp. 43-47). Com o saco já no areal, aquele é aberto e o peixe colocado em cabazes e levado para a venda. Na Praia da Torreira a rede trazia maioritariamente sardinha, carapau, tainha, robalos e cavalas (Murtosa, 2013, pp. 49-51).

Até meados do século XX, os bois marinhões eram indispensáveis ao pescador e sem eles o trabalho tornar-se-ia ainda mais pesado e desgastante. A partir de então, o trator veio substituir gradualmente estes animais e agilizar todo o trabalho (Murtosa, 2013, p. 24).

A pesca é um trabalho onde o sexo masculino é predominante e nos barcos só entram homens. De qualquer modo, o sexo feminino é muito importante e as mulheres possuem um grande companheirismo para com os homens, sendo elas que vendem o peixe do outro lado da

margem (Moreirinhas, 1998, p. 159). Na década de 60-70 do século passado foi muito comum a saída de homens da Torreira para o embarque para a pesca longuínqua, a pesca do bacalhau, que lhes ofereceu melhorias na qualidade de vida (Moreirinhas, 1998, p. 220). Durante esse período, a mulher teve um papel imprescindível, sendo mãe, investidora, pescadora e vendedora e fazendo de tudo um pouco pela sua família (Moreirinhas, 1998, p. 160).



Figura 10- Mulheres arranjar redes na Torreira. Fonte: Ahcravo.com (2010)

1.2.2.2 Agricultura

Em Portugal, até há poucos decénios, as actividades agrícolas constituíam praticamente, com a pesca e o pastoreio, as formas únicas da vida do povo; e ainda hoje elas ocupam um lugar primordial no quadro geral da economia do País, (...). (Oliveira, Galhano, & Pereira, Alfaia Agrícola Portuguesa, 1995, p. 13).

Domingos José de Castro refere cinco produtos principais da produção agrícola da região de Aveiro: vinho, feijão, batata, milho e arroz. O distrito de Aveiro tem abundância de terrenos de pasto o que facilita a criação pecuária (Castro, 1944).

O milho de maçaroca ou milho grosso que teve a sua introdução em Portugal no século XVI, proveniente da América, revolucionou a economia rural e aumentou o rendimento da terra, possibilitando a policultura. Ou seja, para além do milho, o terreno de cultivo podia ao mesmo

tempo levar feijão e abóbora, permitindo um rendimento superior que levou à fixação de população nas regiões de Entre Douro e Minho, Beira Alta e Beira Litoral (Ribeiro, 1991, pp. 191-192).

O Noroeste português é profundamente marcado pelo o cultivo do milho tornando-se um traço característico desta região, o cereal domina por completo a vida rural. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 21).

Do milho, tudo é aproveitado: as folhas e canas já secas servem de alimento para os animais; as espigas antes de secas são assadas na brasa para consumo ou, já depois de secas, o grão é utilizado para fazer farinha para broa de milho e papas de milho; a barba de milho é utilizada para fazer chá com dom curandeiro; e para além de alimento para o Homem é também alimento dos animais (Ribeiro, 1991, pp. 202-203).

Ainda nas décadas de 50,60,70 do século XX, para semear o milho no concelho da Murtosa era necessário lavrar a terra com uma charrua puxada por uma junta de vacas marinhoas. Depois de lavrar era necessário gradear o terreno, isto é, com a grade alisar o terreno para depois semear, com um semeador. No semeador eram postos os feijões e o milho em depósitos separados. O semador podia stambém ser puxado por tração animal (como as vacas marinhoas ou equideos) ou até mesmo pela força humana (Murtosa, 2011, pp. 8-12).

Depois de semeado era necessário sachar, arrancar as ervas daninha, nos meses de julho e agosto era cortada a bandeira, o pendão, que só serve para a fecundação do cereal, que é dado ao gado. Quando sobrava era posta no cabanal que constitui uma armação em forma de cabana composta por varas de pinheiro e eucalipto na vertical, ligadas entre si por ripas horizontais, onde éera depositada a palha do milho armazenada para o gado. Ao mesmo tempo era criado um espaço abrigado onde o lavrador depositava as suas alfaias e o carro de bois para que no inverno estivessem resguardados do mau tempo (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 37).



Figura 11- Cabanal Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).

O milho era cortado com uma foicinha (alfaia com lâmina encurvada e serrilhada) que servia para corte de cereais e ervas (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 259).



Figura 12-Foicinha Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).

Depois de carregado para o carro de vacas, o milho era arrumado no carro com mestria para que não caísse (Murtosa, 2011, pp. 20-22). Chegando a casa ou ao terreno, o milho era descarregado para que à noite fosse cascado. As pessoas colocavam-se à volta do monte de milho, descascavam as espigas, depositavam as maçarocas dentro dos gigos e separavam a palha num monte e mais tarde no cabanal (Murtosa, 2011, pp. 25-27).

As espigas eram depois dispostas na eira de forma a serem malhadas com o “moal”, nome comum no concelho da Murtosa, mais generalizadamente conhecido por malho ou mangual :alfaia de debulha de centeio e milho composta por um cabo e um pírtilgo ligados numa das extremidades por tiras de couro (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 295). Utilizando o “moal” em movimentos sincronizados, os homens e as mulheres faziam com que o grão de milho fosse separado do caroço, separando de seguida os caroços partidos do grão (Murtosa, 2011, pp. 36-38).



Figura 13-"Moal" Monte-Murtosa. Fonte: Foto de Autor (2020).

Como Oliveira, Galhano e Pereira afirmam, no fim da tarefa o milho era reunido por vassouras e levado para as arcas, onde ficava guardado até ser necessário (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 47).

Domingos José de Castro descreve o lavrador da Região de Aveiro como um pequeno proprietário que não possui muitos bens, correspondendo apenas a uma casa e a um pequeno terreno de cultivo, vivendo então somente daquilo que a terra lhe facultava, e estando sempre sujeito às adversidades da natureza. Pode-se afirmar que o lavrador não vivia desafogadamente,

beneficiando porém dos bons anos de colheita para reparar as suas alfaias agrícolas e adquirir mais terras de cultivo (Castro, 1944, p. 145).

Em 1998, Moreirinhas afirma que no concelho da murtosa nomeadamente nas freguesias do Monte, Murtosa e Bunheiro, a agricultura era a ocupação principal a par da criação de gado leiteiro (MOREIRINHAS, 1998, p. 77).

A orla litoral, francamente aberta sobre o oceano, é uma larga baixa onde se situam numerosas povoações de gentes rurais e piscatórias, franjada de praias arenosas, planas, recortadas de penedia, acessíveis e amenas, Ao longo de toda ela, a par e em ligação com a lavoura, tinham lugar, desde tempos muito recuados, duas actividades agro-marítimas extremamente originais: a apanha de algas e a pesca do caranguejo em cardumes- o pilado-, para adubação das terras, que eram primitivamente, e até tempos muito recentes, praticadas fundamentalmente pelos lavradores da região, em vista às lavouras próprias, tendo seguidamente passado para as mãos de outras classes, que vendiam o produto do seu trabalho a esses mesmos lavradores, que entretanto as haviam posto de parte. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1995, p. 19).

O lavrador da Ria de Aveiro, dedicava-se ainda a apanha de moliço, algas para fertilizarem as suas terras.

1.2.2.3 Apanha de Moliço

Essa transformação é devida ao uso que desde longa data têm estas populações de colherem a vegetação da Ria e, conjuntamente com o lodo, a usarem como adubo. (Lemos, 1933, p. 7)

A extração de moliço era uma das muitas ocupações dos homens da Ria de Aveiro.

Moliço é o conjunto de algas aquáticas, que serviam de adubo, juntamente com o lodo da ria para os lavradores fertilizarem os seus terrenos agrícolas (Lemos, 1933, p. 7). Primordialmente a apanha do moliço era realizada por lavradores, porém com a expansão da atividade agrícola, emergiu a profissão de moliceiro que passou a ser o principal fornecedor dos agricultores (Castro, 1943, p. 23). O que não quer dizer, porém, que os agricultores não

fossem ao moliço. Iam muitas vezes para uso próprio e nalguns casos para vender. Moreirinhas refere, a título de exemplo, o Sr. Mateus Vaz da Silva, residente na Bestida, Murtoza, que com 67 anos toda a vida trabalhou a terra, semeou milho, feijão, batata, criou gado bovino e foi ao moliço para fertilizar os seus terrenos. (Moreirinhas, 1998, p. 26).

A apanha do moliço era feita por barco, esse barco utilizado na extração tem o nome de moliceiro, nesse barco trabalhavam dois homens— os camaradas – que possuíam dois ou quatro ancinhos para arrastar o moliço do fundo da ria. Este ancinho com um comprimento de mais ou menos seis metros e um pente de um metro e meio na extremidade com sessenta dentes (Laranjeira, s/d, p. 26).

Os ancinhos de arrasto eram colocados nos bordos da embarcação, e os camaradas vão inclinando os ancinhos conforme a profundidade das águas. Quando o ancinho já se encontra cheio o tripulante do moliceiro, retira-o e despeja o moliço, num procedimento que é repetido inúmeras vezes até atingir um monte de moliço a meio do barco moliceiro que, por vezes, podia transportar 5 toneladas de moliço (Laranjeira, s/d, p. 26).

A apanha de moliço à rola ou arrolado é outro processo de recolha que consiste na recolha do moliço que flutua na superfície (Laranjeira, s/d, p. 27). O moliço arrolado também é aquele que com a maré é levado até à margem (Lemos, 1933, p. 10). Este moliço é recolhido com um ancinho de lavoura que ronda os dois metros de comprimento e um pente que tem cerca de seis dentes, bastante diferente do ancinho de arrasto (Laranjeira, s/d, p. 30).

O moliço pode ser apanhado verde ou seco. O moliço verde é recolhido e carregado diretamente para o carro de bois e posteriormente levado para as terras onde vai ser utilizado como fertilizante. Por sua vez, o moliço para secar é recolhido da ria, mas como possui uma percentagem de água entre os 60 e 82% (Lemos, 1933, p. 9). Por isso, seca junto à margem de onde é descarregado em pequenos montes que facilitam o escoamento da água (Laranjeira, s/d, p. 28). Os sítios propícios à secagem do moliço chamam-se malhadas (Lemos, 1933, p. 9).



Figura 14- Descarga de Moliço. Fotografia: Eduardo Lamy Laranjeira. (s/d).

O barco moliceiro é o barco mais notável da região de Aveiro, trata-se de um barco com 15m de comprimento, sustentado numa ossatura de vinte e uma cavernas, destinado à apanha de vegetação subaquática mais conhecida por moliço (Castro, 1943, p. 9). Apesar de ser destinado privilegiadamente à apanha de moliço, o barco moliceiro tinha muitos outros labores como o transporte de alfaías agrícolas, de animais, bem como das produções agrícolas (Laranjeira, s/d, p. 15).



Figura 15-Moliceiro na Ria de Aveiro, Torreira. Fonte: ahcravo.com (2014).

Raul Brandão refere-se ao barco moliceiro, afirmando: «Não conheço outro mais artístico, mais leve, mais adequado às funções que exerce e à paisagem que o circunda.» (Brandão, 1923, p. 98). De uma elegância única, o barco moliceiro faz-se notar pela sua

inconfundível proa, em meia lua que Laranjeira considera : « (...) semelhante ao contorno duma gaiivota em vôo» (Laranjeira, s/d, p. 13).

O moliceiro objeto de uma beleza ímpar, muito devido às pinturas que tem na proa e na ré, correspondendo a quatro painéis policromados, com diversas temáticas, desde os temas eróticos aos temas educacionais. Sarmiento dividiu os temas destes painéis em cinco grandes tipos: religiosos, jocosos, históricos, sociais e lúdicos, cada um dos quais com diferentes subcategorias (Sarmiento, 2008, p. 239).



Figura 16-Painel Histórico da proa do Moliceiro: O Conquistador. Cais do Bico-Murtosa. Fonte: Foto de autor (2021).

Regra geral, o moliceiro é construído em madeira de pinho, por 2 homens que demoram cerca de 25 dias. Apesar de alguns autores afirmarem que este barco dura apenas cerca de 7 anos (Castro, 1943, p. 9), alguns outros referem que alguns homens da ria se lembram de moliceiros com 20 anos de serviço. (Vilar, 1995, p. 18). A propulsão do moliceiro pode ser feita através do vento e de uma vela trapezoidal com vinte e quatro metros quadrados, por uma vara ou à sirga (Laranjeira, s/d, p. 14).

O mastro do barco moliceiro possui uma altura relevante fazendo que seja mais simples alcançar o vento, já nos dias que não havia vento suficiente para velejar, os tripulantes utilizavam a vara, meio de propulsão, uma vara de pinho com cerca de 6 metros. O tripulante sobe à proa do moliceiro e mergulha a vara na Ria de forma a tocar no fundo, empurra a vara contra o seu peito e o barco vai deslizando (Sarmiento, 2008, p. 135).

Esta forma de propulsão não é única do barco moliceiro, as pequenas embarcações da Ria, bateiras, também utilizam este método. (Sarmiento, 2008, p. 135).

A sirga é um cabo utilizado como meio de propulsão ocasional, é utilizado nas passagens estreitas da Ria, quando o moliceiro navega contra a maré ou contra o vento, os tripulantes amarravam a extremidade do cabo (sirga) aos golfiões, a outra extremidade leva o segundo tripulante pela margem (Sarmiento, 2008, p. 135).

A estes três métodos tradicionais de propulsão do barco, acrescentamos o motor, que veio facilitar a vida dos moliceiros, se outrora os barcos só podiam navegar com certas condições climáticas favoráveis como o vento, o motor veio eliminar todos esses entraves (Sarmiento, 2008, p. 136).

A extração de moliço esteve sempre interligada com a agricultura, por conseguinte, quando a agricultura entrava em decadência, não havia trabalho para os moliceiros, pois não havia necessidade de adubar as terras de cultivo (Sarmiento, 2008, p. 80).

Na segunda metade do século XX, especialmente a partir da década de 1960, a agricultura arcaica e ultrapassada, com consumo excessivo de trabalho e igual encargo da terra, parcelas dispersas, falta de modernização dos processos agrícolas e insuficiente investimento em maquinaria, conjugada com a industrialização e a emigração, conduz ao êxodo rural e à conseqüente escassez de mão de obra. (Sarmiento, 2008, p. 85).

Outrora o Moliceiro «Foi barco, foi casa, foi berço, foi ganha-pão generoso das terras e dos povos ribeirinhos.» (Vilar, 1995, p. 23). Hoje não é possível ver a ria cheia de moliceiros, pois a sua faina praticamente acabou. Em 1995, Jaime Vilar, ilustre murtoseiro, preocupado com o futuro do barco moliceiro, aponta algumas razões para o declínio desta atividade e por consequência para o declínio na construção de novos barcos e na manutenção dos mais antigos. Sucintamente, Vilar indica seis razões principais para o desaparecimento da atividade: a profissão de moliceiro é mal remunerada; a onda emigratória na Murtosa leva muitos para longe desta profissão; os adubos químicos são de mais fácil aplicação; o moliço está em vias de desaparecer; a poluição e o assoreamento da Ria cresce; e, por fim, a madeira de pinho utilizada para os barcos moliceiros, não tem a mesma qualidade de outros tempos (Vilar, 1995, pp. 24-25).

É interessante registar como Vilar diz que: «Um barco moliceiro não cabe no Louvre nem no Prado. Quer casa própria. Quem ousará concebê-la?». A casa do moliceiro continua a mesma – a Ria de Aveiro – já não na sua labuta habitual, mas como barco turístico: “Mas a tradição do moliceiro não desapareceu nem desaparecerá: ela apenas se adaptou a uma nova realidade socioeconómica que irá assegurar a sua conservação e até eventual multiplicação.» (Sarmiento, 2008, p. 110).

Está a ser desenvolvido um trabalho relevante para que o barco moliceiro não se perca tendo a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) anunciado, no dia 15 de junho de 2021, a proposta de candidatura da Construção Naval do Barco Moliceiro, a Património Mundial da Unesco (Costa, 2021). A Câmara Municipal da Murtosa irá reabrir, ainda em 2021, com outras condições de trabalho e desta feita com um centro interpretativo, o museu-estaleiro na Praia do Monte Branco, procurando aproximar a comunidade do turista, contando para tal com o construtor José Rito e com o pintor José Oliveira, funcionando como um museu-vivo. (AveiroMag, 2021).

Por sua vez, o Município de Estarreja anunciou em 2020 a criação de uma escola de construção naval com localização em Pardilhó, freguesia com muita relevância na história da construção de moliceiros, perspetivando a salvaguarda das técnicas tradicionais (Público, 2020).



Figura 17- Construção de Barco Moliceiro. Museu-Estaleiro da Praia do Monte Branco. Fonte: Câmara Municipal da Murtosa (s/d).

Capítulo 2. Do Carro de Bois à Canga.

2.1 O Carro de Bois

O carro de bois era utilizado no dia a dia da população Murtoseira não apenas na agricultura, como foi anteriormente referido, mas também noutras atividades desde a arte xávega na Praia da Torreira ao transporte do moliço até às terras agrícolas. Vergílio Correia menciona que o carro de bois: «(...) é o mais valioso auxiliar do pequeno e grande proprietário, (...)» (Correia, 1917, p. 193).

A partir do momento em que homem começou a cultivar, o corte e transporte de árvores adquiriu grande importância, e para o transporte de troncos o homem começou inicialmente por os rolar, depois arrastar, e posteriormente com a domesticação animal conseguiram usar o boi para esse labor, passando uma corda pelos cornos do boi que arrastava o tronco (Correia, 1917, pp. 194-195). O homem percebeu também que se podia transportar em cima desses troncos então convertidos num estrado e «(...) estavam inventados o trenó e a zorra» (Correia, 1917, p. 195). O mais rudimentar meio de transporte é a zorra, forquilhas puxadas por animais, que se arrasta pelo chão.» (Ribeiro, 1991, p. 69).

A zorra era posta sobre rolos para o transporte de cargas pesadas, terão os rolos levado à invenção da roda? Ou a roda terá sido uma invenção independente deste método? Galhano não obtém uma resposta clara e deixa o assunto em aberto (Galhano, 1973, p. 11).

O carro difundiu-se rapidamente na Mesopotâmia para o Oriente e Ocidente. Podendo ser de duas rodas ou de quatro rodas, na Índia o aparecimento do carro de bois de duas rodas terá sido anterior a 1.500 a.C. Já na Europa o aparecimento do carro de bois de quatro rodas data de 2200-1800 a.C. No Egipto o carro é introduzido em 1700-1500 a.C. O carro no Egipto servia para guerra, caça e transporte de pessoas. Na China, o carro data de 1326-1266 a.C. e eram carros munidos de cabeçalho, puxado por dois ou mais animais (Galhano, 1973, pp. 12-13).

Galhano afirma que os carros de quatro rodas não eram munidos de cabeçalho, por sua vez os carros de duas rodas detinham cabeçalho e eram sempre puxados por dois ou mais animais (Galhano, 1973, p. 13).

Em período romano, os carros de bois possuíam todos cabeçalhos e eram puxados por dois ou mais animais, na sua maioria detinham apenas duas rodas (Galhano, 1973, p. 15).

No período medieval o carro de bois decaí, pois, o boi deixa de ser tão utilizado e o cavalo ocupa o seu espaço como transporte de pessoas, o boi manteve-se em áreas montanhosas e locais sem estradas onde era essencial. Ainda no século XII, a carreta substituiu o carro (Galhano, 1973, p. 15).

As primeiras rodas empregues no carro de bois são rodas feitas em madeira, de pequeno diâmetro, apenas com abertura do eixo, estas rodas têm o nome de roda de disco. Na Europa central as rodas de disco eram compostas por três peças, algumas destas peças demonstram mestria de carpintaria (Galhano, 1973, p. 16).

A roda raiada é também primitiva, utilizada primeiro no Oriente é utilizada na Europa no 1º milénio, o número de raios, diâmetro das rodas variavam, poderiam ser feitas em madeira, forradas a metal ou exclusivamente feitas em metal (Galhano, 1973, p. 16).

Em Portugal o carro de bois é um carro robusto, pesado e muito resistente (Galhano, 1973, p. 11). Em Portugal o carro de bois adquiriu fundamentalmente uma função rural, não adquirindo o impacto tão forte, como no resto da Europa, no transporte de pessoas, devido ao tardio aparecimento de estradas só no século XVIII (Galhano, 1973, p. 7). Porém, em zonas mais a sul e mais planas existem também referências ao transporte de mercadorias de longa distância (Galhano, 1973, p. 8). De facto, em vastas extensões do Interior Centro e Norte do país, a morfologia do terreno era ingreme não se tornava tão fácil a comunicação de carro por longas distâncias e por isso mesmo o carro era mais um utensílio agrícola (Galhano, 1973, p. 8).

O carro de bois era essencialmente rural, porém não deixa de ser utilizado nas cidades para transporte de mercadorias. Fernando Galhano diz-nos, por exemplo, que em Coimbra o carro de bois era imprescindível para levar a roupa para o Mondego e que no Porto, ainda em 1920, os produtos industriais e de comércio eram neles transportados (Galhano, 1973, p. 10). Do mesmo modo, afirma que o carro de rodas largas era utilizado, no Centro Litoral, na ajuda da pesca, «e até, na área da Ria, sobre eles vinham até à água, saído dos estaleiros, os grandes barcos de proa erguida (...)» (Galhano, 1973, p. 10). Galhano está a referir-se à arte xávega e ao auxílio do carregar das redes e dos barcos até ao areal, referindo-se também ao bota-abaixo do barco moliceiro que, depois de sair do seu estaleiro, tinha de ser levado até à Ria.

O carro tradicional português era dividido em cabeçalho: trave do carro, chedeiro: leito ou estrado do carro, chedas: partes laterais do carro que alteiam o leito. E por último constituído por rodado. (Galhano, 1973, p. 20).



Figura 18- Roda Raiada. Foto de autor.2021

2.2 Carro de Bois Português e as suas especificidades.

Em Portugal foram inventariados vários tipos de carro.

Galhano agrupou em quatro tipos principais os carros de bois em Portugal (Galhano, 1973, pp. 20-21):

1º tipo – Chedeiro de leito retangular cabeçalho a todo o comprimento do carro, que inclui o carro saloio, carro litoral do distrito de Leiria, carro Ribatejano, carro Chião Alentejano e Carreta alentejana e Algarvia.

2º tipo – Cabeçalho a todo o comprimento do carro, e chedas arqueadas ligadas a ele formando leito em ogiva, carros com cabeçalho direito ou quase, cabeçalho muito encurvado e leito com rabeiras.

3º tipo – Cabeçalho fendido em grande parte do comprimento e as duas partes abrindo-se em chedas, que inclui o carro do Leste Transmontano, o carro de Barroso e o carro a Sul do Douro.

4º e último tipo – De transição, geralmente com marmelas e emendadas. Rodas com raio e rodas sem raio.



Figura 19- Carro de Bois, Monte-Murtosa. Fonte: Foto de autor. 2020

O carro do Douro Litoral e os carros de chedas ao cabeçalho da região a sul do Rio Douro possuem chedas em ogiva. (Galhano, 1973, p. 58) Os cabeçalhos possuem dois furos verticais que servem para a chavelha. (Correia, 1917 , p. 91).

Os carros possuíam ainda fueiros que estão visíveis a Fig.19, os fueiros são paus aguçados no topo que são distribuídos ao longo do chedeiro como forma de levar maior carga possível, a carga é posta de forma a ficar trilhada nos fueiros, facilitam ainda porque em cargas muito altas o lavrador tem onde passar uma corda para que nada seja desperdiçado. (Ribeiro, 1991, p. 69).



Figura 20- Chavelha no Cabeçalho. Fonte: Foto de autor. 2020

A manufatura dos carros segundo Galhano era encarregue ao carpinteiro da zona em questão, e em alguns casos era o próprio lavrador que se aventurava na manufatura do carro, ou no arranjo de alguma peça que estivesse danificada (Galhano, 1973, p. 123). A madeira utilizada na construção do carro era, em alguns casos, mergulhada em água, porque melhorava a sua durabilidade e permitia maior facilidade em trabalhar e moldá-la. Assim, permanecia de molho um mês e era depois posta a secar à sombra. De qualquer modo, este processo não era indispensável, e muitas vezes a madeira não levava qualquer banho, sendo cortada e posta somente a secar sempre à sombra (Galhano, 1973, p. 123).

2.3 Artesãos de Carros de Bois no Município da Murtosa

No concelho da Murtosa, todos os artesãos que se dedicavam à manufatura dos carros, faziam também cangas e bombas de água (AA.VV., 1984, p. 57). No ano de 1979 existiam pelo menos 5 artesãos no concelho da Murtosa que se dedicavam a estes ofícios: Francisco Redinhas, Joaquim Ferreira dos Santos, Manuel Rebelo, Joaquim Rebelo e Abílio da Fonseca.

O sr. Francisco, natural da freguesia do Monte, aprendeu a arte na freguesia de Avanca que pertence ao município de Estarreja, com o Albino Canito mestre para muitos artesãos (AA.VV., 1984, p. 66). Para construir um carro levava mais ou menos 4 a 5 dias. O carro na Murtosa era composto pelo cabeçalho «que é o centro», chedas: que é (...) onde ficam os fueiros» (AA.VV., 1984, p. 72). As rodas eram constituídas por 3 peças: uma peça ao centro correspondente ao eixo – miul; outras peças designadas cambas; e por fim, para as cambas e o miul se encontrarem era necessário, uma cavilha que tinha por nome relha, que fazia com que as peças ficassem ajustadas umas as outras (AA.VV., 1984, p. 72). Mas nem todas as rodas eram iguais. O sr. Francisco distingui-as em roda estreita e roda larga, servindo a roda larga para o carro não se enterrar na areia (AA.VV., 1984, p. 73). Fernando Galhano também refere, no seu estudo, que na Torreira a roda tinha umas abraçadeiras largas para a junção das cambas ao miúlo (Galhano, 1973, p. 58).

O artesão Joaquim Ferreira dos Santos, natural da freguesia do Bunheiro, aprendeu a arte com o seu irmão. A madeira que empregava no ofício da manufatura dos carros tanto podia ser eucalipto, carvalho ou sobro, correspondendo o tempo de manufatura a cerca de 5 dias (AA.VV., 1984, p. 75). Sobre o comprimento do cabeçalho o artesão referiu que era cerca de 5 metros, mas que «era a vontade do freguês» (AA.VV., 1984, p. 78). Quanto a outros artesãos

no Bunheiro, o sr. Joaquim referiu ainda o seu filho que também faz carros, cangas e bombas. (AA.VV., 1984, pp. 83-84).

Manuel Rebelo, natural do Monte, aprendeu o ofício com o seu pai, utilizando a madeira de pinheiro e de eucalipto como matéria-prima. O artesão referiu ainda que o seu irmão Joaquim Rebelo também exercia a mesma atividade, bem como Abílio da Fonseca, natural de Veiros, Município de Estarreja, e residente no Monte, que também teria aprendido a arte com o seu sogro e seu tio Joaquim Rebelo (AA.VV., 1984, pp. 87-88).

Refira-se ainda que algo que é comum a todos estes artesãos é o facto de o trabalho da terra constituir a atividade principal para todos eles, tratando-se de lavradores que se dedicavam a estes trabalhos nos seus tempos livres, nomeadamente de inverno quando as atividades da lavoura acalmavam.

2.4 Jugo ou Canga

«O boi é o maior amigo do lavrador, o objecto dos cuidados da casa, e que tem um aspecto venerável, inteiramente sagrado.» (Vasconcellos, 1881, pp. 26-27).



Figura 21- Lavrador com a sua vaca marinhoa. Fonte: Jorge Bacelar. 2013.

O boi é o animal mais importante de uma casa agrícola e por isso mesmo o lavrador escolhe as alfaias agrícolas mais ricas para o adornar são elas chamadas de canga ou jugo (Mattos, 1943, p. 15).



Figura 22- Vaca Marinhoa. Foto de autor. 2021.

Tanto o jugo como a canga servem de sistema de atrelagem dos bois para com as outras alfaias agrícolas como, por exemplo, o carro de bois. Julga-se que este sistema de atrelagem tenha surgido na Ásia Ocidental, para facilitar a junção de dois bovídeos ao carro (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 7). Data de 2.600 a.C. a figuração mais antiga que se conhece da representação do jugo, consistindo numa estatueta de bronze encontrada em Tell Agrab, no Iraque, onde está representada uma quadriga, cujos animais se encontram ligados por uma trave pousada no cachaço (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 7).



Figura 23- Quadriga encontrada em Tell Agrab 2.600 a.C. Fonte: Ibrazz.org 2021.

Oliveira, Galhano e Pereira concluem que de um modo geral, os exemplares mais antigos da canga e do jugo são muito simples, constituindo traves de madeira, sem qualquer cuidado (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 8).

Franskowski considera Portugal o país com maior variedade no modo de jungir bois (Frankowski, Março 1916, p. 35). Refere também Braungart enquanto primeiro autor particularmente interessado no modo de jungir bois, registrando e classificando as diferentes formas de jungir: jugo germânico, onde a ligação é feita pelos cornos do animal; jugo romano onde a ligação é feita pela jugular; e o jugo eslavo de tração às espáduas (Frankowski, Março 1916, p. 34).

Aranzandi discorda da classificação de Braungart e faz a sua própria distinção a partir, não de critérios geográficos, mas de critérios relacionados com a mecânica funcional dos jugos e cangas, dividindo-os em: jugos de cornos; jugos de arcos; jugos de canzis e jugos de caixilho. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 9).

Por sua vez, também Oliveira, Galhano e Pereira discordam desta classificação de Aranzandi, uma vez que o jugo de arcos e o jugo de canzis se inscrevem no mesmo sistema que é o sistema jugular. Já a distinção de Braungart, apesar de válida para estes autores, apresenta alguns problemas, sendo o mais evidente a organização por geografias que leva a crer que não se pode encontrar as várias formas de jungir em diferentes regiões o que é uma falsa premissa. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 9).

Outro estudo a considerar, é um estudo alemão: Ethnologisches Kommission für Geschichte und Entwicklung der europäischen Landwirtschaft, a que os autores fazem referência. Este estudo faz a divisão dos jugos, pelos sistemas de tração: cachaço ou pescoço: sistema jugular, jugos de cabeça: sistema cornal e jugos de espáduas. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 10).

Oliveira, Galhano e Pereira, organizam o esquema de tipologias dos jugos em Portugal, que podem consultar na figura. 24 (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 10).

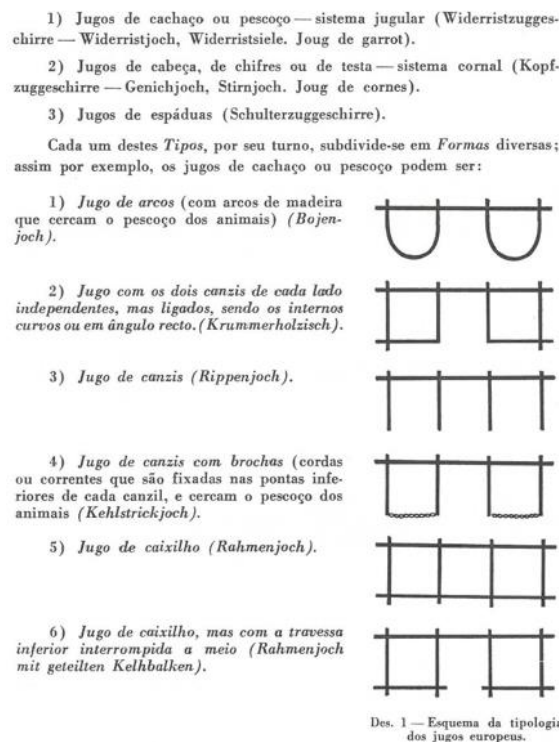


Figura 24- Esquema da tipologia dos jugos europeus. Fonte: Oliveira, Galhano & Pereira 1973, p.10.

Oliveira, Galhano e Pereira afirmam que em Portugal são usados em conjunto o sistema cornal e o sistema jugular, não existindo, porém, o sistema de espáduas para bovídeos apenas para equídeos (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 11).

Quanto à sua morfologia, o jugo possui duas formas principais: jugos de trave e jugos de tábua. Os jugos de trave são feitos de um barrote grosso, baixo e liso, possuindo apenas os entalhes e furos necessários. Em contraponto, os jugos de tábua saem de uma prancha espessa e alta, possuindo obviamente os furos necessários à sua funcionalidade, mas apresentando, no entanto, a particularidade da sua ornamentação, usual no Noroeste, desde o Minho até Sul do Vouga (Oliveira E. V., 1988, pp. 3-4). Dentro da forma de trave possuímos três estilos

diferentes: trave simples, trave com molhelhas e trave com canzis e brochas. Já em relação à forma de tábua registam-se também três estilos: variante do Minho, variante de Vila da Feira e da Maia, e Variante de Ovar (Oliveira E. V., 1988, pp. 4-11).

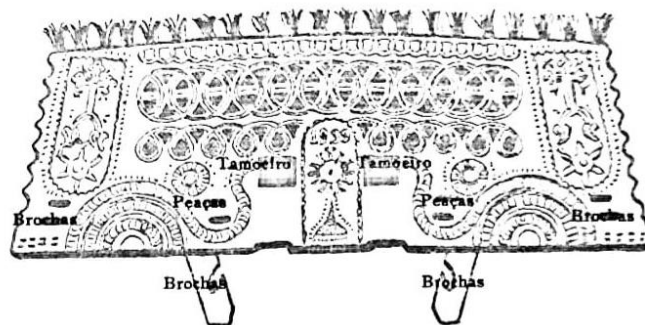
O jugo ou canga possuem muitas vezes canzis ou cangalhos. Canzis é a denominação que Oliveira, Galhano e Pereira dão às hastes em madeira com um ou dois entalhes que servem para o lavrador pôr as correias que evitam que o jugo saía do lugar (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 11). Franskowski por sua vez denomina os canzis de cangalhos, porém a explicação é a mesma, já que servem para prender as correias, sistema jugular, à barbela do boi (Frankowski, Março 1916, pp. 35-36).



Figura 25- Cangalho. Foto de autor. 2021.

Esta correia que faz a ligação entre os cangalhos e o pescoço do boi tem o nome de brocha, podendo ser em couro, corda ou junco (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, pp. 11-12). Se no sistema jugular são utilizadas as brochas, no sistema cornal são utilizadas as piaças, consistindo na correia que é amarrada aos cornos dos bovídeos e ao jugo (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 13).

Em grande parte do território do nosso país são utilizados conjuntamente o sistema cornal e jugular, ou seja, estas duas correias são utilizadas em conjunto, sendo a tração feita tanto pelos cornos como pelo pescoço do animal (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 15). A correia, imprescindível e utilizada tanto nos jugos de tábua como nos jugos de trave, é designada de tamoeiro, sendo amarrada no jugo ou canga de modo a formar um anel que liga a canga ou jugo ao carro de bois (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 12).



Esquema das principais peças do *apetro* que se prendem ao jugo

Figura 26- Esquema das Correias. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.45.

Muito importante também é a chavelha, outro utensílio imprescindível para a ligação do carro à canga. A chavelha é posta na furação da cabeçalha do carro, passando pelo tamoeiro e prendendo o jugo ou canga ao carro de bois (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 36).

Vasconcellos distingue a canga do jugo dizendo que a primeira é mais baixa que o segundo, apresentando uma forma trapezoidal enquanto o jugo apresenta uma forma paralela (Vasconcellos, 1881, p. 31).

Por sua vez, Armando de Mattos distingue as duas designações a partir de critérios geográficos, referindo que para Sul do Douro Litoral os dois formatos têm o nome de canga enquanto para Norte adquirem o nome de jugo (Mattos, 1943, p. 42).

Esquema de classificação de «jugos» e «cangas»
no DOURO-LITORAL:

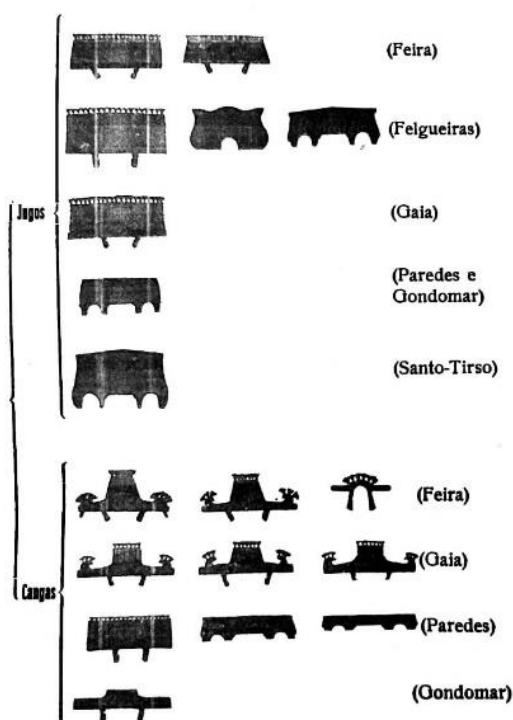


Figura 27- Diferentes Classificações de Jugos e Cangas no Douro Litoral. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.43.

2.4.1 Jugos de trave

Os jugos de trave são os jugos presentes em todo o país com exceção do Noroeste, existindo três tipos de jugos de trave: o jugo de trave simples, o jugo de trave com molhelhas e a canga de trave simples com canzís e brochças.

No jugo de trave simples, a trave pode possuir curvaturas em cima e em baixo, existindo a meio do jugo os rasgos por onde passa o tamoeiro, dois pares de canzís com brochças e piaças, ou seja, este jugo é ao mesmo tempo um jugo de sistema jugular e cornal (Oliveira E. V., 1988, p. 4).

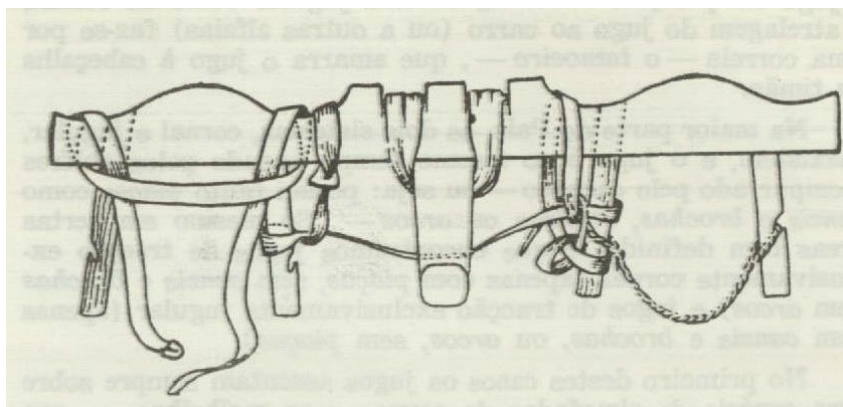


Figura 28- Jugo de trave simples. Desenho: Fernando Galhano 1988, p.4.

O Jugo de trave com molhelhas era utilizado em Trás-os-Montes, Alto Douro, Beira Alta, possuindo piaças e molhelhas sem canzís, ou seja, o sistema é apenas cornal, apresentando as molhelhas franjas de couro (Oliveira E. V., 1988, p. 5).

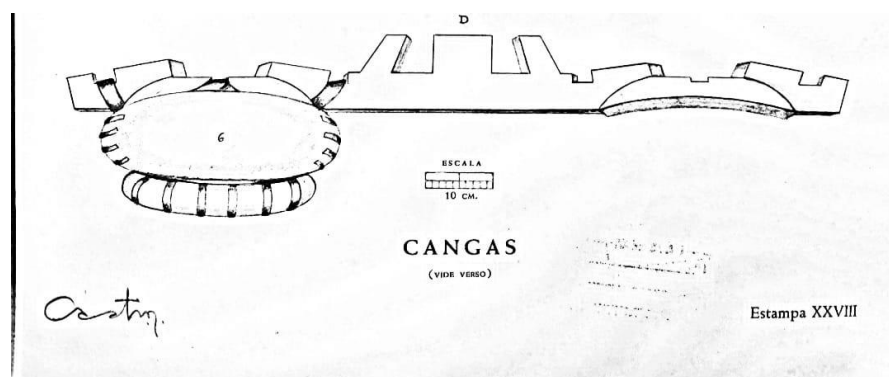


Figura 29- Canga de Molhelhas. Desenho de Domingos José de Castro, Estampa XXVIII.

Por último, dentro das cangas de trave existe ainda a canga de trave simples com canzís e brochas, ou seja, a canga de sistema de tração jugular, que se encontra nas regiões insulares da Madeira e Açores. Refira-se que na Ilha Graciosa e na ilha de Santa Maria nos Açores alguns exemplares possuem motivos gravados (Oliveira E. V., 1988, p. 5).

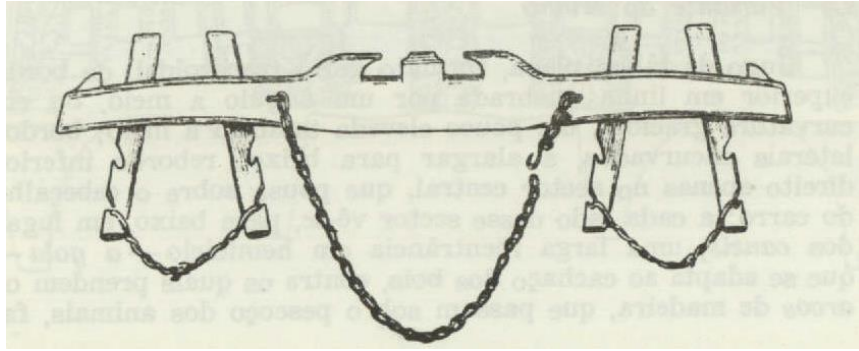


Figura 30- Canga de trave simples, sistema jugular. Desenho: Fernando Galhano 1988, p.5.

2.4.2 Jugos de tábua

Os jugos de tábua são «uma das mais notáveis manifestações da arte plástica ligada à vida rural» (Oliveira E. V., 1988, p. 6), podendo ser encontradas apenas no Noroeste do país, nomeadamente, nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto e Aveiro. Diferem de todos os outros jugos pela sua decoração exuberante, encontrando-se três morfologias diferentes: variante do Minho, variante da Vila da Feira e da Maia e variante de Ovar.



Figura 31- Mapa dos jugos ornamentados. Desenho: Gouveia Portuense 1943, p.19.

A variante do Minho de tábua plana, geralmente trapezoidal, com canzís, brochas e piaças possui geralmente dois sistemas de tração – jugular e cornal –, existindo, porém,

no Minho jugos apenas de tração jugular. Os exemplares de maior dimensão medem cerca de 1.20m de comprimento e 60 cm de altura, sendo que dentro do Minho se registam imensas diferenças nas dimensões e decoração. Existem ainda jugos mais exuberantes que são chamados os jugos de parada, utilizados em alturas festivas e deslocações à vila ou cidades mais próximas (Oliveira E. V., 1988, pp. 7-8). Armando de Mattos chama-lhes jugos de parada ou ajuntada que se mostram nas feiras anuais ou nas paradas agropecuárias (Mattos, 1943, p. 54).

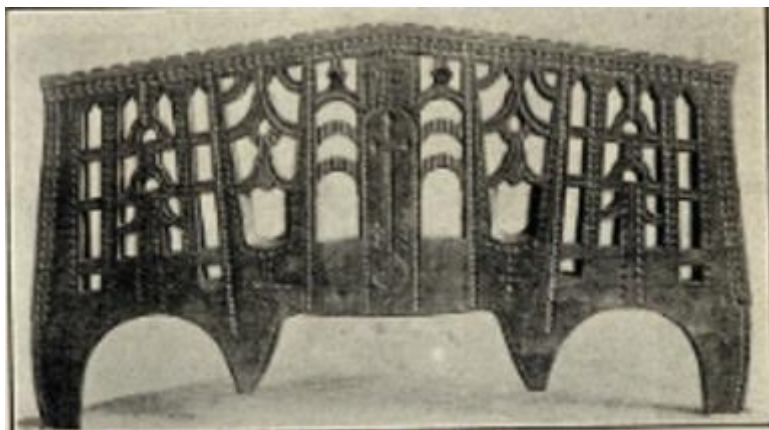


Figura 32- Jugo do Minho - Cidade de Braga. Foto: Eugeniusz Frankowski 1916, p.43.

A variante de Vila da Feira e da Maia corresponde ao jugo de tábua plana, de formato trapezoidal com canzís, integrando-se no sistema jugular e cornal, com decoração do jugo total, apresentando recortes para as correias de couro. No caso específico do jugo de Vila da Feira é perceptível a divisão em três partes: o tema central, e dois laterais com motivos circulares, ramagens, flores (Oliveira E. V., 1988, p. 9)

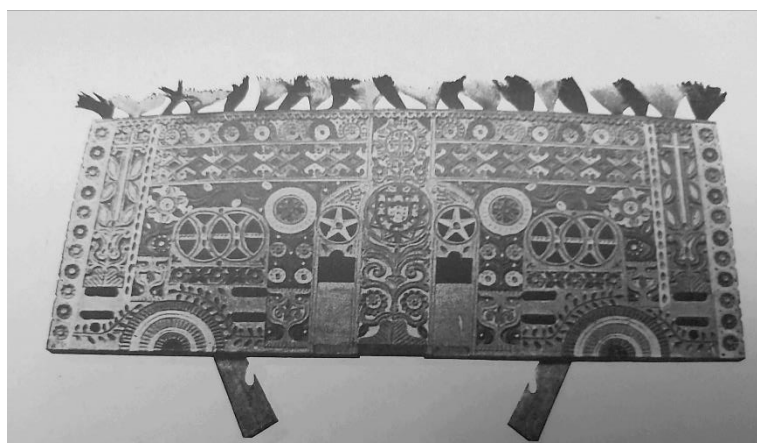


Figura 33- Jugo da Vila da Feira- Espargos. Foto: Armando de Mattos in A Arte dos Jugos e Cangas do Douro Litoral. 1943

Como é perceptível pelo mapa esquema de classificação/distribuição de jugos e cangas (figura 27) coexistiam na Vila da Feira cangas e jugos. A figura 33 apresenta uma canga policromada de Vila da Feira.

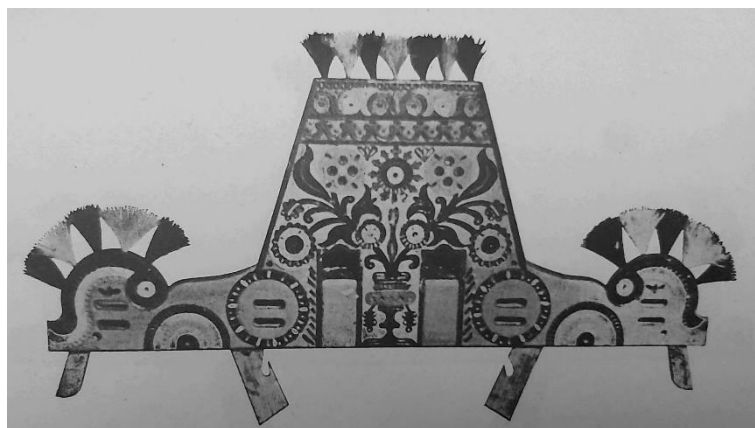


Figura 34- Canga de Vila da Feira- Espargo. Foto: Armando de Mattos in A Arte dos jugos e cangas do Douro Litoral. 1943

Na variante da Maia, o motivo central apresenta-se apenas entre as furas do tamoeiro, sendo o discurso artístico do jugo feito horizontalmente, com inscrição da data e nome do proprietário do jugo numa faixa inferior (Oliveira E. V., 1988, p. 10).



Figura 35- Jugo da Maia. Foto: António Azevedo in Revista da Maia, nº1 janeiro/junho 2017.

A última variante de jugos de tábua corresponde à variante de Ovar que constitui justamente o objeto do presente estudo, compreendendo uma apresentação mais pormenorizada no próximo capítulo.

Capítulo 3. Canga Vareira

O jugo da Ria de Aveiro corresponde à variante de Ovar, sendo designado de canga vareira no Distrito de Aveiro, onde era utilizada nos trabalhos agrícolas e trabalhos da pesca: arte xávega na praia (Oliveira E. V., 1988, p. 11). Constitui uma canga de tábua plana, com uma forma trapezoidal alteada: pente ou castelo, que aparece depois do braço da canga; parte de baixo que é rematada por semicírculos; as luas ou maçãs, sendo toda a canga decorada, tendo as furações necessárias para as correias: tamoeiro, brochas e piaças, ou seja, esta canga tem dois sistemas de tração – jugular e cornal (Oliveira E. V., 1988, p. 11).



Figura 36- Canga Vareira 1960, Murtosa. Foto de Autor. 2021

Tanto na parte superior das maçãs como na parte superior do castelo, a canga possui tufos de crina de cavalo (Oliveira E. V., 1988, p. 11). E de facto, Vasconcellos revela que tanto os jugos como as cangas por vezes eram enfeitadas com cabelos com forma de pincel, onde há uma alternância de cor, preto e branco (Vasconcellos, 1881, p. 31).

Tratando-se de uma canga de tábua, significa que é ricamente decorada e por vezes policromada, com decoração exuberante que cobria toda a sua superfície. O tema principal encontrava-se na zona do pente da canga, correspondendo normalmente o motivo central à sagrada custódia sobre um vaso de flores. No entanto, o escudo nacional constituía também um tema usual (Oliveira E. V., 1988, p. 11). Para além do tema central, a canga

contém, como podemos observar (Figura 36), molduras com flores, ramagens, sendo as próprias maçãs decoradas com frisos e flores, pelo que não existe qualquer espaço vazio (Oliveira E. V., 1988, p. 11).

Depois de muita observação da Canga Vareira, pudemos constatar um aspeto curioso; apesar de ser uma decoração menos cuidada e menos exuberante, a parte traseira da canga é também decorada e, em alguns casos, policromada, possuindo elementos geométricos e podendo incluir o signo-saimão. Por vezes detinha também a data e a assinatura do artesão. No caso da canga da Figura 37, falta a assinatura do artesão e em vez de um signo-saimão é possível observar uma flor.



Figura 37- Parte Traseira da Canga Vareira- 1960. Foto de Autor. 2021.

Vasconcellos explica-nos o significado do discurso artístico da canga: a cruz é um símbolo vivo, ou seja, continua a ser utilizado, e significa para os lavadores uma proteção, para que nada atrapalhe os bois (Vasconcellos, 1881, pp. 40-41); o signo-saimão é considerado «... um dos maiores talismans do nosso povo» (Vasconcellos, 1881, p. 41), sendo utilizado por lavradores, pescadores para afastar coisas más. (Vasconcellos, 1881, p. 41); a sagrada custódia ou a hóstia constituiria um ato de fé (Vasconcellos, 1881, p. 43). O escudo português representado, também, muitas vezes na canga vareira é visto por Armando de Mattos enquanto ornamento que aparece mais a sul do Douro Litoral Este ornamento terá sido entalhado na canga para enaltecer os soberanos que passavam por

aquelas terras, e acabou por ser um motivo de gosto popular e começou a ser utilizado recorrentemente (Mattos, 1943, p. 135).

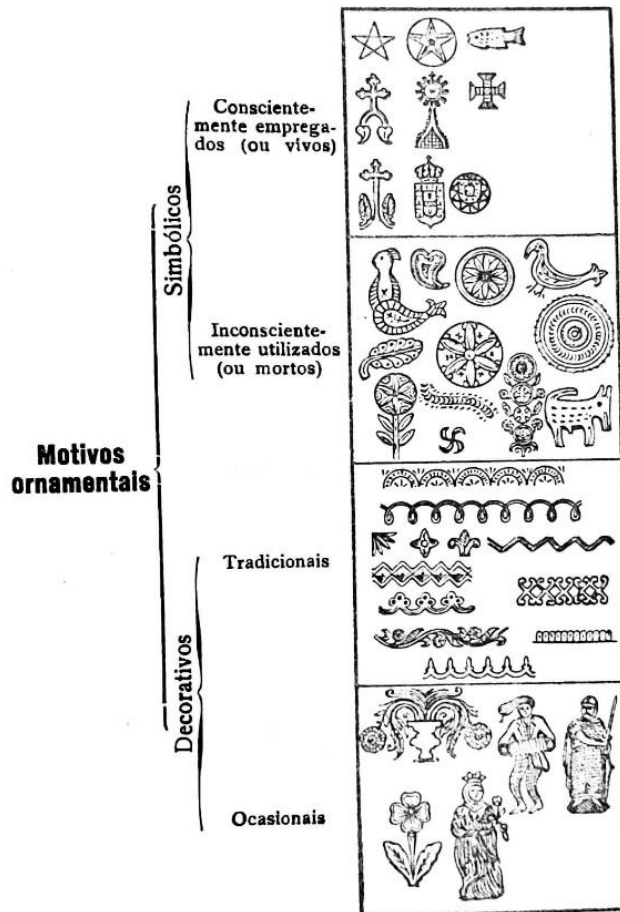


Figura 38- Ornamentos segundo Armando de Mattos. Desenho: Gouveia Portuense p.87. 1943.

Como podemos observar, os símbolos considerados vivos, ou seja, utilizados à época da data do livro 1943 eram o signo-saimão, o peixe, a sagrada custódia, a cruz e o escudo português. O vaso de flores foi considerado por Armando de Mattos como um símbolo ocasional (Mattos, 1943, p. 87). No entanto, com base no trabalho de campo realizado no âmbito do presente estudo, podemos concluir que na região de Aveiro, e nomeadamente na Murtosa, o vaso de flores é um símbolo quase sempre utilizado, ocupando o espaço por baixo do tema central, como é evidente no acervo fotográfico que recolhemos. Nas cangas policromadas as cores utilizadas eram geralmente: vermelho, verde, amarelo, branco, azul, cor-de-rosa e azul-celeste (Oliveira E. V., 1988, p. 11).

À semelhança da canga vareira também a chavelha que como foi explicado anteriormente, era apenas uma peça funcional da canga, tanto na variante do Minho como na variante de Ovar, são decoradas e pintadas. Na variante de Ovar a chavelha era torneada e pintada com várias cores, no topo da chavelha um tufo de crina de cavalo. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 37).



Figura 39- Chavelha Policromada. Bunheiro-Murtosa. Foto de autor. 2021.

A problemática da decoração destes jugos ou cangas continua a ser discutida entre os intelectuais. O jugo de tábuas mais antigo que se conhece data do final da década de 80 do século XVIII, este seria baixo e continha apenas as furações necessárias para as correias. Já os jugos do século XIX apresentam uma fase transitória, os exemplares de grande parte desse século apresentam-se ainda pouco elaborados, contudo perto do último quartel do século referido, apesar de ainda se tratarem de jugos e cangas funcionais, crescem em altura e possuem desenhos elaborados e policromia (Oliveira E. V., 1988, pp. 12-13).

O exemplar decorado mais antigo encontrado até hoje data de 1868, sendo que até aí os jugos e cangas corresponderiam a uma simples trave de madeira (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 82). Oliveira, Galhano e Pereira explicam este fenómeno com a ascensão agrícola que se vivia no século XIX que, associada à melhoria de condições de

vida dos lavradores, permitiu que exibissem a sua riqueza através das alfaias agrícolas, incluindo o jugos e cangas (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, pp. 82-83).

O boi correspondia quase a um troféu para aqueles lavradores que se preocupam em ter o melhor gado da região. Do mesmo modo, os lavradores queriam ter também as mais bonitas alfaias agrícolas para os acompanhar, constituindo esta tradição de alrear e decorar os jugos uma tradição oriunda do Norte do país (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, pp. 86-87). De facto, os autores delimitam o aparecimento deste jugo na região da Maia, Santo Tirso, Barcelos e Braga devido à riqueza dos lavradores, considerando a tradição e as variantes presentes nestas regiões, acreditando que uma das variantes da Maia se tenha difundido para Sul do Douro até Vila da Feira, em resultado dos contatos devido a feiras e festas devocionais muitos constantes durante o ano (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 88).

Os autores acreditam que as cangas de Coimbra são cangas de transição entre a canga de trave simples e a canga vareira, uma forma híbrida. (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 88).



Figura 40- Canga de Transição. Foto: José Luís Santos in A Ornamentação de Cangas e Jugos em Portugal: Estudo sobre o espólio do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques. 2007

Já em relação à policromia, os autores enquadram-na na Ria de Aveiro e estabelecem uma comparação com o famoso barco moliceiro que possui policromia e painéis exuberantes: teria essa policromia passado para as cangas?

Em Vila da Feira são utilizadas as cangas em castelo, também policromadas. Terá a variante de Ovar influenciado na policromia, já que havia trocas comerciais entre as duas cidades? (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 89).

A comparação dos motivos policromados da canga e do barco moliceiro é um tema que os autores deixam em aberto e que se pretende aprofundar no âmbito da presente tese. É curioso verificar que os carros de bois estavam registados e possuíam livrete, sendo regulamentados pelos cantoneiros. Os proprietários dos carros não deveriam sair de casa sem livrete e tinham que seguir regras. Do mesmo modo é usual encontrar nas cangas de trabalho um número de “matrícula”, ou seja, uma chapa com o número correspondente e o sítio onde estavam registadas.



Figura 41- Número Identificativo da Canga. Foto de Autor. 2021

Alguns proprietários, para além de colocar os seus nomes completos e local de residência na canga, também incluíam uma chapa pregada na canga que tanto poderia ser colocada na parte da frente como na parte de trás.



Figura 42- Chapa do proprietário. Foto de autor.2021

No que diz respeito à manufatura da canga – artesãos, madeiras utilizadas, dimensões, ferramentas e técnicas – é um tema que será abordado na terceira parte desta dissertação, a partir das entrevistas realizadas aos lavradores e ao mestre jogueiro Joaquim Ruivo, devidamente enquadradas pelas obras dos autores que temos vindo a referir. Antes importa, no entanto, considerar duas problemáticas que me parecem relevantes: A nomenclatura da canga vareira ou variante de Ovar, conforme referida pela maior parte dos autores; e a eventual ligação desta canga ao barco moliceiro.

3.1 Canga Vareira ou Canga Marinhó?

Decerto que todo este tempo recorreremos à denominação canga vareira ou variante de Ovar, mas, no entanto, esta designação merece uma reflexão. Tanto mais que Marco Pereira, historiador do Município de Estarreja, põe em causa esta designação de canga vareira, considerando que seria mais ajustada a expressão de canga marinhó (Pereira, 2016, p. 41).

Ernesto Veiga de Oliveira, refere-se a esta canga como a canga da Ria de Aveiro (Oliveira E. V., 1988, p. 14). Dentro do território de Aveiro esta canga possui uma maior expressão nos seguintes concelhos: Ovar, Estarreja e Murtosa. Como podemos compreender isso? Ovar evidentemente acaba por lhe dar o nome, mas é nos concelhos de Estarreja e Murtosa que possuímos os jogueiros mais relevantes, e nestes concelhos também que o jogueiro mantém a sua oficina.

Oliveira, Galhano e Pereira visitam uma oficina de jugueiro em Avanca, município de Estarreja, e não de Ovar como consta na legenda da figura, o que é um lapso compreensível, considerando a proximidade do território é realmente muito grande (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 73). Os autores visitaram também um jugueiro na freguesia do Bunheiro do Município da Murtosa, mas nenhum em Ovar, pelo menos não fizeram referência (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 74).



Figura 43- Mapa das freguesias do Município de Estarreja. Fonte: Google Earth .2021

Segundo Domingos José de Castro a produção de cangas profissionalmente estabelecia-se nos concelhos da Feira, Estarreja e Ílhavo (Castro, 1945, p. 247).

Avanca possuiu jugueiros, sendo um deles José Maria de Almeida, mais conhecido como Zé Soeco, que aprendeu esta arte com o seu pai, António Tavares de Almeida, que segundo o seu filho começou por fazer jugos e não cangas em castelo (AA.VV., 1984, pp. 60-61). Albino Canito, referido por outros jugueiros, também é natural de Avanca, tendo tido na sua oficina aprendizes do Município da Murtosa. Um desses aprendizes foi Francisco Tavares Redinhas, mais conhecido como Francisco Marrinhas, que informou que Albino Canito aprendeu com o seu pai como já era tradição de família (AA.VV., 1984, p. 66). Joaquim Ferreira dos Santos, jugueiro do concelho da Murtosa, aprendeu com o seu irmão que foi aprendiz de

Albino Canito. (AA.VV., 1984, p. 75). Poderemos assim concluir que Avanca funcionou quase como um centro de aprendizagem para muitos jugueiros.

Em 1979 existiam no concelho da Murtosa pelo menos seis jugueiros: Francisco Marrinhas, Joaquim Ferreira dos Santos e seu filho, José Marques Rebelo, Joaquim Marques Rebelo e Abílio da Fonseca (AA.VV., 1984, pp. 66-88). Em conversa com Joaquim Tavares dos Santos filho de Joaquim Ferreira dos Santos, mais conhecidos como os Ruivos, posso concluir que os Ruivos não faziam cangas única e exclusivamente para o concelho da Murtosa, faziam para o município de Estarreja: Veiros, Salreu e Canelas, para o município de Albergaria: Angeja e Albergaria, para o município de Aveiro: Cacia e até para o Município de Ovar, nomeadamente para a Praia do Furadouro, que seriam as cangas utilizadas pelas companhias da pesca xávega.

Se esta canga está tão proliferada pelos municípios da Ria de Aveiro e se a atividade dos jugueiros não é exclusiva do seu próprio concelho de residência, penso que chamar-lhe canga vareira não será o mais correto, o autor referido designa-a variante de Ovar. A expressão canga marinhoa seria mais ajustada e consonante com a abrangência territorial que caracterizava esta tipologia. De facto, também Amorim Girão refere na sua obra que tanto o concelho de Ovar e de Estarreja, que naquela altura integrava o atual concelho da Murtosa, se incluem no que o autor chama Borda-de-Água ou Marinha. (Girão, 1922)

Outra justificação para a proposta da designação de Marinhoa recai no facto de ser a canga utilizada nessa mesma raça de bovídeos. Os lavradores possuíam a raça marinhoa em suas casas para trabalhar no campo, mas também para trabalhar na Arte Xávega como na praia da Torreira e também na praia do Furadouro. Esta canga é utilizada para embelezar em grande parte o gado marinhão.

3.2 Similitudes entre a Canga e o Barco Moliceiro

Uma das problemáticas com a qual nos debatemos enquanto escrevíamos este capítulo foi as semelhanças que encontramos entre a canga da Ria de Aveiro e o Barco Moliceiro. Este assunto já foi debatido anteriormente, requerendo, no entanto, um pouco mais de atenção.

Como foi referido, Ernesto Veiga de Oliveira chama a atenção para o facto desta canga decorada e alta existir na Ria de Aveiro, berço do barco moliceiro que detém uma rica tradição de policromia e painéis decorados, considerando que o barco poderá mesmo ter influenciado a canga (Oliveira E. V., 1988, p. 14).

Clara Sarmiento, no seu extenso estudo sobre o Barco Moliceiro, também se debruça sobre esta temática da canga decorada e do barco moliceiro, estabelecendo muitas pontes entre ambos, desde a geografia até aos ornamentos e cores comuns, recordando que o aparecimento dos painéis decorados no barco moliceiro e a decoração da canga vareira têm ambos origem no século XIX (Sarmiento, 2008, pp. 233-235).

Que a canga e o barco moliceiro são retratos de arte popular julgamos que não existem dúvidas, mas será que possuem mesmo uma ligação? Como Sarmiento esclarece no seu estudo, a geografia é a mesma e os mestres construtores dos barcos e os jugueiros chegaram a ter oficinas nas mesmas localidades (Sarmiento, 2008, p. 233). Mas mais interessante que terem oficinas nas mesmas localidades é que chegaram a cooperar entre si. Sabemos, por exemplo, que os mestres Soecos de Avanca pintavam os painéis dos barcos moliceiros, e a demonstração desse facto está no museu Marítimo de Ílhavo, onde se encontram dois painéis assinados por António Almeida: O Soeco (Lopes, 2012, pp. 105-106).



Figura 44- Painel executado por António Almeida, Soeco. Foto de autor. 2021

Era usual os mestres construtores contratarem pintores amadores para realizar as pinturas nos barcos moliceiros, nomeadamente os Soecos de Avanca, considerando que tanto o António Almeida como o José pintavam barcos moliceiros (Lopes, 2012, pp. 104-105).



Figura 45- Painel executado por António Almeida, Soeco. Foto de autor. 2021

Em conversa com José Oliveira, artista plástico murtoseiro e pintor tradicional de barcos moliceiros, ainda em atividade, também ele me confirmou esta informação de que os Soecos mestres jugueiros da freguesia de Avanca do concelho de Estarreja, decoravam o barco moliceiro.

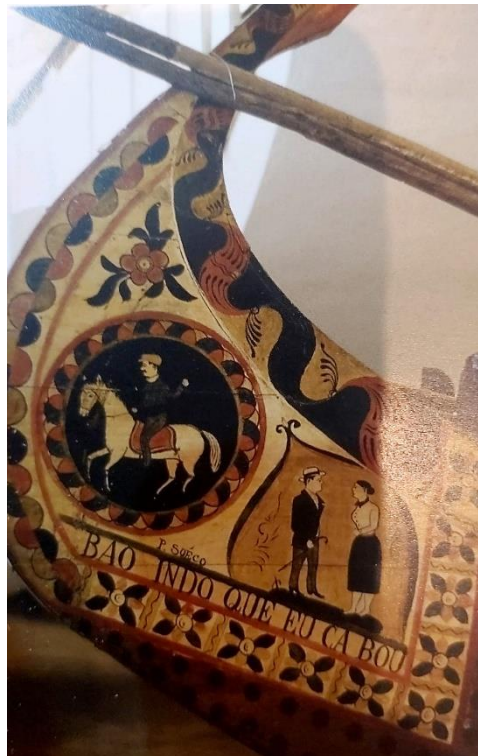


Figura 46-Proa com painel do Soeco. Foto in A memória da Ria: Moliceiros, Ana Maria Lopes, p.105.2012

Ana Maria Lopes refere um pintor amador de barcos, Avelino Marcela, que referiu nunca ter tido formação para pintar painéis, mas que após observar o José Soeco a pintar e criar gosto por esta arte, começou a ajudá-lo e a substituí-lo quando o trabalho era muito (Lopes, 2012, p. 106).

Como foi anteriormente referido, Sarmento chamou a atenção para os motivos comuns existentes na canga e no moliceiro. Os símbolos mais utilizados em ambos é o vaso de flores, signo-saimão, motivos geométricos e florais. (Sarmento, 2008, p. 233). Os motivos eram comuns porque era a icnografia que conheciam e, sendo pintores amadores, tinham de se inspirar noutras pinturas mais antigas que muitas seriam feitas por mestres jugueiros.



Figura 47- Signo-saimão talhado na canga. Foto de autor. 2021.

Vaconcellos na sua obra esclarece que o signo-saimão era utilizado contra o mau olhado (Vasconcellos, 1881, p. 41). Este símbolo é utilizado quase sempre na traseira da canga e é muitas vezes utilizado no barco moliceiro. Avelino Marcela, que ainda pintava na década de 80, confessa a Ana Maria Lopes que a porta da proa leva uma estrela de cinco bicos, a que ele chama “sinaimão” (Lopes, 2012, p. 107). Recordo que este pintor se inspira nas pinturas de Soeco que é mestre jugueiro e talhava nas cangas o signo-saimão.

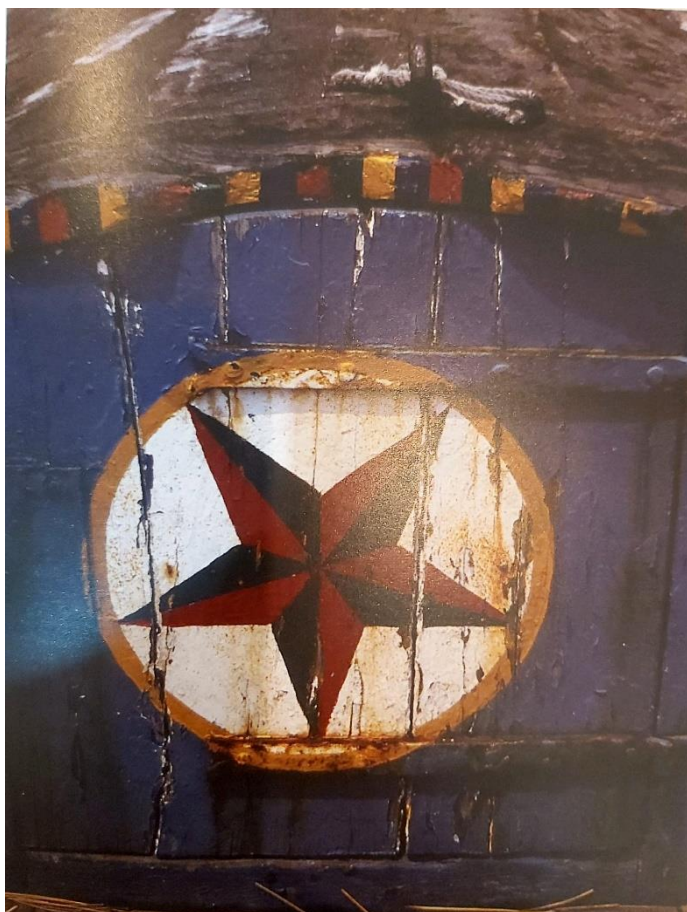


Figura 48- Signo-saimão na porta da proa do Barco Moliceiro. Foto in A memória da Ria de Aveiro: Moliceiros, p. 103, Ana Maria Lopes. 2012.

Outro ornamento em comum é o vaso de flores que tem vindo a mutar-se com o passar dos anos, tanto nos moliceiros como na canga. No barco moliceiro aparece tanto na porta da proa, dos golfiões até a bica, onde se desenhava um vaso com um raminho (Lopes, 2012, p. 107). Na canga também era usual o vaso de flores, fosse por baixo do motivo central, fosse lateralmente, Domingos José de Castro faz uma recolha dos elementos decorativos da canga nomeadamente do jugueiro Soeco e também motivos decorativos do barco moliceiro.



Figura 49-Bica da Proa com vaso de flores. Fotografia in A memória da Ria: Moliceiros, pág 105. Ana Maria Lopes. 2012.

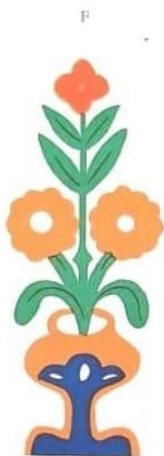


Figura 50- Vaso de Flores da Canga. Estampa XLVIII, Domingos José de Castro.

A figura 50 corresponde ao vaso de flores que se podia encontrar nas cangas do Soeco de Avanca, conforme foi registada na Estampa XLVIII dos Estudos Etnográficos de Aveiro de Domingos José de Castro.



Figura 51- Vaso de Flores do barco Moliceiro. Estampa XLV, Domingos José de Castro.

A figura 51, representa também um vaso de flores, neste caso relativo aos barcos moliceiros, confirmando a semelhança com os representados nas cangas, apesar de num caso ser talhado e noutro apenas pintado.

José Oliveira defende que o vaso de flores é a prova da ligação artística da canga e do moliceiro, quando refere «(..) volto a dizer que as flores e o vaso de flores que aparecem nos moliceiros e as formas geométricas, vêm das cangas sem dúvida nenhuma.». Assim, as formas geométricas e as flores presentes ao longo de todo o moliceiro e nas cangas têm segundo José Oliveira, o mesmo princípio artístico e, pese embora a evolução das técnicas – hoje já não possuímos as mesmas flores que o Soeco reproduzia – tanto as formas geométricas como os ornatos têm origem comum.

José Oliveira não tem dúvidas de que a canga influenciou os ornatos do Moliceiro. Mas será a canga decorada anterior ao Moliceiro decorado? Como referido anteriormente, Sarmento elucida-nos que tanto a canga decorada como o Moliceiro decorado aparecem no século XIX e Veiga de Oliveira já tinha datado o primeiro exemplar conhecido de canga decorada em Portugal correspondente a 1868 (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 82).

Relativamente ao Moliceiro, Sarmento é bastante clara na primeira referência escrita aos painéis dos barcos que remete para a década de 80 do século XIX, acrescentando numa associação curiosa: «(...), ou seja, pouco mais de dez anos após o exemplar mais antigo de canga decorada (...)» (Sarmento, 2008, p. 235).

Importa lembrar sempre que podemos considerar o moliceiro também uma alfaia agrícola, tratando-se de um barco construído por agricultores, «Sendo ambos originariamente alfaias dos lavradores locais, (...)» (Sarmiento, 2008, p. 235). De facto, o moliceiro é também uma alfaia agrícola que servia na recolha do moliço, moliço esse que era importantíssimo para adubar os seus terrenos.

Tanto o exemplar mais antigo conhecido de uma canga de tábuas como o painel mais antigo que se conhece datam ambos do século XIX, coincidindo com a ascensão agrícola em Portugal na sequência das reformas agrárias de Mouzinho da Silveira (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 85). As melhorias das condições de vida e de produção dos lavradores traduziram-se numa maior ostentação através das suas alfaias agrícolas, fossem elas cangas ou moliceiros que, recorde-se, em nenhum caso necessitavam de ser decorados ou pintados para a cumprir a sua função (Sarmiento, 2008, p. 235).

É provável que estas duas alfaias agrícolas estejam interligadas artisticamente, até porque o discurso iconográfico está dividido da mesma forma: um tema central que está integrado numa narrativa de frisos e elementos geométricos. (Sarmiento, 2008, p. 234). Se primordialmente o proprietário da canga era o mesmo do barco moliceiro, a maior semelhança que têm é exatamente o proprietário. Se a canga aparecia associada ao embelezamento do boi, que era o animal mais importante numa casa de lavoura, já que sem ele o trabalho do campo tornar-se-ia ainda mais árduo e penoso, se o lavrador gostava de possuir um bom animal e ornamentá-lo porque não faria o mesmo com o seu barco?

Ainda que não se possa afirmar que a canga é a grande inspiradora dos motivos do barco moliceiro, é forçoso concluir que há uma relação muito expressiva entre ambas as alfaias.

Parte II
Capítulo 4.
Entrevistas aos Lavradores e Pescadores Locais.

4.1 Metodologia, tipo de entrevista e critérios para a seleção dos entrevistados.

Com a presente dissertação pretende-se contribuir para o estado da arte do tema das cangas e do património popular através do trabalho de campo e da recolha de informação junto das comunidades locais. Este propósito confere grande importância metodológica às entrevistas a realizar junto de interlocutores previamente selecionados. Em termos metodológicos consideraram-se as diferentes alternativas passíveis de serem realizadas: entrevista diretiva ou estruturada; Entrevista não-diretiva ou não estruturada; entrevista semiestruturada ou semi-diretiva.

Na **entrevista diretiva ou estruturada** o entrevistador tem um guião rígido a cumprir e todas as perguntas possuem uma ordem lógica, para que a conversa se mantenha no foco apresentado. As perguntas são diretas, de fácil formulação para o entrevistador e de fácil resposta para o entrevistado (Pombal, Lopes, & Barreira, 2008, p. 14).

No caso da **entrevista não-diretiva ou não estruturada** não existe um guião, apenas sendo proposto um tema ao entrevistado que produz todo o discurso. O entrevistador só encoraja a entrevista. Apesar desta forma dar toda a liberdade ao entrevistado é provável que este se perca no tema e fuga do propósito do entrevistador (Pombal, Lopes, & Barreira, 2008, pp. 14-15).

A terceira técnica é a **entrevista semiestruturada ou semi-diretiva** que junta as outras duas técnicas, ou seja, o entrevistador conhece profundamente o tema que propõem ao entrevistado, mas deixa sempre perguntas em aberto para que haja uma maior recolha de informação (Pombal, Lopes, & Barreira, 2008, p. 15).

A realização de entrevistas compreende ainda alguns aspetos fundamentais. Para que a informação seja o mais fiel possível, a entrevista deverá ser gravada com o devido consentimento do entrevistado. Deve-se ainda escolher um local apropriado para o objetivo do estudo e tentar conciliar o tempo disponibilizado pelo entrevistado com a duração da entrevista (Pombal, Lopes, & Barreira, 2008, pp. 16-17).

Para a realização deste projeto de investigação, optou-se pela utilização da **entrevista semiestruturada**, preparando-se um guião de base, com perguntas diretas, a partir das quais é sempre dado tempo para a outras abordagens por parte dos entrevistados, as quais, por sua vez, sugerem novas questões e perguntas não previstas no guião.

O Guião foi preparado com perguntas chave que se alteravam conforme as circunstâncias particulares e experiência de cada entrevistado. Tanto para os lavradores, pescador, artista plástico como para o artesão o critério foi sempre o mesmo informar-me e investigar e só depois criar um guião semiestruturado.

4.2 Método análise entrevista

As entrevistas foram realizadas a 13 pessoas: um artesão, lavradores, um pescador e um artista plástico. Desde o início que foi considerado primordial entrevistar um artesão que se dedicasse à manufatura da canga nos dias de hoje, bem como outras pessoas que trabalhassem ou tivessem trabalhado no setor primário, que poderiam enquadrar e explicar a utilização e outros processos associados à canga. Considerou-se também oportuno entrevistar um artista plástico que estivesse por dentro da temática e que poderia responder a algumas questões artísticas.

Todas as entrevistas foram gravadas (áudio), previamente autorizadas pelos entrevistados, e transcritas para uma análise mais fácil. As treze entrevistas estão gravadas e serão anexas ao presente volume da dissertação. Após as transcrições as entrevistas foram relidas em detalhe para perceber as matrizes e temáticas mais significativas.

4.3 Dados Obtidos

Todos os entrevistados possuem idade compreendidas entre os 50-85 anos, sendo que dos treze entrevistados apenas três são mulheres. Nem todos os entrevistados trabalham diretamente com o setor primário, como são os casos de Martinho Cunha (serralheiro-montador), António Henriques (engenheiro agrícola), ambos profundamente ligados à vida do campo (devido aos seus pais que eram lavradores da freguesia do Monte e que foram desde tenra idade postos ao trabalho do campo), bem como José Oliveira (artista plástico), homem profundamente ligado a Ria (onde o avô e o pai foram moliceiros), pintor de barcos moliceiros e extremamente conhecedor das temáticas apresentadas. Apesar destes três homens não estarem diretamente ligados ao setor primário, são de uma geração mais jovem que poderia facultar outro tipo de informação,

sendo a visão artística de José de Oliveira fundamental para tratar as ligações da canga ao barco moliceiro.

Dos sete restantes entrevistados, seis deles são lavradores ou trabalharam outrora na agricultura e um é pescador com atividade na Ria e no mar, nomeadamente na arte xávega na Praia da Torreira, onde trabalhou com gado marinhão. Seis dos entrevistados utilizavam a raça marinhoa para o árduo trabalho no campo, cinco utilizavam as vacas turinas como Ihe chamam, raça frísia, e um deles utilizava as duas raças no trabalho a efetuar. Quanto ao trabalho que produziam com a raça marinhoa ou turina as respostas são diversas: lavrar, gradear, semear, serviço de transporte, arte xávega. Todos eles possuíam carro de vacas e todos eles utilizavam a canga.

Foram registadas duas formas de cangar na Murtosa: pôr a canga imediatamente no cachaço das vacas e conduzi-las até ao carro; ou pousar o carro numa escora (nada mais nada menos que um espeque introduzido na segunda perfuração do cabeçalho do carro), aproximar e posicionar as vacas lado a lado, colocação da canga e retirar a escora.

Em relação aos arreios, as informações obtidas são consensuais: brocha para o pescoço da vaca ou boi; tamoeiro faz a ligação da canga ao carro e é imprescindível; as açamas parece-nos um termo muito local, as açamas são as piaças: correia de sistema cornal. A chavelha torneada é posta no tamoeiro e na perfuração do cabeçalho do carro, constituindo um utensílio com uso e função, não meramente decorativo. A chavelha permitia que a canga não se movesse, ficasse fixa. Estas duas questões das correias e chavelha são completamente consensuais entre os entrevistados.

A madeira empregue nas cangas, conforme foi referido pelos entrevistados, era maioritariamente eucalipto.

É unanime que todos eles conheciam os artesãos Ruivo e praticamente todos têm pelo menos uma peça dele em casa, seja cangas antigas ou dos anos 2000.

Também é unanime que quem escolhia os desenhos das cangas era o artesão, apesar dos lavradores e pescador terem um gosto pelos símbolos tradicionais normalmente não faziam pedidos especiais. «Não, limitou-se ao desenho existente. Era uma prática cada um dos artesãos tinha um modelo de cangas, geralmente os agricultores adaptavam-se e compravam o que o artesão fazia.» (Henriques, A. 2021).

A preferência por cangas pintadas ou envernizadas é o tema talvez mais equilibrado: cinco dos entrevistados preferem as cangas pintadas; cinco preferem as

cangas envernizadas; e apenas um preferia as cangas ao natural, isto é, sem qualquer tipo de acabamento. É interessante verificar que a maior parte dos lavradores referem que na Murtosa não era assim tão usual a canga ser pintada, em especial aquelas adstritas ao trabalho agrícola, sendo mais frequente na Praia da Torreira.

Mais uma vez é consensual que todos pretendiam ter uma canga bonita e de boa qualidade, considerando-a o espelho do lavrador e a primeira coisa que reparavam na junta de bois ou de vacas. «Sim, muito, porque era a apresentação da junta, enfim era a apresentação da parilha, era essencial ter uma canga bonita, estimada e bem-apresentada.» (Cunha, M. 2021).

A canga poderia não ter apenas um uso e função agrícola, sendo também utilizada em rituais curandeiros, acreditando-se que a canga ajudaria a curar o trasorelho (papeira). Para tal, cangavam-se o doente com outra pessoa, normalmente do sexo inverso, nove voltas, repetindo a expressão: «Tizorelho Vae-te d'aqui, Que bois e vacaas cangam aqui» (Vasconcellos, 1881, p. 27). «Lembro-me de ouvir falar, nunca andei com isso, nem nunca vi. Contava-se isso que juntavam-se duas pessoas a que tinha o trasorelho e outra, punham a canga no cachaço, mas eu sei lá.» (Amador, R. 2021).

Todos os entrevistados guardam pelo menos uma canga, como recordação, em suas casas, como elementos de adorno, ou apenas penduradas nas garagens, só para os relembrar da vida que tinham e de como aquela alfaia os acompanhou a vida inteira. «Prontos para nós como era dos meus pais tem um valor até sentimental, não é o valor da canga, mas é um valor sentimental! Tem sempre um valor.» (Miranda, M. 2021).



Figura 52- Mapa de Palavras. Wordart. Elaboração Própria.2021.

Possuíam todos os apetrechos necessários: brocha, açamas, tamoeiro e chavelha.

Conheciam todos eles os artesãos Ruivo, devido a importância destes dois jogadores no Município mesmo que não tivessem cangas feitas por eles, tinham mandado remendar, ou mesmo restaurar as deles antigas ao Joaquim Tavares dos Santos.

Não escolhiam a decoração da canga até porque muitas vezes o artesão já tinha cangas standard, normalmente o lavrador levava aquilo que já estava pronto, não podiam ficar sem canga se isso acontecesse não conseguiam fazer o trabalho do dia-a-dia.

Naturais, pintadas ou envernizadas as cangas eram sempre decoradas evidentemente que havia diferenças na decoração o entalhe de artesão para artesão era diferente.

Sem exceção todos eles exigiam uma canga bonita e de boa qualidade eram as suas reputações enquanto homens de trabalho que estavam em jogo, a canga funcionava como espelho, se tivessem uma canga bonita, bem arreada, com bons animais ao carro era sinal de empoderamento.

A canga não tinha rituais sagrados que se saibam, no entanto, acreditava-se ser curandeira na cura do trasorelho (papeira) como foi referido.

Todos eles veem a canga como uma recordação do passado, uma lembrança dos tempos que já não voltam, apesar de terem trabalhado arduamente, todos os dias, com

aquelas alfaias, aquelas alfaias são as vidas deles, e por isso é que as guardam religiosamente, existe uma ligação afetiva muito forte.

Capítulo 5.

O homem, o espaço e o tempo.

5.1 A vida e a arte de jogar de Joaquim Ruivo

O jogueiro é aquele que faz a canga ou o jugo. Para Domingos José de Castro, «O jogueiro é, assim, o artífice indispensável que tem por missão revestir de galas a Pesca e Lavoura com a nota decorativa que realça a sujeição dos bois de trabalho» (Castro, 1945, pp. 247-248).

O último jogueiro do concelho da Murtosa a manufaturar a canga “vareira” é o sr. Joaquim Tavares dos Santos, mais conhecido como Ruivo. Foi através das várias entrevistas realizadas que conhecemos melhor este jogueiro. Toda a informação constante nesta dissertação sobre o Joaquim Tavares dos Santos foi disponibilizada pelo próprio através de entrevistas gravadas.

O ofício de jogueiro era um ofício rural, feito em casa, familiar e, normalmente, a aprendizagem das artes de jogueiro ocorria dentro da família, aprendia-se com o pai, algum outro familiar ou, até mesmo, com vizinhos (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, pp. 75-76). Os jogueiros viviam geralmente em zonas rurais, constituindo, grande parte das vezes, lavradores que aprenderam este ofício e o praticaram durante o inverno quando o trabalho na lavoura amainava (AA.VV., 1984, p. 57).

O Sr. Joaquim Tavares dos Santos em tudo se revê neste quadro. Tem hoje 77 anos, nasceu a 29 de agosto de 1944, é natural da freguesia do Bunheiro e reside na mesma freguesia, na Travessa do Agro. Foi apenas com a tenra idade de 15 anos que começou a dar os primeiros passos na manufatura das cangas e jugos, estendendo a sua atividade também aos carros de bois, bombas de água, grades, fazendo um pouco de tudo. Chegou inclusivamente, enquanto ajudante do mestre Manuel Raimundo, a exercer a prática de moliceiros, algo que Ana Maria Lopes refere no seu estudo, elogiando Joaquim Ruivo e afirmando o talento do jogueiro (Lopes, 2012, p. 55). Pintou o seu próprio barco, mas sem moliço e sem juncais não precisava dele e deixou-o degradar.



Figura 53- Joaquim Ruivo. Foto de autor.2020

O seu mestre foi o seu pai Joaquim Ferreira dos Santos, artesão murtoense, que tinha aprendido com um irmão. Esta família dos Ruivos, como são carinhosamente chamados na Murtosa, eram uma família de artesãos e, infelizmente, Joaquim Tavares dos Santos não conseguiu que nenhum dos seus três filhos continuasse o seu legado.



Figura 54- Joaquim Ferreira dos Santos. Foto in Rostos da Gente p.61, Hélder Pacheco.1987

Lavrador de profissão, sempre aspirou a melhores condições de vida, rumando por isso mesmo, com apenas 20 anos, para a pesca do bacalhau na década de 60, como tantos outros no Concelho da Murtosa. Quando regressou da pesca do bacalhau, trabalhou durante 2 anos como

operador de uma bomba de gasolina perto da Ponte da Varela, na freguesia da Torreira, nunca deixando a lavoura durante este tempo.

Já com 28 anos, na década de 70, emigra para o Luxemburgo, onde trabalha numa carpintaria na manufatura de portas, janelas para as casas, e em atividades que nada tinham a ver com o trabalho mais criativo das cangas. Joaquim Ruivo regressa a Portugal e à sua terra natal, Bunheiro, onde continua com a sua casa de lavoura e com o seu ofício. Diz-nos que as temporadas de trabalho são apenas durante o inverno e claro nas suas horas livres, hoje não existem cangas de trabalho, porque os tratores fazem o trabalho que outrora a raça marinhoa fazia: lavrar, gradear, semear, sachar.

Continua proprietário da sua oficina de trabalho que é um anexo da sua casa, corroborando a afirmação de Veiga de Oliveira, Galhano e Pereira quando referem que «Raramente as oficinas dos jugueiros são instalações qualificadas (...)» (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 76). Neste caso a oficina é um anexo da casa do jugueiro, local pequeno onde podemos observar cangas grandes, médias e pequenas, e onde se encontram todas as ferramentas de trabalho, cangas por pintar, cangas por envernizar e ainda outras cangas à espera de restauro. No exterior, na parte de fora na parede, é possível observar imensos salpicos de tinta associados à sua atividade.



Figura 55- Oficina. Foto de autor. 2020

Hoje em dia, as cangas já não são utilizadas para trabalho, mas enquanto objeto de ornamentação. Mas nem por isso, o sr. Joaquim deixou de ter encomendas, contando com cangas nos quatro cantos do mundo, referindo, como exemplo, alguns países como Alemanha, Espanha, Estados Unidos da América ou Japão. Esta realidade não é surpreendente, considerando que a Murtosa é um concelho de emigrantes e que os murtoseiros procuraram melhores condições de vida, emigrando, entre outros destinos, para o Brasil, Estados Unidos da América, Venezuela, França, Alemanha, saindo, muitos deles, clandestinamente da Murtosa e arriscando a entrada ilegal naqueles países (Arroteia, 1984, pp. 105-110).

As cangas de trabalho não eram completamente diferentes destas que o sr. Joaquim hoje faz, mas eram feitas de outras madeiras, possuindo outras dimensões e outros temas centrais, apresentando outras particularidades consoante os locais de onde eram encomendadas.

Joaquim Ruivo é o último jugueiro vivo no Município da Murtosa e como ele me disse: «(...) as mãos estão a ficar muito perras para eu continuar, os anos vão indo e a gente não pode». Por isso mesmo achei importante recolher o processo da manufatura da canga, praticamente todos os passos dados pelo artesão Ruivo.

Capítulo 6. **O processo de Execução da Canga**

6.1 Aspetos Genéricos

O presente capítulo tem como objetivo caracterizar o processo de execução das cangas pelo jugueiro Joaquim Tavares dos Santos. Infelizmente, devido a um acidente recente, o artesão não está a produzir cangas de raiz, pelo que não foi possível acompanhar todo o processo, mas sim reconstituí-lo através das várias entrevistas realizadas, onde foram explicados os vários estágios por que passava a produção da canga.

Como foi referido, nos dias de hoje só existem cangas de adorno e o artesão levava mais ou menos três dias a realizá-las, dependendo da dimensão que a pessoa escolhia. Anteriormente, o jugueiro chegava a produzir mais de 50 cangas por ano, quando as fazia para a lavoura e para a arte xávega.

As dimensões poderiam mudar consoante o seu destino, mas no concelho da Murtosa correspondiam a 54/55 cm de altura e 1.20m de comprimento. Em relação à tipologia das cangas

produzidas, eram quase sempre cangas em castelo, fazendo também jugos, mas não para o concelho. Tem três jugos prontos para entregar aos seus filhos como recordação.

A canga poderia ficar “ao natural”, ser envernizada ou pintada, dependendo da vontade e dos recursos do comprador, já que enquanto uma canga “ao natural” custava 200 escudos, o preço de uma canga pintada subia para 250 escudos, diferença que à época era relevante.

A primeira fase da manufatura da canga era exatamente a escolha da madeira que o sr. Joaquim fazia pessoalmente.

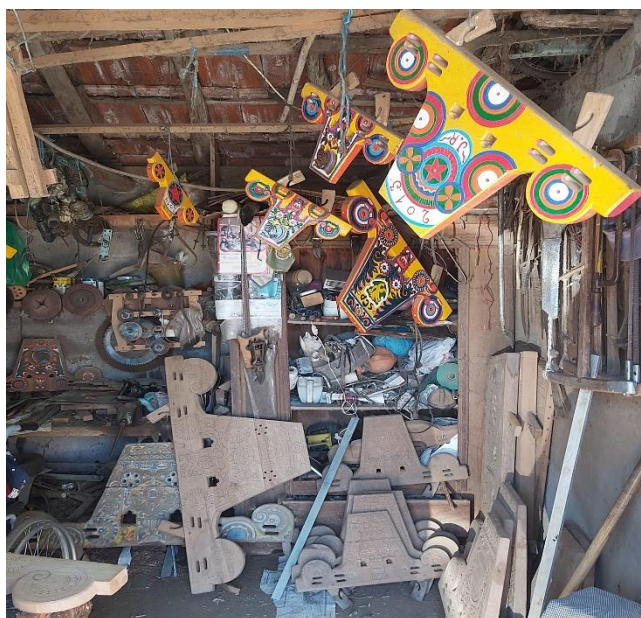


Figura 56- Oficina Jogueiro- Joaquim Tavares dos Santos. Foto de autor. 2020..

6.2 Materiais e escolha das madeiras

Como referido anteriormente o sr. Joaquim fazia questão de escolher a sua madeira diretamente. Comprava os eucaliptos ou lamegueiros que mandava serrar em pranchões, ou seja, nas tábuas de onde saíria a canga. Também Veiga de Oliveira afirma que no Bunheiro a madeira de eleição era o lamegueiro, mas que se usava mais o eucalipto devido à escassez da árvore de lamegueiro (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 66).

Das pessoas que entrevistadas lavradores e pescadores, do total de 12 entrevistas, sete respondem que as suas cangas eram feitas de eucalipto, dois de lamegueiro, e os outros três não se recordavam. A este propósito, o sr. Joaquim acrescentou que tinha um amigo Vitorino que vivia no Feital e que lhe doou muita madeira.

O pranchão saía normalmente com 6/6.5 cm de espessura a pedido do sr. Joaquim e só depois de estarem em pranchas é que eram trazidas para casa e postas à sombra.

Depois era necessário serrar o pranchão para o aproximar do formato da canga: primeiro o braço da canga, a parte de baixo; onde depois ficavam as maçãs, as rodas que ficam por cima do braço. De seguida, cortava-se o pente que constituía um aspeto particular desta tipologia única de castelo. Quando o pranchão não tinha altura suficiente para tal, o artesão tinha que fazer uma emenda de madeira, presa por duas cavilhas em ferro para atingir a altura necessária.

Depois do formato base, era necessário aperfeiçoar e desbastar a madeira, pois em baixo a canga era mais grossa que nas maçãs e no pente. Para isso era necessário, primeiro, recorrer à garlopa ou plaina (que nos dias de hoje já são elétricas) para, de seguida, polir com uma lixadeira. Só depois de todo este processo é que o jogueiro começava a decorar a canga.

6.3 Dimensões

A canga vareira não possuía sempre as mesmas dimensões, mesmo quando feita pelas mesmas mãos, podendo a altura e o comprimento, consoante os lavradores e os locais para onde eram manufaturadas. No entanto, na Murtosa o comprimento padrão correspondia a 1.20m com a altura compreendida entre 40cm e 55cm. Já para Salreu, o artesão fazia cangas com 1.30m de comprimento, e para Albergaria com um 1.40m. O senhor Joaquim explicou-nos que, como naqueles lugares as rodas dos carros eram mais largas, as cangas também tinham de apresentar dimensões maiores, enquanto na Murtosa os caminhos eram mais estreitos, pelo que os carros possuíam rodas mais pequenas e por consequência o comprimento da canga também deveria ser mais pequeno.

De acordo com o estudo de Armando de Mattos sobre os jugos e cangas do Douro Litoral, as dimensões não eram assim tão díspares: comprimento de 1.17m e altura de 45cm em Vila da Feira; e comprimento de 1.15mts e altura de 40 cm em Vila Nova de Gaia. No caso do jugo na Povia de Varzim a sua altura chegava aos 55 centímetros (Mattos, 1943, p. 55).

6.4 Decoração

Depois de polida a canga era altura de começar a decorá-la. Com um esquadro determinava-se o centro da canga, sendo dividido a partir de meio em partes iguais, consoante as medidas, obtendo-se normalmente 12 cm para cada lado no desenho dos contornos. Ao contrário de outros jogueiros, o sr. Joaquim desenhava diretamente na canga com um lápis, frisos, ramagens etc. de cabeça e sem recurso a moldes. Outros jogueiros, nomeadamente em

Souto e Vila Nova de Gaia, utilizavam moldes de couro ou de papel apenas para o desenho dos contornos (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 69).

Só depois dos contornos concluídos é que era feito o ornato central que, geralmente, era concebido diretamente, no momento, a não ser que alguém lhe pedisse um símbolo ou motivo específico, o que na maior parte dos casos não ocorria, já que como foi referido quase sempre os lavradores aceitavam aquilo que o jogador tinha em mente. No decurso das entrevistas, o sr. Joaquim fez a este propósito tem afirmação curiosa: «Porque antigamente as cangas eram para trabalhar (...) as cangas eram todas iguais, depois mais tarde quando as cangas deixaram e vieram os tratores para lavrar as terras (...), eu comecei a imaginar que devia fazer cangas com diversos desenhos.»

Quando perguntamos aos entrevistados sobre os desenhos, a maior parte deles deixavam ao critério do jogador, contando-se entre os mais comuns a sagrada custódia, o escudo português e a cruz, até à década de 90. A partir dos anos 2000 é um pouco diferente, uma vez que a canga deixou de ser um utensílio de trabalho e passou a ser um objeto ornamental, alterando-se a temática muito graças também ao artesão Joaquim, que procurou novos desenhos para agradar também à sua clientela.

Quando questionados sobre a fundamentação dos desenhos das antigas cangas – sagrada custódia, signo-saimão que está sempre presente nas cangas de Joaquim Ruivo pela parte de trás, cruz, escudo português – os lavradores entrevistados responderam que se tratava de uma tradição. E de facto, Armando de Mattos diz-nos isso mesmo que os símbolos são utilizados pela tradição da sua representação e não pela sua simbologia, sendo só quase decorativos sem a expressão simbólica que outrora tiveram (Mattos, 1943, p. 84).

6.5 Entalhe e Pintura.

No seguimento do processo, depois de tudo desenhado a lápis, era altura de fazer a moldura, como Joaquim lhe chama, que correspondia ao entalhe da madeira, uma das partes mais demoradas e minuciosas. O desenho da canga é todo em baixo-relevo, entalhado até ao mais ínfimo pormenor. A moldura inclui tudo aquilo que não se enquadra no tema central da canga, ou seja, todos os frisos, ornamentos: flores, círculos, folhas.

As ferramentas utilizadas para o entalhe são compassos, formões e goivas, goivas de todos os tamanhos.

O que começa por ser marcado são os círculos presentes na canga, tanto os das maçãs como aqueles a meio das furações, sendo marcados com um compasso próprio para marcar a madeira, para que fique claro ao artesão onde depois tem de entalhar. O artesão utiliza também o compasso de cortar que faz uma marcação mais profunda. Este é o verdadeiro trabalho de perícia. O sr. Joaquim fez uma afirmação muito curiosa que traduz a dificuldade do seu trabalho: «(...) dou-vos a ferramenta, dou-vos tudo, as minhas mãos não as dou a ninguém, porque podem copiar, mas igual ao que eu faço ninguém faz»



Figura 57- Artesão com goiva. Foto de autor. 2020.

Como foi referido, a pintura era facultativa e nem todos os compradores a requeriam, já que muitos deixavam a canga ao natural ou apenas a envernizavam. Das 16 cangas que os entrevistados possuem em suas casas (nalguns casos mais que uma): 9 são envernizadas, 6 pintadas e apenas uma foi deixada ao natural sem qualquer tipo de acabamento. O sr. João Vieira, mais conhecido como João da Calada, dirigiu uma companhia de arte xávega na Praia da Torreira, para onde as cangas eram sempre pintadas. Nas restantes áreas do concelho da Murtosa era uma questão de gosto e de posses económicas, a canga era necessária ao trabalho, mas a pintura era algo facultativo.



**Figura 58- Canga policromada. Proprietário: João Vieira. Artesão: Joaquim Ruivo. Ano: 1991.
Foto de autor.2021.**

Alberto Sousa, residente no Bunheiro, era um dos lavradores que possuía as juntas de bois na ajuda para a arte xávega na Praia da Torreira. Trabalhava na companhia de João Vieira que faleceu recentemente e que segundo a sua esposa Rosa Amador trabalhou a lavrar o mar durante 10/12 anos, levando normalmente apenas uma ou duas juntas de bois. Questionada se o marido mandava pintar as cangas porque ia para Praia da Torreira, a dona Rosa informou-nos que as cangas iam pintadas porque já estavam pintadas e que se fosse necessário também podia levar uma envernizada.



Figura 59- Canga Policromada. Proprietária: Rosa Amador. Ano: 1970. Foto de autor. 2021.

Para pintar as cangas, os artesãos Joaquim Ruivo compravam tinta em pó, preparavam a tinta com óleo de linhaça, reservando para a água rás a função que o diluente tem nos dias de hoje, secante líquido. Todas as cores que não eram primárias eram misturas feitas pelos artesãos. Hoje em dia o artesão opta por um processo mais rápido, que são as tintas de esmalte. As cores utilizadas são maioritariamente: azul, verde, amarelo, vermelho, branco e preto. Sarmento refere a pintura tradicional do jugueiro com fundos em amarelo e os desenhos pintados com verde, vermelho, azul, laranja, roxo e branco. (Sarmento, 2008, p. 234).

Um dos aspetos mais curiosos sobre o processo da pintura revelado pelo artesão Joaquim Ruivo foi a importância conferida aos pincéis que, segundo afirmou, eram feitos pelo próprio.

Depois de concluídas as fases anteriores, são feitas as furações por onde passam as correias de couro: Tamoeiro, Piaças e Brochas. São postos os cangalhos ou canzís. O último trabalho consistia em colocar nas furações do topo da canga e nas maçãs, a crina de cavalo disposta alternadamente em preto e branco. No total, a canga de trabalho levava dezassete tufos de crina de cavalo. Apesar de quase todos os autores fazerem referência à crina de cavalo, o sr. Joaquim referiu que não utilizava os pelos da crina do cavalo porque eram moles, preferindo os da cauda. Hoje em dia o artesão utiliza um material sintético, só para adornar, que dura evidentemente muito mais tempo.

6.6 Ferramentas

Veiga de Oliveira, Galhano e Pereira classificam as ferramentas do jugueiro como sendo as ferramentas normais de um carpinteiro e entalhador, sem qualquer diferença (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 74).

As ferramentas utilizadas eram serras e serrotes, na primeira fase do trabalho quando ainda só havia pranchão (pedaço de madeira cortado). Hoje em dia todas estas serras já são elétricas, mas o sr. Joaquim continua a possuir na sua oficina todas as serras antes utilizadas.



Figura 60- Serrote Manual. Foto de autor.2021

A garlopa elétrica que antes era uma plaina manual, serve para desengrossar a canga no pente, por exemplo, e a lixadeira, hoje também elétrica, servia para polir a canga.



Figura 61- Plaina Manual. Foto de autor.2021

O esquadro e o lápis eram indispensáveis para a realização da canga, para encontrar o meio da canga e para realizar o esboço do que seria entalhado.



Figura 62- Régua. Foto de autor. 2021

Para o trabalho de entalhe era sempre utilizado o martelo, para bater nas goivas, e os formões de todos os tamanhos que o artesão possui, porque cada goiva e cada formão tem o seu sítio específico para o talhar da madeira. Nas maçãs das cangas são utilizados pelo menos 4 goivas diferentes, fora na decoração.



Figura 63- Goivas. Foto de autor. 2021.

Para realizar os círculos das maçãs são também utilizados os compassos de marcação e os compassos de corte.



Figura 64- Compasso de marcar. Foto de autor. 2021

Para finalizar o processo, a canga poderia sair da oficina ao natural, envernizada ou pintada, e tanto para envernizar como para pintar recorria-se sempre a pincéis.



Figura 65- Pinceis. Foto de autor.2021.

Como já foi referido anteriormente, os pinceis do artesão Ruivo são feitos pelo próprio, a partir de uma pena de galinha cortada que o artesão aproveita para os pelos do pincel bem apertadinhos. Depois recorre a um cabinho de madeira, onde fixa a pena, ficando o pincel pronto a utilizar. Porém estes pinceis têm um segredo: o pelo do pincel nem pode ser mole nem duro. Segundo Joaquim Ruivo o melhor pelo para pintar as cangas é o pelo dos ouvidos das vacas. O artesão Ruivo diz que estes pinceis até ensinam a pessoa a pintar.



Figura 66- Pinceis feitos pelo artesão. Foto de autor. 2021.

Capítulo 7. **Adorno do Século XXI**

7.1 Do Trabalho ao Adorno

Apesar da autora se ter proposto apenas a estudar o processo da execução da canga no século XX, ao longo da sua investigação deparou-se com peculiaridades da canga manufacturada a partir dos anos 2000. Deste modo, e numa abordagem mais prospetiva, é oportuno abordar o tema até porque as cangas continuam a ser um espelho das escolhas dos compradores outrora lavradores, pescadores e hoje turistas, emigrantes, pessoas que querem recordar tempos antigos ou até mesmo apreciadores de arte que acham esta peça deslumbrante.

Se outrora a canga servia para jungir os bois e vacas no trabalho duro do campo, hoje em dia, serve como objeto de artesanato em muitas casas, onde são penduradas nas paredes, umas antigas, outras restauradas e outras novas. Se é verdade que a canga perdeu o seu uso original porque continuam a ser produzidas nos anos 2000?

Em 1973 já Veiga de Oliveira chamava a atenção para a decadência do ofício de jugueiro, referindo que a lavoura estava muito mais mecanizada, e a canga apesar de ser um embelezamento dos bois não era necessária ao trabalho mecanizado. A canga passa a ser procurada por «(...) um público cidadão, nacional e internacional, que descobriu a beleza desse elemento ímpar da nossa cultura rural» (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 78). Esta mudança resultou por sua vez na profunda alteração da peça, nomeadamente, nas temáticas apresentadas, no rigor das dimensões da peça e das furações (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 79).

Muitas cangas foram vendidas para colecionadores, queimadas porque tinham perdido o uso, vendidas a sucateiros. Muitas pessoas guardaram esta peça por recordação, carinho porque tinham sido as cangas de seus pais, seus avós e ainda mais admirável mandavam fazer cangas novas para ornamentação, muitos porque possuíam uma ligação afetiva outros apenas porque as consideravam peças deslumbrantes. Os próprios proprietários de tabernas, restaurantes e cafés regionais têm frequentemente uma canga pendurada na parede exatamente porque ela representa um marco da arte popular em cada uma das regiões: as do Minho são de uma forma, as de Gaia de outra, as de Coimbra de outra e as da Murtosa de outra.

E são essas peculiaridades que as tornam espelhos de uma cultura.



Figura 67- Canga de Adorno. Localização: Taberna O Escondidinho, Pardelhas-Murtosa. Foto de autor.2021.

As cangas são sem dúvida «(...) modestas obras-primas que afirmam uma cultura» (Oliveira, Galhano, & Pereira, 1973, p. 79), obras-primas da arte popular portuguesa, cujo número de exemplares é, hoje em dia, cada vez mais escasso. Leal defende a ideia de Joaquim de Vasconcelos no sentido do renascimento das indústrias populares, talvez com a criação de escolas artísticas onde artesão, artista e operário podem cooperar, neste sentido a tradição e o progresso poderiam conviver (Leal, 2002, p. 261). Infelizmente a tradição da manufatura da canga começa a extinguir-se. Em qualquer caso, a sua produção foi-se adaptando aos novos tempos e os anos 2000 foram um período de viragem tanto na temática como nas dimensões para a canga vareira e para a produção do artesão Joaquim Ruivo.

7.2 Joaquim Ruivo e Anos 2000

O artesão Joaquim Ruivo é o último artesão jugueiro a quem chegam encomendas de todos os cantos do mundo, muitas de emigrantes, turistas, museus, e solicitações de restauro de cangas de muitos sítios do país, especialmente dos concelhos do distrito de Aveiro.

Joaquim Ruivo era agricultor, possuindo terrenos de cultivo, juncais, vacas marinhoas, vacas turinas, quando o trabalho da lavoura passou a ser mecanizado e as encomendas das cangas já não eram tantas, não parou nunca de as produzir, chegando a fazê-las mesmo sem encomendas só para estar ocupado a fazer aquilo que gosta.

É notável a diferença de temáticas das cangas feitas por Ruivo, comparando aquelas dos anos 70/80 com temas como a sagrada custódia, a cruz de cristo e o escudo português, com aquelas dos anos 2000 onde nos perdemos na imensidão de temáticas : símbolos de clubes de

futebol (talvez o mais requerido), brasões de freguesias, temáticas religiosas como o desenho de N^a Senhora de Fátima, representação de animais como o búfalo, a que acrescem os símbolos tradicionais que o artesão continua a fazer a pedido de algumas pessoas mais conservadoras.

É curioso que se na altura da lavoura o artesão era o mandatário da temática e as cangas acabam por ser todas iguais, palavras do nosso artesão, hoje é uma panóplia temática pois são os clientes baseados nos seus gostos que escolhem a temática. Não escolhem apenas a temática como também as próprias dimensões das cangas: pequenas, médias e grandes, mas nunca tão grandes como as cangas de trabalho a não ser que lhe seja pedido.

Martinho Cunha um dos entrevistados, 52 anos, escolheu mandar fazer 3 cangas uma pequena, uma média e uma do tamanho de uma canga de trabalho:

As cangas que eu mandei fazer é para reviver a memória do passado, para ter a nossa cultura presente, dentro da nossa casa, não foram cangas feitas para trabalho são cangas miniatura, é um gosto que tenho, a minha infância foi passada atrás das vacas marinhoas e a trabalhar no campo. É a minha cultura, foi a minha criação. (Cunha, 2021).

O artesão começou por entalhar o símbolo do clube de futebol, Sport Lisboa e Benfica, através de uma bandeira que comprou e a partir daí continuou sempre a tentar fazer símbolos diferentes e novos.

(...) quer dizer o meu pai trabalhava muito bem nisto, mas quando lhe pediam fazer uma canga fora das cangas que ele sabia fazer, ele recusava logo. Porque antigamente as cangas eram para trabalhar como o teu avô lá tem nas condições as cangas eram todas iguais, depois mais tarde quando as cangas deixaram e veio os tratores para lavrar as terras e as cangas deixaram de ter tanta utilidade na lavoura, eu comecei a imaginar que devia fazer cangas com diversos desenhos, conforme eu entendesse. (Santos, 2021).

Ruivo mostra-se muito orgulhoso do seu trabalho, das novas tipologias e novas temáticas. Se uma canga de trabalho custava 250 escudos, hoje, consoante o tamanho, e o trabalho de entalhe as cangas rondam entre os 100 e 350 euros.

Assim como o barco moliceiro também a canga já não tem o seu uso primordial de jungir os bois, no entanto ainda não desapareceu por ser adorno, já o barco moliceiro continua como

barco turístico. «Contudo, o moliceiro sobrevive actualmente integrado no sector terciário, mais concretamente na actividade turística e promocional, de onde provêm as encomendas que animam os estaleiros artesanais ainda existentes» (Sarmento, 2008, p. 441).

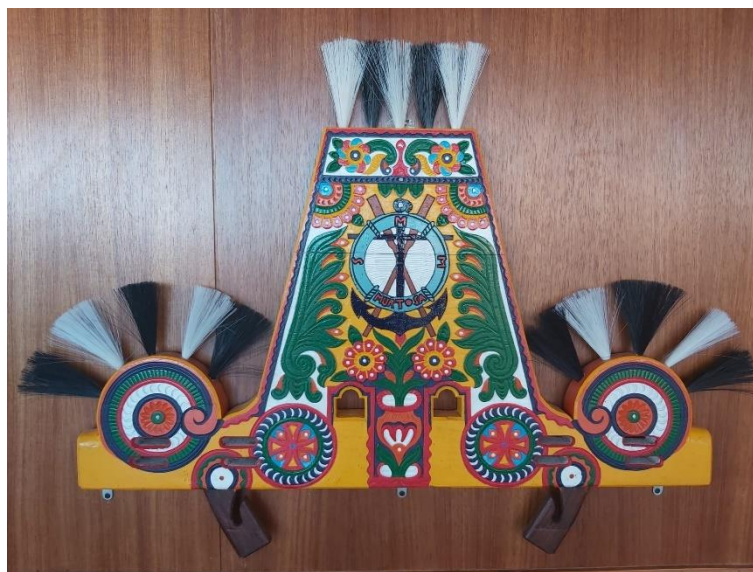


Figura 68- Canga decorada: Símbolo do Clube Marítimo Murtoense. Foto de autor. 2021.

Conclusões e sugestões

No decurso da presente dissertação, foi importante compreender, num primeiro momento, o papel da canga enquanto alfaia agrícola e só depois enquanto elemento de arte popular; ou seja, a canga será sempre primeiro um elemento de trabalho e só depois um elemento de representação do agricultor.

Para entender a canga no município da Murtosa, procurou-se fazer o enquadramento no setor primário na região e as suas características particulares no contexto do município, onde a utilização de tração animal era imprescindível para os agricultores e pescadores, associada à raça marinhoa autóctone da região.

A ria de Aveiro é o palco de dois grandes fenómenos de arte popular portuguesa, já que o deslumbrante barco moliceiro partilha a sua exuberância com a canga vareira. Talvez partilhem mais do que apenas a área geográfica. A geografia da canga vareira é mais abrangente que a região de Ovar, pelo que não se considera ajustada a designação de variante de Ovar. A designação de canga da Ria de Aveiro ou, mais ainda, de Canga Marinhoa seria, em nosso entender, mais ajustada porque o seu território se integra numa marinha e estas cangas cangavam maioritariamente a raça marinhoa.

O recurso à entrevista enquanto metodologia e os contributos dos entrevistados revelaram algumas peculiaridades na canga vareira no concelho da Murtosa, nomeadamente nas toponímias. A decoração das cangas deixou de ser simbólica, mantendo as técnicas tradicionais na representação de outros motivos. De facto, os símbolos já não possuem significados para os novos proprietários, apenas são símbolos que estão habituados a ver, não questionando muitas vezes o seu significado, o que é totalmente corroborado nas entrevistas realizadas onde foi sistematicamente referido que quem escolhia os desenhos era o artesão.

No que concerne à revisão de literatura, uma das maiores limitações encontradas foi a escassa informação existente sobre o tema da canga vareira, pelo que foi fundamental alargar o âmbito de estudo e experimentar uma aproximação ao tema do geral para o particular. Apesar de a tradição oral se revelar muito importante, pretendeu-se sempre enquadrar a sua importância metodológica na revisão da literatura existente.

Concluimos que a manufatura da canga é quase sempre hereditária. Infelizmente o artesão Joaquim Tavares dos Santos não teve nenhum aprendiz que ficasse muito tempo, talvez por se tratar de um trabalho sazonal e mal remunerado, dependente de algum tempo e talento para o talhar da madeira. A partir dos anos 50, a Murtosa começa a ter a sua primeira onda de emigração e os jovens que poderiam estar interessados nestes ofícios emigraram à procura de melhores condições de vida como, de texto, ocorreu com o próprio Ruivo.

Nos anos 2000, Ruivo acaba por introduzir novas temáticas na canga vareira. Os mais tradicionalistas diriam que essas novas temáticas desvirtuam por completo a canga. A superstição e o medo do desconhecido era tão grande que as comunidades conferiam importância aos diferentes motivos enquanto símbolos de proteção. Se por um lado é verdade que alguns dos novos motivos utilizados, desde o emblema de um clube ao brasão de uma freguesia, já não compreendem a carga simbólica da cultura tradicional, por outro lado, os gostos e as vivências alteram-se: não será esse o propósito da arte popular, acompanhar as mudanças dos gostos e tendências populares?

O inventário realizado no âmbito da dissertação é mais reduzido do que previsto inicialmente, numa região tão profundamente ligada à agricultura. No entanto, como se pode constatar nalgumas das entrevistas realizadas, muito lavradores desfizeram-se das cangas quando estas perderam a sua função e, como referiram, não serviam para mais nada. Nalguns casos queimaram-nas, noutros casos venderam a turistas e emigrantes ou, até mesmo, a sucateiros que “davam bom dinheiro por elas”.

Mas em sentido inverso, este trabalho permitiu também registar a importância que as cangas adquiriram para uma parte da comunidade. Se estas pessoas não tivessem uma ligação afetiva com este objeto, se não tivessem memória dos seus pais e seus avós a utilizar esta alfaia, o seu número seria ainda menor. Sem memória não existe identidade. Talvez sem esta memória, restassem apenas as cangas dos museus etnográficos. A este propósito, é interessante verificar como existe no museu do trabalho em Setúbal um exemplar da canga vareira recolhido na Região de Aveiro sem referência ao concelho.

Neste sentido, é importante e urgente cultivar a memória das práticas e património das regiões entre as gerações vindouras, revelar a sua importância às crianças e tentar, de forma didática, que se interessem pelos objetos do passado para que eles possam fazer parte do futuro.

Nos últimos anos, foram redigidos alguns artigos sobre jugos e cangas, mas nenhum especificamente sobre a canga vareira. É por isso que esta dissertação pode ser importante e servir para a sensibilização sobre o tema para a definição da estratégia a seguir.

O grande objetivo deste projeto era acompanhar um processo de execução da canga que não foi possível devido ao acidente do artesão, a autora tentou contornar esse obstáculo usando a recolha oral do processo de execução da canga relatado pelo artesão. Uma das soluções para que a canga vareira não se extinga no século XXI é incentivar os jovens a conhecer o seu património. A presença da canga nos museus é muito importante, mas seria também importante encontrar novas valências para este património, incentivar os encontros de artesãos e de outros intervenientes no processo para equacionar a transmissão de testemunhos e de conhecimentos.

Por fim, identificam-se alguns aspetos e questões em aberto que poderiam ser trabalhados para dar sequência a este estudo. Em primeiro lugar, seria relevante completar e estudar com maior profundidade o inventário em anexo, reconhecer as peculiaridades das cangas consoante as diversas freguesias ou sub-regiões. Do mesmo modo, seria interessante estender este estudo do concelho da Murtosa ao concelho de Estarreja e, quem sabe um dia, a toda a região da ria de Aveiro, de modo a caracterizar uma unidade artística muito variada e, quem sabe, a identificar novos artesãos na região.

Por fim, seria também importante fazer um estudo mais aprofundado sobre a ornamentação e o talhe da madeira e o modo como esses temas se podem distinguir na arte dos diferentes artesãos. Com um âmbito mais ambicioso, seria ainda relevante realizar um levantamento da representação da canga na arte no concelho da Murtosa ou estender essa investigação a todo o país e procurar compreender a transformação histórica destas alfaias.

Fontes e Referências Bibliográficas

- AA.VV. (2019). *Memórias. 30 anos a pintar a Ria. José de Oliveira*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa.
- AA.VV. (1984). *Artes e Tradições da Região de Aveiro*. Lisboa: Terra Livre .
- Arroteia, J. (1984). *Os ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*. Aveiro: Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro.
- Brandão, R. (1923). *Os Pescadores*. Lisboa: Livrarias AILUD E BERTRAND.
- Castro, D. J. (1943). *Estudos Etnográficos Aveiro- Moliceiros* (Vols. Tomo I- Moliceiros). Porto: Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Arte e Museologia.
- Castro, D. J. (1944). *Estudos Etnográficos Aveiro - Lavradores* (Vols. Tomo III- Lavradores). Porto: Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Arte e Museologia.
- Castro, D. J. (1945). *Estudos Etnográficos Aveiro: Indústrias Populares* (Vol. Tómo V). Aveiro: Instituto de Alta Cultura.
- Correia, V. (1917). O Carro Rural Português. Em D. S. Pessanha (Ed.), *TERRA PORTUGUESA- REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA* (pp. 193-208). Lisboa.
- Frankowski, E. (Março 1916). As Cangas e Jugos Portugueses de Jungir os Bois Pelo o Cachaço. Em D. S. Pessanha (Ed.), *Terra Portuguesa n°2* (pp. 33-43). Lisboa.
- Galhano, F. (1973). *O Carro de Bois em Portugal*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura- Centro de Estudos de Etnologia.
- Girão, A. (1922). *Bacia do Vouga: Estudo Geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Laranjeira, L. (s/d). *A Ria de Aveiro: Barcos e Artes de Pesca*. Aveiro: Portucel.
- Leal, J. (2 de 11 de 2002). Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergilio Correia e Ernesto de Sousa. pp. 251-280. *Revista Etnográfica*, Vol.IV.
- Lemos, A. V. (1933). *O Moliço da Ria de Aveiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Lopes, A. M. (2012). *Os Moliceiros. A Memória da Ria*. (2ª ed.). Lisboa: Âncora Editora.
- Mattos, A. d. (1943). *A Arte dos Jugos e Cangas do Douro Litoral*. Porto: Junta de Província do Douro Litoral.

- Moreirinhas. (1998). *Solideriedade e Sobrevivência na Ria de Aveiro, Os pescadores do Chinchorro da Torreira*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa.
- Murtosa, C. M. (2011). *Recriação do Ciclo do Milho das décadas de 50,60,70 do Séc. XX*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa.
- Murtosa, C. M. (2013). *Recriações da Xávega e do Chinchorro*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa.
- Oliveira, E. V. (1988). *Os Jugos Portugueses: A Canga Vareira*. Ovar: Comissão Municipal de Turismo de Ovar.
- Oliveira, E. V., Galhano, F., & Pereira, B. (1995). *Alfaia Agrícola Portuguesa*. Lisboa: Publicações DOM QUIXOTE.
- Oliveira, E. V., Galhano, F., & Pereira, B. (1973). *Sistemas de Atrelagem dos Bois em Portugal*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura- Centro de Estudos de Etnologia.
- Pacheco, H. (1987). *Rostos da Gente*. Círculo de Leitores.
- Pereira, M. (2016). *Breve História do Concelho da Murtosa*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa.
- Pombal, B., Lopes, C., & Barreira, & N. (2008). A importância da recolha de dados na avaliação de Serviços de Documentação e Informação :a aplicabilidade. (F. d. Universidade do Porto, Ed.)
- Ribeiro, O. (1991). *Opúsculos Geográficos* (Vols. IV- O Mundo Rural). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sarmiento, C. (2008). *Cultura Popular Portuguesa: Práticas, Discursos e Representações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Valadas, A. (2007). *A ornamentação de Cangas e Jugos em Portugal : Estudo sobre o espólio do Ecomuseu da Serra da Lousã, Museu Etnográfico DR. Louzã Henriques*. Lousã: Câmara Municipal da Lousã.
- Vasconcellos, J. L. (1881). *Estudo Etnographico: Ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho*. Porto: Empreza do Jornal D'Agricultura.
- Vasconcellos, J. L. (1980). *A Etnografia Portuguesa* (Vol.III). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Vasconcellos, J. L. (1980). *Etnografia Portuguesa* (Vol.II). Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.

Vilar, J. (1995). *Barco Moliceiro- que futuro?* (II ed.). Aveiro: Câmara Municipal da Murtosa.

Web Grafia

Aveiro. Obtido de Ria De Aveiro: <http://riadeaveiro.pt/ria/ria-de-aveiro/> . Consultado 12 janeiro de 2020.

Aveiro MAG. (21 de maio de 2021). O “museu vivo” da construção de moliceiros está maior e mais bonito. Obtido de AVEIROMAG: <https://www.aveiromag.pt/2021/05/21/o-museu-vivo-da-construcao-de-moliceiros-esta-maior-e-mais-bonito/?fbclid=IwAR0vwGx77IDWqY2RXvb6Cxw015B2goAnFAX7BFcN5BlyDwvOHiRJQBkEg> . Consultado 21 de junho de 2021.

Costa, Z. (16 de junho de 2021). Moliceiros poderão ser património da humanidade em 2022. Obtido de JN: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/moliceiros-poderao-ser-patrimonio-da-humanidade-em-2022-13839936.html> . Consultado a 20 de junho de 2021.

Google Earth. (s/d) Obtido de <https://earth.google.com/web/> . Consultado a 29 de agosto de 2021.

Ílhavo, C. M. (s.d) CM Ílhavo. Obtido de <https://www.cm-ilhavo.pt/> . Consultado a 30 de julho de 2021.

Murtosa, C. M. (2020). História. Obtido de Município da Murtosa: <https://www.cm-murtosa.pt/pages/460> . Consultado a 16 de fevereiro de 2020.

Maia, C. M (2017) Revista nº1 . Obtido de Câmara Municipal da Maia: <https://www.cm-maia.pt/cultura/estorias-e-memorias/revista-da-maia> . Consultado a 12 de agosto de 2021.

Anexos

Anexo 1- Glossário

Açamas: Correias de couro, utilizadas no sistema cornal.

Brochas: Correias de couro, corda ou junco, utilizadas no sistema jugular.

Cabanal: Armação em forma de cabana composta por varas de pinheiro e eucalipto na vertical.

Cabeçalho: Vara do carro de bois onde se prende o jugo ou canga.

Canga: Trave de madeira que une dois bois.

Canzis: Pequenos paus em forma de gancho para engatar correias, que possuem também o nome de cangalhos.

Castelo: Alteamto em forma de trapézio.

Charrua: Alfaia agrícola, que rasga profundamente a terra.

Chavelha: Peça de madeira, torneada ou não, que serve prender a canga ao cabeçalho.

Chedas: Partes laterais do carro que alteiam o leito em forma de ogiva.

Chedeiro: Leito ou estrado do carro de bois.

Formão: Instrumento para o corte da madeira.

Fueiro: Pau aguçado posto no carro de bois.

Furas: Vazados para passar as correias.

Goiva: Série de instrumentos cortantes utilizados para o entalhe em madeira.

Jugo: Peça de madeira que une dois bois.

Junta: Um par de bois.

Mangual: Instrumento agrícola para debulhar cereais.

Maçãs: Alteamto em forma de semicírculo nas extremidades laterais também conhecidos por luas.

Motivo central: Elemento decorativo que ocupa o lugar central da canga ou jugo.

Tamoeiro: Correia de couro que liga as alfaias ao jugo ou canga e prende a chavelha ao carro.

Anexo 2- Transcrição das Entrevista - Joaquim Ruivo

Esta entrevista realiza-se no âmbito da unidade da dissertação do mestrado de História e Patrimónios da Universidade do Algarve, estas informações serão utilizadas para fins académicos no intuito de corroborar o meu objetivo de estudo.

Joaquim Ruivo: “ Eu, Joaquim Tavares dos Santos, Travessa do Agro nº 26, agricultor, trabalho no artesanato nas minhas horas vagas, aproveitando os tempos livres, tenho feito diversas exposições em diversos lados, é uma coisa que sempre fiz com gosto, comecei desde da minha idade dos 15 anos, comecei a trabalhar com o meu pai no artesanato, ainda hoje é uma coisa que eu tenho gosto em fazer, embora agora esteja um bocado usado, 76 anos de idade, ainda por cima tive o azar de ficar sem uma perna num acidente com um trator, mas continuo nas minhas horas vagas a fazer alguma coisa, é uma coisa que eu gosto, tenho diversas coisas que se pode ver, comecei a fazer cangas com 15 anos para o Museu das Belas Artes para Lisboa, que se calhar ainda hoje lá se encontra, agora vem muitas coisas usadas já velhas para eu as restaurar, tenho aqui diversas que chegaram agora a dias, de maneira que é isto.”

AC: Quantos anos demorou a aprender a arte de fazer cangas?

JR: “Aprendi rápido, eu aprendi a arte das cangas porque sempre me puxou a ideia para isso, e não só as cangas como os carros, como as bombas, como as vaquinhas á carroça, pode fotografar que estão ali, e fazia grades e charruas, fazia tudo isso.

AC: Qual é madeira que utilizava para fazer os carros de bois?

JR: “Eucalipto e Carvalho”

AC: Descreva-me o processo da execução da canga desde da escolha da madeira até aos ornamentos? (materiais, dimensões, ferramentas)

JR: “ A ferramenta está ali no caixote pode se ver, é as goivas, os formões, serras, as goivas são para fazer a talha para cortar as molduras, as molduras são todas desenhadas á mão para depois pode ser cortada á madeira pelos riscos que a gente faz, portanto se não tiver desenho, se eu não desenhar não posso fazer, tudo a base do desenho, está aí o escudo da Sagres, o brasão do Monte, o brasão do Bunheiro, está a sagrada custódia em ponto pequeno, está a Nossa Senhora de Fátima, o brasão de Pardilhó, fiz para o senhor Malheiro fiz uma canga com o Brasão de Ovar, para oferecer ao presidente da Câmara, o Malheiro.”

AC: É você que pensa nos desenhos que vai fazer, ou é o cliente que lhe pede?

JR: “Os desenhos são todos feitos por minha autoria, agora quando aparece uma pessoa, como foi o caso do teu pai, pediu o brasão da freguesia dele (Monte), tanto é que é aquele que está ali, quando me pedem, eu faço como fiz para Ovar, ou para junta de freguesia do Bunheiro, quer dizer o meu pai trabalhava muito bem nisto, mas quando lhe pediam fazer uma canga fora das cangas que ele sabia fazer, ele recusava logo. Porque antigamente as cangas eram para trabalhar como o teu avô lá tem nas condições as cangas eram todas iguais, depois mais tarde quando as cangas deixaram e veio os tratores para lavrar as terras e as cangas deixaram de ter tanta utilidade na lavoura, eu comecei a imaginar que devia fazer cangas com diversos desenhos, conforme eu entendesse. Comecei, fui uma vez a uma excursão com a minha mulher, para o Sul estive na Nazaré e comprei uma bandeira com a águia do Benfica, (está aqui atrás), e a minha mulher disse tu não gostas de futebol e estás a comprar uma bandeira do Benfica, e eu disse estou, o problema é meu, comprei a bandeira do Benfica, porque a minha cabeça andava a pensar em fazer, eu queria desenhar mas tinha de olhar para alguma coisa, e eu não gostava de futebol alias nem gosto, pela bandeira copiei o desenho e fiz uma canga do Benfica, fiz se calhar mais de 30 depois, estão algumas na América (Estados Unidos da América), estão em casa do advogado Carlos Cunha, em diversos lados, fiz muitas cangas do Benfica, fiz também do Marítimo da Murtosa, está uma no Monte Branco no café do Rubirosa, esta na sede do clube, que foi oferecida, está também a seleção portuguesa que eu andei anos com a ideia de fazer o emblema mas depois quando chegava a hora de pegar no lápis para desenhar dizia assim : isto vai ficar mal. Eu não gostava de fazer trabalhos que não ficasse bem feito que as pessoas dissessem mal do meu trabalho.

Pego no lápis e desenho logo na madeira na própria peça, acontece que eu numa altura pensei é agora mesmo que vou fazer o emblema da seleção portuguesa, se ele ficar bonito farei mais se ele não ficar bonito, eu racho a canga para o lume, ninguém vê, portanto ficou muito bonita, desde daí tenho feito muitas cangas com a seleção portuguesa, e tanto é que ela esta aqui.

Ficou tão bonita que eu repeti, tanto que repeti a que fiz para o teu pai, fiz até com o emblema do Atlético de Madrid que apareceu aqui um senhor, que é de Cinfães do douro, apareceu me com uma camisola e disse quero uma canga com este emblema, e tem levar o nome gravado e eu assim fiz a canga ao senhor policia, resultado como fiz a do

policia, já repeti, porque agora é muito fácil eu por aquele desenho, desenhar outra, maior ou mais pequena, é mais difícil eu estar a fazer sem ter por onde olhar.

Tenho uma canga com a imagem de Fátima para ir para a América e tenho outra para ir para Cacia, e eu simplesmente não queria que a canga fosse, porque não tinha mais nenhuma daquele tamanho de desenho, mas como tenho uma aí dentro na minha cozinha uma de enfeite.”

AC: Uma canga de trabalho que dimensões é que tinha?

JR: “A canga de trabalho tinha uma média de 52 a 55 de altura e 1,20m a um 1.25m de diâmetro, depende para onde as cangas fossem, porque quando fazia cangas para Cacia tinham uma dimensão, na largueza de baixo as cangas para Cacia iam com 1.25m mas se fosse uma encomenda de cangas para Salreu, como eu fazia muitas, era 1.30m eram mais largas , e se fosse para Albergaria tinha 1.40m pelo o motivo de que os rodados dos carros,e os caminhos lá eram mais largos, e aqui no concelho era um 1.20m porque os nossos caminhos eram mais estreitos”.

AC: Sempre fez cangas na tipologia de castelo?

JR: “Sim o modelo da canga é esse, mas se formos olhar ao modelo dos jugos, já fiz muito jugos e já reparei muitos jugos, tenho até aí três jugos feitos, mas jugos que não são para o Concelho, mas três foram feitos, para deixar um a cada um dos meus filhos, para recordação do pai, mas os jugos dão muito trabalho, é preciso 2 semanas para fazer um jugo, e ninguém compensa este trabalho que dá, e como não se compensa o trabalho do artista, que esteve a perder dias e horas, não vale a pena fazer para vender”.

AC: Quando pinta as cangas pinta com que tinta?

JR: “Faço com tinta comprada, verniz, diluente e esmalte, antigamente o meu pai e eu a comprar era com tinta em pó, e a gente comprava óleo de linhaça, água rás, que substituía o diluente, secante liquido, para que as tintas secassem, todas as tintas eram feitas pela gente, azuis, verdes, mas isso acabou, ultimamente compro as tintas, tintas já feitas.”

AC: Qual era o preço de uma canga de trabalho?

JR: “Uma canga de trabalho pintada custava 250 escudos, hoje tem estado a custar 250/270 euros.”

AC: Quantos dias demora a executar?

JR: “Pelos menos 3 dias, dependendo do tamanho, quanto maior for a canga mais dias.”

AC: Hoje em dia já não executa cangas de trabalho?

JR: “Não é tudo para adorno, é mais para os turistas levar para o estrangeiro, esta semana saíram 6 cangas, uma para Espanha, uma para a Alemanha, uma para América, essa canga foi com verniz porque há cangas que não se podem pintar devido ao excesso de moldura que tem. Essa canga custa 350 euros com verniz.

A minha mulher diz para que é que queres a cangas? E eu digo que gosto de olhar para aquilo que fiz, as mãos estão a ficar muito perras para eu continuar, os anos vão indo e a gente não pode.”

AC: Quais as temporadas de trabalho?

JR: “Isto era só de inverno, era as horas vagas do inverno, era as horas livres, entretinha-me aqui.”

AC: Havia mais alguém no concelho da Murtosa que fizesse cangas?

JR: “Não havia mais ninguém, houve aí alguém que tentou experimentar, mas já morreu.

Eu tive um senhor que era muito habilidoso, fazia coisas bonitas, eu ajudei-o aqui muito, dei lhe madeira, e um dia ele disse vou experimentar a fazer uma canga, e eu disse atao tens de vir para minha casa um dia que eu vá pegar madeira e trazer para a oficina para começar, e eu comecei e ele aqui de manhã, ele era aqui do Bunheiro, esteve aqui até a noite, e quando chegou a noite disse-me assim, quer dizer eu comecei desde do principio, a desenhar com o lápis, a cortar com as goivas, a começar as molduras, ele chegou a noite e disse assim, pensava que era capaz mas nem vou começar, nem vou experimentar, não dou conta do recado, mas eu fiz uma para ele e ofereci-lha porque mereceu.”

Porque se calhar quase toda esta madeira que esta aqui e a que se gastou, e aos anos que eu faço cangas, a madeira era toda dele, ele tinha umas arvores importantes, e tiveram de ser postas a baixo porque secaram, e disse-me o que é para lenha fica aqui na minha casa e tudo o que for bom e de obra pegas levas para ti.

Foi o Vitorino que era do Feital.

Eu cheguei a dizer a alguém que me pediu a minha ferramenta para fazer uma canga, e eu disse lhes, dou-vos a ferramenta, dou-vos tudo, as minhas mãos não as dou a ninguém, porque podem copiar, mas igual ao que eu faço ninguém faz.”

Parte 2

AC: Sr. Joaquim fazia carro de bois?

JR: “Sim!”

AC: E Moliceiros?

JR: “Moliceiros só como ajudante, fiz moliceiros, mas foi a trabalhar com outro André Raimundo! E era as cangas e os carros de bois e era as bombas e as grades e os arados. Tanto é que tenha aí para se ver. Era aquilo que a gente fazia nessa altura.”

AC: Chegou a pintar algum moliceiro?

JR: “Moliceiro? Cheguei. Pinte o meu barco, fiz um barco para mim “mal” o Ti Manel. Aqui no Cabeço tive-o muitos anos, talvez mais de 20 anos, começou-me a aborrecer de andar nele e depois acabou o moliço depois acabou o junco porque os juncais ficou tudo na lama, ficou tudo estragado e o barco já não tinha qualquer utilidade para nada disso.”

AC: Em que ano que o Sr. Joaquim se dedicou a pesca do bacalhau?

JR: “Com 20 anos, tenho 76 faço já este ano 77.”

AC: Depois da pesca do bacalhau emigrou?

JR: “Depois do bacalhau estive 2 anos nas bombas da Varela, na gasolina, a lavoura sempre a continuar nas horas vagas era lavoura. Depois fui para o Luxemburgo!”

AC: Trabalhou onde no Luxemburgo?

JR: “Carpintaria.”

AC: Acha que o seu trabalho na carpintaria aperfeiçoou a sua mestria para fazer as cangas?

JR: “Não! O trabalho das cangas eu já o conhecia cá e depois o meu trabalho como carpinteiro lá no Luxemburgo foi sempre quer dizer ... era outro sistema de trabalho, era carpinteiro, mas não carpinteiro de desenhos. Era carpintaria de casas, portas, janelas quer dizer fazer assentamentos, nas obras. Quer dizer era outro sistema de carpintaria.”

AC Sr. Joaquim do mesmo pranchão quantas cangas conseguia tirar?

JR: “A madeira para as cangas eu comprava as arvores os eucaliptos, os lamegueiros. Comprava e depois mandava serrar conforme eu entendia á maneira para eu trabalhar.”

AC: Não era você que serrava?

JR: “Mandava serrar. Ia a fábrica mandava serrar, faz-me pranchas desta grossura 6/5.5, 4 ou isto ou aquilo e ia para a serra e serrava, trazia para casa. Ainda tenho aqui muita madeira, esta para se trabalhar se puder, se não puder os filhos depois botam pó lume!”

AC: Depois da madeira cortada o sr. Joaquim fazia primeiro o braço da canga e depois o pente?

JR: “Fazia o resto, vinha em pranchas em tábuas, grossas na medida que eu mandava fazer e depois o resto era tudo feito aqui, depois eu fazia tudo com as minhas máquinas.”

AC: Que máquinas usava?

JR: “Serras elétricas, groupa elétrica e serras á mão. O que não dava para trabalhar com as elétricas trabalhava-se a mão.”

AC: O que fazia primeiro o braço da canga ou o pente?

JR: “Primeiro o braço da canga, a parte de baixo. Depois dá-se a medida suficiente para as maçãs, as maçãs que é aquelas rodas do lado e depois corta-se o pente! Para ir para cima, quando a madeira não tinha altura suficiente que não fosse muito alta, tinha que levar uma emenda, com umas cavilhas em ferro emendava-se para cima.

Até era melhor que a gente fazia o que queria. Porque havia cangas grandes, havia cangas pequenas, havia madeira que dava para fazer inteiriça, havia madeira que não dava, tinha que levar o pente um bocadinho a cima a compor.”

AC: Depois do pente e do braço já tinha a canga “montada”, depois aperfeiçoava com a plaina?

JR: “Pois! quer dizer a garlopa elétrica desbastava a medida que eu queria porque para cima era mais fininha para o cabelo e as maçãs também são mais finas e em baixo é grossa e depois para ficar macio para começar de fazer os desenhos passava-lhe a lixadeira uma lixadeira elétrica, era polir, polidinha para a gente começar de riscar.

Depois era tudo desenhado a lápis as molduras, só depois das molduras riscadas é que era feito.”

AC: Antes de começar a desenhar o Sr. Joaquim com uma régua tinha de encontrar o centro?

JR: “Só se começava a desenhar depois de tudo pronto, a estrutura toda quer dizer tinha que lhe botar um esquadro para lhe tirar o centro e depois do centro tirado a esquadro, o meio, era dividido em partes iguais para fazer o pente para cima e depois em cima como era mais estreito e mais fino tinha-se de regular, se queria uma canga com por exemplo 23.5/24 em cima, tirava o centro e depois dava 12cm para cada lado, se fosse por exemplo

uma canga para Salreu já era 27/28 já a canga era muito mais larga, mais larga em baixo a começar e depois toda ela era mais larga, o que nunca era , era muito alta para lá.

As cangas para Salreu nunca eram muito altas.”

AC: O desenho era feito diretamente na canga?

JR: “Era feito diretamente na canga, desenhava a lápis. Tinha o centro marcado, marcava os pontos principais daquilo que era preciso, e depois fazia um desenho de forma a ocupar o resto do espaço que tinha.”

AC: As furações do tamoeiro, das brochas e das açamas antes de desenhar ou depois?

JR: “Não isso era depois no fim! O tamoeiro e as açamas, toda a furação era feito ... era o terminal e os cangalhos era tudo no fim.”

AC: A moldura era feita com as goivas e os formões?

JR: “Era feito com goivas, formões e compassos... e o lápis era desenhado a lápis!

Compassos de marcar e compassos de moldurar, fazer moldura.”

AC: Depois de ter feita a moldura o Sr. Joaquim pintava?

JR: “Pintava.”

AC: Aplicava a tinta ou o verniz?

JR: “Também aplicava verniz, depende do gosto das pessoas, se ele quisesse envernizado dava verniz, quando era para pintar era para pintar.”

(...)

AC: Fazia chavelhas?

JR: “As chavelhas? Cheguei a fazer com o meu torno, alguma coisa, mas não tenho vagar para isso. Eu tinha um homem que fazia chavelhas e trazias para aí, já morreu, mas tenho aí chavelhas.”

AC: Como se chamava esse senhor?

JR: “Quem chegou a fazer chavelhas para mim foi o Beiroto do Monte, de Santo Estevão rente ao lar da Fernanda, americano, demo-nos ao conhecimento, ele queria madeira para fazer uma canga pequena só para se entreter, ele sabia fazer umas coisas. (...) Mas também cheguei a fazer eu!”

AC: Como se fazia?

JR: “Eram feitas num torno, tenho-o ali.”

AC: Em média quantas cangas fazia por ano?

JR: “Sei lá!”

AC: No tempo da lavoura e da Arte Xávega...

JR: “AH! Fazia nesse tempo mais de 50! Quanto tinha mesmo o trabalho a apertar numa semana duas (...) Nesse tempo era vacas ao carro não havia mais nada! Resultado chegava a fazer duas cangas numa semana.”

AC: E hoje em dia?

Esposa do JR: Ele fazia para estar entretido!

JR: “Dantes eu tinha de fazer cangas porque eu tinha de fazer cangas porque eu tinha encomendas, os fregueses estavam sempre à espera, para Salreu para Canelas sempre pessoal a espera. Ovar, Furadouro para um lado para o outro... Depois que veio os tratores as cangas para o gado acabaram, a malta deixou de trazer vacas ao carro, deixou de ter bois, as companhas no mar tanto no Furadouro como na Torreira, os tratores é que começaram a tirar as redes já não havia lá bois a tirar as redes! Tudo isso fez com que a cangas tivessem de parar!

Eu para não estar parado e tinha aí muita madeira entretinha-me quando tinha horas vagas, não ia para o café, entretinha-me aí.

Fiz muitas cangas sem encomenda (...) Tenho aí umas para ir para América! (...). Quando tenho uma canga que nunca fiz nenhuma eu repito, faço logo outra enquanto tenho a canga á beira porque é mais fácil. (...) Quanto mais pequeno for mais complicado é para mim para fazer, porque é preciso fazer em ponto pequeno aquilo que se faz num grande.”

AC: Quantos restauros já fez de cangas antigas?

JR: “Ui sei lá! Nem sei. Estão aí 2 de Veiros de um casal americano, está uma de S. João de Ovar, 3! Está uma do Fernando 4. Está ... Agora destes dias (...).

Está aí uma canga toda podre por baixo, tenho de lhe fazer a parte de baixo toda nova depois ao mesmo tempo isto torna-se mais caro a reparação e depois as pessoas, algumas não se incomodam, mas outras dizem assim: Ui tanto dinheiro! Não vão adivinhar as horas os dias de trabalho!

(...)

Agora está aí uma outra de Válega (...) que o homem nem sabe o que lá está a gente agora é que deu por ela, onde tinha a chapa da matrícula por baixo uma cavilha de ferro agarrou ferrugem e levantou a madeira. E agora? Para pintar e por tinta em cima com o tempo ela vai se findar de estragar. Aquilo tem conserto eu tenho de lhe cortar as cavilhas e tirar a parte do pente para cima, limpar aquilo tudo que está podre (...) Emendar tudo e compor aquilo! E depois o homem como tem uma vacaria ele quer gravar o nome da empresa (...).”

AC: Acha que a canga e o moliceiro têm alguma relação? Tendo em conta as cores e os ornamentos utilizados?

JR: “As flores e os ramos e ramagens que se usava nas cangas são uns! E os barcos moliceiros tem um outro tom de pintura não é o mesmo sistema! A pintura é totalmente diferente! As cores das tintas são as mesmas o pintar é que é diferente!”

AC: É diferente em quê?

JR: “Havia um único pintor de barcos moliceiros, havia e há. Era excepcional aquilo! Esse individuo parece que os dedos nasceram para pintar barcos! E ainda hoje não há pintor nenhum quando se vir barcos pintados de determinada maneira vê-se de caminho quem é! Ele é lá do Monte! É o Zé Manuel (...) Ele mora ali ... de caminho antes de chegar às preguiças onde era a casa da Fonte. Esse Zé Manuel ninguém faz uma cópia igual a ele! Com uma facilidade enorme! Ele fazia aquilo com os olhos fechados. (...)

Há aí um outro tipo que também pinta não pinta barcos, mas para fazer outras pinturas é (...) O Rebimbas!”

(...)

AC: Porque é que na Torreira preferiam as cangas pintadas?

JR: “Porque era tradição de haver as cangas pintadas na Torreira, os bois no mar onde vai tanto turista, tanto pessoal de férias e a canga pintada tem outra vista! Torna-se muito mais bonita e era por isso que a Torreira ... Nem para a Torreira nem para o Furadouro as cangas eram todas pintadas não se faziam cangas para o mar sem ser pintadas.

Aqui no Concelho da Murtosa havia alguma pintada só para os mais opiniosos e as outras eram em branco. Se fosse para Veiros eram todas pintadas não havia uma canga sequer em branco. Se fosse para Salreu nem era preciso perguntar, Salreu não tinha uma canga

pintada! Hoje já tem restauradas que eu tenho restaurado e pintado porque agora é para botar em adorno para botar dentro, mas antes não havia uma canga em Salreu pintada.

Se fossemos para Canelas, Angeja para a Povoia do Paço, Cacia era tudo pintado!”

AC: Porque é que isso acontecia?

JR: “Era tradição da terra.”

AC: Cangas que eu encontrei aqui no Concelho da Murtosa são quase todas envernizadas.

JR: “Algumas nem envernizadas eram, eram só em branco! Eram feitas cabelo em cima sempre a andar! E nessa altura é que era bom, davam menos trabalho e davam o mesmo dinheiro!”

AC: Porque acha que algumas pessoas queriam pintadas e outras ao natural? Eram mais caras pintadas?

JR: “As pintadas eram mais caras!”

Esposa do JR: Mas também não era por isso era mesmo o coiso da terra!

JR: “As cangas pintadas eram mais caras, no meu tempo de rapaz as cangas pintadas custavam mais 50 escudos do que as em branco a canga em branco custava 200 escudos a canga pintada 250 escudos, ora 50 escudos para dar para a tinta e para o trabalho, agora imagina aquilo não se pintava num dia e tinha o dinheiro das tintas vê bem o lucro que isso dava. Entre Risos. Eu as vezes me recorda eu trabalhava um mês, quando estive nas bombas da Varela um mês de trabalho, mas não a fazer oito horas a fazer 13/14/15 horas por dia ir abrir às 08h da manhã e sair de lá às 11h noite e ganhava dois contos por mês, “atão” quanto era 10 contos era 10 euros.”

AC: Porque decorava a parte de trás da canga?

JR: “Aquilo por trás era sempre a fugir, era data e o nome era só a compor e pintava-se e se fosse em branco também estava feito!”

AC: O que significava o espelho na canga?

JR: “Nada. Era uma opinião do lavrador, usava-se a gente tinha espelhos nas cangas, havia ali um a norte que também tinha um espelho, havia sempre alguém, mas isso era muito raro. O espelho uma vez deu para desgosto, tínhamos uma canga nova pintada com espelho e as novilhas levavam a canga nova para fazer lindo, então fazíamos cangas para os outros e botávamos espelhos e para nós não o que é que acontece era de manhã estava o sol a bater no espelho e o espelho começou a fazer reflexo na estrada e a gente tinha um

cão chamado “Benfica” (...) o cão também ia e o cão quando começou na estrada, o cão atrás do reflexo do espelho, meteu-se atrás do carro uma novilha deu-lhe um coice e matou-o. (...)

O espelho era uma questão de opinião, mas havia muitas pessoas que tinham muita opinião e não podiam com ela! Era só para fazer lindo e o resto?”

Anexo 3- Transcrição de Entrevistas – Lavradores, Pescadores, Artista Plástico

Entrevista feita a 24 de novembro de 2020

Monte-Murtosa



Figura 69- Joaquim Cunha. Foto de autor. 2021

Joaquim Cunha: “Eu chamo-me Joaquim Maria Simões Rebelo Cunha, nascido na freguesia do Monte a 23 de julho de 1947, portanto tenho 50... ah 73 anos e onde fui nascido e criado e sempre exerci a agricultura até há pouco tempo.”

Ana Cunha: Senhor Joaquim quais eram os animais que o ajudavam nas suas tarefas diárias na agricultura?

JC: “Eram as vacas marinhoas”

AC: Em que tarefas é que elas ajudavam?

JC: “Em todas as tarefas da agricultura, que hoje os tratores fazem: lavravam, gradavam, carreavam o milho para casa, carreavam a palha, carreavam o junco, todos os trabalhos que houvesse da agricultura eram elas que o faziam.”

AC: Utilizava então o carro de bois?

JC: “Exatamente.”

AC: Por consequência utilizava a canga?

JC: “Exatamente, era o primeiro objeto que as vacas recebiam quando era para sair para trabalhar”

AC: E como cangava o animal?

JC: “Como é que se cangava? Ora bem uma só tinha uma carroça que era só de um animal, duas de parilha já eram preciso a canga e o carro”

AC: Que tipo de arreios é que eram necessários?

JC: “Eram bastantes, na canga era as brochas, as açamas e era o tamoeiro, era para fazer a ligação da canga ao carro”

AC: Para que era usada a chavelha?

JC: “Para que era a chavelha? Era para fazer a ligação ao carro”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

JC: “As minhas são de eucalipto”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

JC: “Sim senhora, e ainda conheci ainda o falecido pai a trabalhar nesse ramo de vida.”

AC: Era a eles que encomendava as suas cangas?

JC: “Era, não ao pai era ao filho, o filho é que fez.”

AC: E porque é que encomendava a ele?

JC: “Porque era o que nos tínhamos mais próximos de casa”.

AC: E lembra-se mais ou menos de quanto pagava por uma canga de trabalho?

JC: “Não sei, agora não me recordo”.

AC: Era você que escolhia o desenho das cangas ou era o artesão?

JC: “Era, era, sim senhora era sim, era eu que escolhia.”

AC: E o que é que escolhia?

JC: “Por isso ate tenho esta aqui em miniatura que escolhi com o emblema do Benfica.”

AC: E as de trabalho o que é que costumava escolher?

JC: “Era o escudo, era o que se usava naquela altura.”

AC: Preferia as cangas pintadas para trabalhar ou as envernizadas?

JC: “Preferia as envernizadas.”

AC: Porquê?

JC: “Porque as cangas apanham por aí muito calor, durante o dia e depois a gente numa certa altura do ano, lavava-as punha-lhes um bocado de óleo para elas não rachar a madeira.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita e de boa qualidade?

JC: “Era”.

AC: Gostava de ter uma canga bonita e de boa qualidade?

JC: “Exatamente”

AC: E Porquê?

JC: “E bem arreada, uns arreios bons”.

AC: E porquê?

JC: “Porque quando a gente saia a rua toda a gente ficava a olhar para aquilo, quando se ia a um cortejo ou assim toda a gente ficava a olhar para aquilo”.

AC: Então senhor Joaquim você sabe de algum tipo de mezinha ou simbolismo relacionado com a canga?

JC: “Sei, as cangas também tinham outro efetivo era quando a papeira aparecia ou o “tesorelho” ou a papeira havia... uma certa reza á beira de uma capela onde tinham de andar duas pessoas com a canga “apousada” no pescoço a fazer 9 voltas á volta dessa capelinha.”

AC: Quer dizer mais alguma coisa sobre a canga, sobre as suas cangas?

JC: “O dizer é que as cangas agora, poucas até já se encontram, só em casa desse artesão que agora até, teve o azar que teve, de cortar o pé, mas a maior parte das cangas tem sido vendido tudo para museus, para isto e para aquilo, tudo tem ido embora.”

AC: Obrigada Senhor Joaquim

JC: “De nada.”

Entrevista feita dia 12 de dezembro de 2020

Monte-Murtosa.



Figura 70- Joaquim Marques. Foto de autor. 2020

AC: O seu nome?

Joaquim Marques: “Joaquim dos Santos Marques.”

AC: Idade?

JM: “55 anos.”

AC: Naturalidade?

JM: “Monte-Murtosa.”

AC: Atividade Principal?

JM: “Agricultura.”

AC: Senhor Joaquim quais os animais que o ajudavam nas suas tarefas diárias?

JM: “As vacas turinas.”

AC: Utilizava então o carro de bois?

JM: “O carro de bois.”

AC: Utilizava a canga?

JM: “Utilizava a canga.”

AC: Para a parelha?

JM: “Para a parelha e utilizava também a de uma, a carroça só de uma, também utilizava.”

AC: Como é que cangava os seus animais?

JM: “Botava a canga em cima (entre risos) claro e depois é que engatava o carro, praticamente era assim que eu fazia.”

AC: Que tipo de arreios eram necessários?

JM: “Os arreios para as vacas era a canga.

AC: Sim, mas quais eram os arreios que metia na canga?

JM: Aiiii era... a açama, a parte de baixo e o tamoeiro pois e aquilo... a chavelha.”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

JM: “Eu acho que aquilo é dessa madeira, ainda está ali uma guardada dentro.”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

JM: “Conheço... conheço.”

AC: Era a eles que encomendava as cangas?

JM: “Na altura era ele que já fazia isso.”

AC: E lembra-se mais ou menos quanto pagava por uma canga de trabalho?

JM: “Não sei, aí agora não sei... talvez o meu pai soubesse, mas não sei na altura não sei, quanto custava isso, mas já era um balúrdio.”

AC: Era você o artesão que escolhia o desenho da canga?

JM: “A gente praticamente é que escolhia, o que a gente quisesse pôr.”

AC: E o que é que você costumava escolher?

JM: “Mais aqui o que desse com a zona, com a zona da Murtosa, aqueles desenhos, a condizer aqui com a nossa terra.”

AC: Preferia as cangas pintadas ou envernizadas?

JM: “Não as nossas até eram pintadas, era em vermelho em verde têm assim várias cores.”

AC: Para si era importante ter uma canga de boa qualidade?

JM: “Era... tenho aí uma guardada não me vou desfazer dela.”

AC: E porquê tem essa canga guardada?

JM: “Para recordação, pois porque a gente agora não vai utilizar.”

Entrevista realizada dia 12 de janeiro de 2021

Monte-Murtosa.



Figura 71- Joaquim Ruela e Esposa. Foto de autor. 2021.

AC: O seu nome?

Joaquim Ruela: “Joaquim Tavares Ruela.”

AC: A sua idade?

JR: “Nascido a 3 de outubro de 1939, faço agora 82 anos, pó ano que vem e foi trabalhador de lavrador, trabalhador do campo, foi marítimo, foi pescador do bacalhau e ultimamente o meu trabalho foi nos Estados Unidos, agora estou reformado, a viver da minha reforma e um bocadinho doente também, um bocadinho coisa, mas pronto isto é o que chega a todos com a idade.”

AC: Quais eram os animais que o ajudavam nas tarefas do campo?

JR: “Era vacas”

AC: Turinas ou Marinhoas?

JR: “Vermelhas e marinhoas, oh, vermelhas e turinas”

AC: Utilizava o Carro de Bois?

JR: “Utilizava o Carro de bois, ainda estão ali as rodas ali atrás”

AC: Utilizava a canga?

JR: “Utilizava a canga com o carro de bois e era a charrua a lavrar o campo agora é tratores, essas coisas.”

AC: Como é que cangava o animal ou animais?

JR: “Os animais as vezes até tinham preferência, uma canga á direita e outra á esquerda, eram botadas ao carro, bota-se aquela canga no cachaço e depois bota-se as açamas á volta dos cornos, e a brocha por baixo do pescoço de um lado ao outro para assegurar.”

AC: As suas cangas, que você utilizava, eram em eucalipto ou lamegueiro?

JR: “Quase sempre de eucalipto”

AC: E o senhor conhece os artesãos Ruivo?

JR: “Conheço sim senhor.”

AC: Mas era a eles que encomendava as cangas?

JR: “Não... não.”

AC: Então a quem encomendava?

JR: “Essa canga... as cangas minhas, aquela não te posso dizer donde é que ela veio que não sei, mas as nossas eram feitas ainda por pessoas da nossa família, pessoas antigas.”

AC: E você escolhia o desenho das suas cangas?

JR: “Sim.”

AC: E o que é você costumava escolher?

JR: “As vezes escolhia um... por exemplo a sagrada custódia, ou um desenho de um vaso de flores, ou qualquer coisa, pronto, mas era raro porque uma canga dava para muito tempo.”

AC: “Preferia as cangas pintadas ou envernizadas?”

JR: “Pintadas.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita?

JR: “Sim uma canga e uma chavelha com uma maçaneta na ponta para ser mais linda.”

AC: Diga-me porque continua a guardar as cangas?

JR: “É uma recordação antigo, gosto de ver.”

AC: Muito Obrigada

JR: “De nada...”

Entrevista realizada a 13 de janeiro de 2021

Bunheiro-Murtosa



Figura 72- José Caixeiro. Foto de autor. 2021.

AC: O seu nome?

José Fonseca: “Eu chamo-me Zé da Fonseca Caixeiro, sou natural do Bunheiro Murtosa, sou agricultor.”

AC: A sua idade?

JF: “A minha idade é vinte um do onze de mil novecentos e sessenta e dois.

AC: Diga-me quais eram os animais que o ajudavam nas suas tarefas enquanto agricultor?

JF: “Eram as marinhoas.”

AC: Em que tarefas?

JF: “Lavrava, gradava-se, sachava-se, semeava-se e acarreava-se os alimentos para ao animais, os próprios animais levavam os alimentos para casa para os outros animais que estavam em casa.”

AC: Você utilizava o carro de bois?

JF: “Sim”.

AC: De parelha?

JF: “De parelha”.

AC: Utilizava a canga?

JF: Sim.

AC: Como é que cangava os seus animais?

JF: “Era com brochas, levava uma brocha cada um e açamas nos cornos.”

AC: Para que era usada a chavelha?

JF: “Era para engatar a canga ao carro.”

AC: Sabe se as suas cangas eram de eucalipto ou lamegueiro?

JF:” Eram de eucalipto.”

AC: Conhece os artesãos ruivo?

JF: “Conheço.”

AC: Era a eles que encomendava as suas cangas?

JF: “Era...”

AC: Lembra-se de quanto pagava por uma canga de trabalho?

JF: “A que eu comprei custou-me 200 euros.”

AC: Era você que escolhia os desenhos da canga?

JF: “Era.”

AC: O que costumava escolher?

JF: “O nome do desenho não sei, mas...”

AC: Escolhia por exemplo a cruz de cristo ou sagrada custódia?

JF: “Não, não, aquilo é o escudo, era o escudo português.”

AC: Preferia as suas cangas pintadas ou envernizadas?

JF: “Envernizadas.”

AC: Porquê?

JF: “Porque achava que as pintadas eram muito folclóricas, fora do normal.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita?

JF: “Era.”

AC: Porquê?

JF: “Por aparência, por gosto.”

AC: Porquê é que guarda as cangas?

JF: “Por gosto e mais recordação.”

AC: O Senhor José disse-me que tem uma canga feita pelo o seu pai, era algo que fazia ou fez uma só?

JF: “Só fez uma.”

AC: E quem lhe ensinou a fazer a canga?

JF: “Ele copiou por outra.”

AC: Muito Obrigada, Senhor José

Entrevista realizada no dia 14 de janeiro de 2021

Monte-Murtosa



Figura 73- Maria Justina Miranda e Esposo. Foto de autor. 2021.

AC: O seu nome?

MM: “Maria Justina Tavares Miranda.”

AC: A sua idade?

MM: “73.”

AC: É natural de onde?

MM: “Monte-Murtosa.”

AC: E a sua atividade principal?

MM: “Agora reformada e era na agricultura.”

AC: Diga-me quais eram os animais que a ajudavam nas suas tarefas diárias?

MM: “Era a vaca.”

AC: A turina ou a Marinhoa?

MM: “A turina.”

AC: E em que tarefas é que as vacas a ajudavam?

MM: “A ir buscar a comida para elas e noutras coisas, outras atividades que eram preciso fazer, carrear o estrume, prontos, a vaca andava a carroça para eu poder transportar a comida para ela, transportar o estrume para as terras e era nisso...”

AC: Você utilizava o carro de bois?

MM:” Sim, era o carro de bois, era uma carroça de só uma vaca, eu, os meus pais é que tinham é que eram lavradores mesmo e tinham no tempo deles as vacas turinas, as vacas marinhoas, para fazer as outras atividades todas.”

AC: Utilizava a canga de uma ou de parelha?

MM: “Utilizava nessa altura a canga de uma só, esta era dos meus pais.”

AC: Como cangava o animal? O que era necessário para cangar o animal?

MM: “Pronto era, para usar esta canga tinha-se de pôr o carro no tripé e depois chegar as vacas a um lado e ao outro, para pôr as açamas, e isto como se chama? Nem sei, pronto e o de carroça punha por cima dos varais a vaca entrava, eu levantava e já ficava no cachaço da vaca.”

AC: Sabe de dizer para que era utilizada a chavelha?

MM: “Era para segurar a canga e segurar o carro.”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

MM: “Aii agora eu sei lá... A minha da minha carroça até eram em ferro que era uma só, agora esta eu não sei que madeira é, não sei que já era dos meus pais, esta canga já tem alguns oitenta anos, mas não sei.”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

MM: “Sim.”

AC: E as suas cangas lembra-se se eram feitas lá ou está do seu pai se foi lá feita?

MM: “Ai eu não sei se foi feita lá, uma que o meu filho tem foi restaurada lá, o meu filho restauro-a e tem para ornamentação e sei que foi restaurada lá, agora está não sei, não tenho ideia.”

AC: Sabe se era o seu pai que escolhia os desenhos da canga ou se era o artesão?

MM: “Ah pois! Também não sei, não sei isso, de certeza que quando eu nasci, esta canga já existia, portanto daí para trás eu não sei.”

AC: Preferia as cangas pintadas ou envernizadas?

MM: “Ai eu gostava mais pintada!”

AC: Porquê?

MM: “Não sei acho que chamava mais a atenção por ter prontos, as outras cores, por exemplo esta que tem o escudo, o símbolo da bandeira e chamava mais a atenção se fosse envernizada não... não tinha aquelas cores garridas.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita e de boa qualidade?

MM: Sim!

AC: Porquê?

MM: “Pronto, porque a gente somos aqui de uma terra bairrista e gosta de (entre risos) das cores.”

AC: Diga-me porque continua a guardar esta canga?

MM: “É uma recordação, uma antiguidade que agora custa-se, há mas não são assim tão antigas como estas, as que fazem agora são tiradas por estas antigas.”

AC: Quer acrescentar mais alguma coisa sobre a canga?

MM: “Atão eu acho que ... prontos para nós como era dos meus pais tem um valor até sentimental, não é o valor da canga, mas é um valor sentimental! Tem sempre um valor.”

AC: Claro... Obrigada D. Justina.

Entrevista realizada no dia 17 de janeiro de 2021

Monte-Murtosa



Figura 74- Martinho Cunha. Foto de autor. 2021

Martinho Cunha: “Martinho António Tavares da Cunha, tenho 52 anos, sou serralheiro-montador e de tenra idade trabalhei na agricultura com os meus pais, fazíamos todas as atividades da agricultura com as vacas e eu tomava conta das vacas, lavrávamos, todas as atividades do campo com as vacas.”

AC: Que tipo de vacas é que o ajudavam?

MC: “Eram as vacas marinhoas, às vezes também as frísias, mas sobretudo as vacas marinhoas é que faziam o trabalho todo pesado.”

AC: Utilizava o carro de bois?

MC: “Sim sempre! Era utilizado o carro de bois, não havia outro meio, sempre era utilizado o carro de bois, lembra-me de andar a carrear coisas para casa com dois carros ao mesmo tempo, o meu pai com umas vacas e eu com as outras, o meu pai com uma parelha e eu com outra parelha.”

AC: Utilizava a canga?

MC: “Sim sempre sim. Eu pessoalmente sempre utilizei a canga de parelha, nunca utilizei de uma vaca só.”

AC: Como cangava o animal?

MC: “Os animais já estavam habituados, estavam treinados, o carro estava numa escora... havia duas maneiras de cangar: uníamos os animais um ao outro e botávamos a canga em cima dos pescoços e botávamos os arreios consoante o que era adequado ou enfiávamos a canga no cabeçalho do carro, o carro estava pousado numa escora e os animais apanhavam a canga por baixo.”

AC: Que arreios eram necessários?

MC: “Eram necessários a canga em madeira, geralmente em eucalipto depois toda fornecida com arreios de couro que se chamam: açamas que vão aos cornos, e um outro arreio mais grosso que é uma açama que vai á barbela da vaca por baixo e depois tudo isso se junta numa área da canga que se chama: o tamoeiro e esse tamoeiro leva uma chavelha que e engatada no carro de bois.”

AC: Sabe se as suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

MC: “Aqueles que o meu pai tinha eram de eucalipto.”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

MC: “Sim claro que conheço!”

AC: E era a eles que encomendava as cangas?

MC: “Sim sempre, aqui na nossa área as cangas são todas feitas nos artesãos ruivo.”

AC: E lembra-se mais ou menos quanto era o preço de uma canga de trabalho?

MC: “Não isso não sei... não me lembro.”

AC: Era você ou o seu pai que escolhiam os desenhos na canga ou o artesão?

MC: “Era sempre o meu pai, no caso também o artesão Ruivo já tinha um padrão standard sempre.”

AC: Sabe qual era o desenho escolhido?

MC: “Mais a cruz de cristo, algumas tinham o emblema da freguesia da Murtosa, monte, coisas assim.”

AC: Preferia as cangas pintadas ou envernizadas?

MC: “Eu pessoalmente gosto mais das cangas envernizadas e não pintadas.”

AC: Porquê?

MC: “Porque acho que gosto mais em estado natural, pintadas não tem muito haver com a nossa zona, só na torreira nos bois que puxavam as redes que as cangas eram pintadas, na área da agricultura eram quase todas ao natural ou envernizadas.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita e de boa qualidade?

MC: “Sim, muito, porque era a apresentação da junta, enfim era a apresentação da parelha, era essencial ter uma canga bonita, estimada e bem-apresentada.”

AC: Sei que em 2011 mandou fazer ao artesão Ruivo três cangas e eu queria perguntar-lhe o porque de ter mandado fazer e para que utilidade? tendo em conta que agora as junta de bois já não é utilizada.

MC: “As cangas que eu mandei fazer é para reviver a memória do passado, para ter a nossa cultura presente, dentro da nossa casa, não foram cangas feitas para trabalho são cangas miniatura, é um gosto que tenho, a minha infância foi passada atrás das vacas marinhoas e a trabalhar no campo. É a minha cultura, foi a minha criação.

AC: Essas cangas servem então para recordação e também decoração?

MC: “Exato, exato.”

AC: Diga-me só de onde é natural?

MC: “Eu sou natural do Monte da Murtosa, concelho da Murtosa, freguesia do Monte e lugar da Arribação, nascido e criado aí, neste momento é que estou emigrado.”

AC: Senhor Martinho, muito obrigada!

MC: “Obrigado.”

Entrevista realizada no dia 17 de janeiro de 2021

Monte-Murtosa.



Figura 75- Lurdes Miranda. Foto de autor. 2021.

Lurdes Miranda: “Maria de Lurdes da Silva Miranda”

AC: A sua idade?

LM: “55”

AC: A sua naturalidade?

LM: “Monte-Murtosa”

AC: A sua atividade principal?

LM: “É lavradora”

AC: Quais eram os animais que ajudavam nas tarefas diárias?

LM: “Era as vacas pintas.”

AC: E em que tarefas?

LM: “Lavrar, gradar, a fazer tudo.”

AC: Utilizava o carro de bois?

LM: “Sim.”

AC: Utilizava a canga?

LM: “Exatamente.”

AC: De carroça ou de parelha?

LM: “De parelha.”

AC: Como cangava os animais?

LM: “Uma de cada lado.”

AC: E que arreios é que eram necessários?

LM: “Era as açamas e as brochas ... e o tamoeiro”

AC: Para que era utilizada a chavelha?

LM: “Para segurar a canga.”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

LM: “De eucalipto.”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

LM: “Conheço.”

AC: Era a eles que encomendava as cangas?

LM: “Sim.”

AC: Lembra-se de quanto custava uma canga de trabalho?

LM: “Isso é que não, já foi á tantos anos.”

AC: Você escolhia o desenho das suas cangas ou era o artesão?

LM: “Era ele.”

AC: E normalmente o que é que estava representado nas suas cangas?

LM: “A sagrada Custódia.”

AC: Preferia as suas cangas pintadas ou envernizadas?

LM: “Com verniz.”

AC: Porquê?

LM: “Olha porque era para uma recordação um dia.”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita e de boa qualidade?

LM: “Tanto fazia.”

AC: E porquê que guarda a canga em sua casa?

LM: “É uma recordação dos tempos antigos.”

AC: Obrigada D. Lurdes.

LM: “Por nada!”

Entrevista realizada 19 de janeiro de 2021

Bunheiro-Murtosa.



Figura 76- Joaquim Cirne. Foto de autor.2021.

AC: O seu nome?

Joaquim Cirne: “Joaquim Tavares Cirne.”

AC: A sua idade?

JC: “80 anos”

AC: A sua naturalidade?

JC: “Nascido no Bunheiro Concelho da Murtosa, quer saber mais completo: Rua do Forno, Bunheiro Murtosa.”

AC: A sua atividade principal?

JC: “Fui carteiro.”

AC: Mas trabalhou na agricultura?

JC: “Sempre, nas horas vagas era agricultura.”

AC: Quais eram os animais que o ajudavam nas tarefas da agricultura?

JC: “Eram as vacas.”

AC: Marinhoas ou turinas?

JC: “Turinas, nunca tive, por minha conta foi só, turinas, antes de ir para a tropa trabalhei com raianas, vermelhas como queiram chamar.”

AC: Em que tarefas é que as vacas o ajudavam?

JC: “Ajudavam por exemplo na produção davam o leite e faziam algum trabalho.”

AC: Trabalhava com o carro de bois?

JC: “Não era bois era vacas... entre risos. Eles chamam carro de bois, mas pronto, não interessa, trabalhava sim.

AC: Utilizava a canga?

JC: “Exatamente, pois elas não podiam trabalhar sem canga.”

AC: Como cangava o animal?

JC: “É assim tínhamos o carro suspenso numa forcada e púnhamos uma de cada vez, por vezes também se juntava as duas e punha-se a canga e só depois engatávamos ao cabeçalho do carro.”

AC: O que era mais difícil?

JC: “Conforme, às vezes elas até já sabiam.”

AC: Que tipo de arreios eram necessários?

JC: “Era as chamadas açamas, de couro.”

AC: Para que era utilizada a chavelha?

JC: “A chavelha era para segurar a peça que a gente chamava tamoeiro, uma coisa de cabedal.”

AC: Enfiava-se a chavelha no carro?

JC: “No buraco do cabeçalho e apanhava o tamoeiro para ficar fixo, era por aí que elas puxavam.”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

JC: “Isso agora é que eu não tenho bem a certeza, mas normalmente creio que eram feitas de eucalipto.”

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

JC: “Se eu conheço? É da minha idade.”

AC: E as suas cangas eram encomendadas a ele?

JC: “Quer dizer eu não posso dizer isso porque não foram encomendadas, eu não cheguei a fazer nenhuma nova, eu herdei-as, mas eram feitas por ele. Ou melhor por ele ou algumas pelo pai.”

AC: Lembra-se quanto custava uma canga de trabalho?

JC: “Aí é que é mal, porque eu não cheguei a comprar nenhuma, o Ruivo é que deve saber quanto levava por elas naquela altura, não tenho a certeza.”

AC: Você sabe se era o seu pai que escolhia o desenho que queria?

JC: “Não, era o artista.”

AC: Prefere as cangas pintadas ou envernizadas?

JC: “Nem pintadas nem envernizadas, usei sempre cangas natural, agora é que se envernizou, nunca usei canga pintada.”

AC: Para si era importante ter uma canga de boa qualidade e bonita?

JC: “Exatamente, com certeza.”

AC: Mas porquê?

JC: “Se tinha herdado cangas não estava a fazer cangas, quando vim de casa dos meus pais trouxe uma, pelo menos uma trouxe, só precisa de uma para trabalhar, depois de casa dos meus sogros ainda vieram mais duas, as que vieram dos meus sogros já nem chegaram a trabalhar.

AC: Porque guarda as cangas?

JC: “Porque são recordações antigas.”

AC: E porque mandou restaurar?

JC: “Para não se estragarem...”

AC: Tem muito gosto em tê-las?

JC: Exatamente!

AC: Tem um valor sentimental?

JC: “Exatamente! Tenho ali outro valor que tem mais de 100 anos, mas já não é canga, é um relógio.”

AC: Muito Obrigada pela sua entrevista.

JC: “De nada.”

Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2021

Torreira-Murtosa



Figura 77- João Vieira. Foto de autor. 2021.

AC: O seu nome?

João Vieira: “João Fernando Castelhana Vieira, alcunha João da Calada.”

AC: Que idade tem?

JV: “74.”

AC: É natural da Torreira?

JV: “Filho desta Terra.”

AC: Qual a sua atividade principal?

JV: “Toda a vida pescador.”

AC: Aqui na arte xávega?

JV: “Mais tarde...”

AC: Como pescador que animais o ajudavam nas suas tarefas diárias?

JV: “Ora bem, a tradição animal é uma coisa, a pesca sem animal é outra (...), quanto a tradição animal era o boi marinhão, também havia vacas, mas era mais o boi.”

AC: O Boi marinhão ajudava na arte xávega?

JV: “Sim, ele é que puxava as redes...”

AC: Utilizava o carro de bois?

JV: “Sim.”

AC: Tinha um seu ou era uma junta que vinha de outro sítio?

JV: “Não, eu tinha, na atividade de pesca tinha seis juntas de bois.”

AC: Eram suas?

JV: “Duas eram minhas, 4 eram meus e depois os outros eram de outras pessoas que vinham para aqui trabalhar.”

AC: Utilizava a canga?

JV: “Ta ali aquela, mas está ali duas que eram mais utilizadas, aquela está ali a compor e as de trabalho estão ali.”

AC: Cangava os animais ou alguém cangava por si?

JV: “Ora bem, eu quando necessitava eu pegar neles eu botava a canga neles, quando eu não necessitava tinha outro pessoal que trabalhavam comigo e até botavam as cangas. Porque eu tinha outra lida na pesca do mar.”

AC: Como é que cangava o animal? O que era feito?

JV: “Ora bem o animal, um é esquerdo e outro é direito, a gente botava a canga em cima dos dois, tenho ali todo o material que a canga exigia para pôr o material, todos os arreios que ele precisava para trabalhar...”

AC: Quais eram esses arreios? Como se chamavam?

JV: “Ora bem, piasças, brocha, tamoeiro.”

AC: As piasças eram para quê?

JV: “Enrolar os cornos onde o animal fazia força.”

AC: As brochas?

JV: “Apertavam o animal de um lado ao outro, (...) a brocha é ligada de um lado ao outro da canga de cada lado do seu animal.”

AC: O tamoeiro?

JV: “Onde se metia a chavelha.”

AC: Para que era utilizada a chavelha?

JV: Para meter no tamoeiro para o animal ao fazer força (...) para puxar.

AC: O tamoeiro fazia a ligação ao carro?

JV: “Para um lado é carro por outro lado é a escote e a camboa porque o boi não puxava a redes com o carro.”

AC: Puxava com o quê?

JV: “puxava com uma camboa que é um bocado de corda ligada e depois um escote (...) um outro bocado de corda que mói mais, desliza mais, estraga-se mais depressa, rebenta mais depressa (...).”

AC: As suas cangas eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

JV: “Olhe um que devia explicar isso era o Joaquim Ruivo, quem fez para mim foi o pai.”

AC: Lembra-se quanto custava uma canga de trabalho?

JV: “Nesse ano eu dei 50 contos.”

AC: Você escolhia o desenho que vinha na canga?

JV: “Ao mestre que faz a canga a gente pede ou a hóstia sagrada ou o escudo.”

AC: Aqui no mar utilizava-se sempre as cangas pintadas?

JV: “Porque o lavrador tinha aquele orgulho de trazer uma canga pintada, uma canga bonita e quando era bonita qualquer turista ía lá.”

AC: Na agricultura há vai muito mais cangas envernizadas do que propriamente as cangas pintadas.

JV: “A agricultura é uma coisa, aqui é outra coisa e esta arte com bois chama o Turismo!”

AC: Para si era importante ter uma canga bonita?

JV: “Tenho 3, uma para cada filho, (...) tenho ali duas arretadas prontas a trabalhar!”

AC: Porque guarda as cangas?

JV: “(...) Recordar é viver! Nunca se esqueça! Recordar é viver! Quando vou ali lembro-me!”

AC: Há mais alguma coisa que queira acrescentar a esta entrevista?

JV: “Você é que sabe” (entre risos).

AC: O trabalho no mar era muito duro?

JV: “Sim, quando isto morreu, fui eu o fundador disto e então a gente puxava a mão, está a ver o sacrifício de puxar a mão? Começou comigo os bois e acabou comigo!”

AC: Em que ano acabou?

JV: “Em 2000! Quando faleceu a minha esposa.”

AC: A arte Xávega?

JV: “A arte xávega não acabou, acabou foi a tradição animal! Ela continua na mesma mas com tratores.”

AC: Tinha os animais?

JV: “Sim tinha 4 animais, os outros eram dos lavradores que vinham ganhar o deles!”

AC: Mais ou menos quanto um lavrador ganhava?

JV: “É uma pergunta que lhe vou explicar, se desse ganhava se não desse é como nós!”

AC: Dependia tudo do que o mar trazia?

JV: “Tudo! Daquilo que a rede trouxesse!”

AC: “Tinha muita gente aqui do Bunheiro, Murtosa?”

JV: “Só tinha o Alberto Sousa! Do Bunheiro, da Murtosa não tive ninguém!”

AC: E do Monte?

JV: “Não essa gente era de lá! (Risos).”

AC: Agradeço-lhe Sr. João!

Entrevista realizada a 24 de abril de 2021.

Monte-Murtosa.



Figura 78- António Henriques. Foto de autor. 2021.

AC: O seu nome?

António Henriques: António Henriques.

AC: A sua idade?

AH: 50.

AC: A sua naturalidade?

AH: Monte-Murtosa.

AC: Qual a sua atividade principal?

AH: Delegado de produtos fitofarmacêuticos na área da engenharia agrícola.

AC: O sr. António chegou a trabalhar no campo com o seu pai?

AH: Cheguei...

AC: Quando trabalhava no campo quais eram os animais que ajudavam nas tarefas diárias?

AH: Eram as vacas.

AC: Vacas marinhoas?

AH: Não... vacas turinas.

AC: Em que tarefas?

AH: As vacas turinas eram utilizadas para lavrar, para sachar, para gradar e inclusive para fazer o transporte... o transporte dos azevéns, dos estrumes etc... Portanto eram utilizadas como meio de transporte e além disso davam leite, não é?

AC: O seu utilizava o carro de bois?

AH: Nós aqui nunca usamos a expressão carro de bois, aliás porque na Murtoza não existiam bois, só uma família ali no Bunheiro que eram os Catrinos, tios do falecido Alberto Sousa, faleceu a pouco tempo, esses sim tinham bois. Aqui praticamente só existiam vacas turinas ou marinhoas. Nós usávamos o carro de vacas.

AC: Tinham um carro próprio?

AH: Sim, tínhamos dois carros de vacas, o meu pai tinha dois carros de vacas.

AC: Utilizava a canga?

AH: Não é possível utilizar o carro sem a canga na prática é impossível.

AC: Como se cangava o animal os animais neste caso?

AH: colocava-se a canga no seu pescoço e depois com as brochas, é um termo local, as brochas contornavam o pescoço dos animais, depois as açamas que controlavam os cornos passo a expressão dos respetivos animais...

AC: O tamoeiro?

AH: O tamoeiro é a parte da canga que faz a ligação das vacas ao cabeçalho do carro. Todas as cangas têm que ter essa parte em couro normalmente.

AC: Para que era utilizada a chavelha?

AH: A chavelha é utilizada para fazer a ligação da canga ao cabeçalho do carro. E é colocada exatamente na zona do tamoeiro.

AC: As cangas que tinha eram feitas de eucalipto ou lamegueiro?

AH: Esta que está a ver é de lamegueiro e acho que a maioria eram de lamegueiro.

AC: Conhece os artesãos Ruivo?

AH: Conheço o que está vivo ainda, o filho do Joaquim Ruivo, o pai e filho têm o mesmo nome, Joaquim Ruivo.

AC: Esta canga provavelmente não foi encomendada a eles?

AH: Não esta canga foi encomendada ao Francisco Marrinhas e foi feita aqui neste terreno onde nós estamos, o Francisco Marrinhas era dono desta propriedade, nós compramos isto ao Francisco Marrinhas, aos herdeiros do Francisco Marrinhas.

AC: Lembra-se de quanto podia custar a canga?

AH: Não me lembro, porque a canga foi adquirida pelo o meu pai e ele informou-me que naquele tempo custou 800 escudos.

AC: Sabe se foi o seu pai que escolheu o desenho da canga?

AH: Não, limitou-se ao desenho existente. Era uma prática cada um dos artesãos tinha um modelo de cangas, geralmente os agricultores adaptavam-se e compravam o que o artesão fazia.

AC: Preferia as cangas pintadas ou envernizadas?

AH: Tanto eu como o meu pai preferíamos as cangas envernizadas, esta como estava pintada veio pintada, mas preferência pelo envernizado.

AC: Porquê?

AH: Não sei por uma questão estética não é tão folclórica digamos.

AC: Presumo que para vos era importante ter uma canga bonita, de boa qualidade e apresentável.

AH: Eu penso que era regra geral todos os agricultores gostavam de ter uma canga bonita, encabelada, uma questão de brio, não é? Porque as cangas eram todas de qualidade e a estética dava-lhe uma vista, todos gostavam de ter a canga bonita.

AC: Tem alguma coisa a acrescentar a estas minhas perguntas, o porquê de guardarem a canga este tempo todo?

AH: Geralmente eu acho que é por questão sentimental, porque isto fez parte da minha geração, eu até aos 15 /20 anos, hoje as crianças têm uma série de atividades: têm o inglês, têm o andebol, o futebol, têm etc... e nós naquela altura a principal atividade era ajudar os pais, e ajudar os pais passava por usar os animais, o carro de bois a canga etc. etc. ... portanto acompanhou a nossa infância durante muitos anos e quer queiramos quer não fica a marca sentimental e isso leva-nos a preservar aquilo que nos acompanhou noutros tempos.

AC: Daí o Sr. António pensar em recuperar esta canga?

AH: Sim... sim é o meu objetivo recupera-la precisamente por uma questão sentimental.

AC: Não se sabe de práticas religiosas que estivessem ligadas a canga?

AH: Não, não tenho conhecimento...

AC: Muito Obrigada Sr. António!

AH: De nada, foi um prazer!

Entrevista realizada 2 de setembro de 2021

Pardelhas-Murtosa



Figura 79- José Oliveira. Foto de autor. 2021.

AC: Boa Tarde!

José Oliveira: Boa Tarde!

AC: Preciso que me diga o seu nome?

JO: José Manuel Marques de Oliveira

AC: A sua idade Sr. José?

JO: 52

AC: A sua profissão?

JO: Artista Plástico, formador também.

AC: Sei que o seu avô: António Oliveira era um moliceiro da Ria de Aveiro foi ele que lhe passou essa paixão pela Ria?

JO: Era o meu avô paterno, era moliceiro, exerceu sempre essa profissão e o meu avô materno era pescador, portanto... pescador que não se limitava só aqui a ria mas também na safra do sável na azambuja, fazia lá uma temporada de 3 a 4 meses depois pescava aqui na Ria. Eu acho que foi mais a influencia de viver ao lado da Ria , na Borda da água, o meu parque de diversões entre aspas era o Cais do Bico e acabei por ter sempre uma ligação para com a Ria e para com a água.

AC: Como é que o Barco Moliceiro aparece na sua vida?

JO: Bem eu tenho uma vaga ideia de o meu avô ainda trabalhar ao moliço mas uma ideia muito vaga, o meu pai também chegou a exercer a profissão, antes de emigrar mas uma ideia muito vaga mesmo. Como eu lhe disse ali no Cais do Bico era um cais onde havia uma grande população de barcos, pescadores, moliceiros e havia sempre aquela azafama e como eu passava por ali os meus tempos de miúdo, a brincar, acabei por ter sempre uma grande afinidade com a Ria e com os barcos, para além de ser neto e bisneto de pessoas ligadas a pesca e ao moliço.

AC: Há quanto anos pinta Barcos Moliceiros?

JO: Com este ano 32.

AC: Sei que trabalhou com ilustres construtores dos Barcos Moliceiros sabe se algum também fazia cangas?

JO: É assim dos construtores que conheci, já falecidos... estou a recordar-me de : Henrique Lavoura, Felisberto Amador que ainda constrói, António Esteves que ainda constrói, Arménio Almeida que ainda constrói, por sua vez o Arménio tem esse sobrinho do Henrique Lavoura, ou Ferreira da Costa como também era conhecido, também conhecido o Mestre José Miranda conhecido como mestre Zé preguiça aqui do Monte, conheci o Joaquim Raimundo velho, e o novo que era o filho, mestre Agostinho Tavares mas nenhum deles fazia cangas, eles disseram-me que em tempos, como eram grandes oficinas como era a do Henrique Lavoura e tinham muitos empregados faziam também carros de bois mas cangas não.

Por sua vez os pintores mais antigos digamos os primeiros mais mercenários que vinham aos estaleiros que até lá era o mestre o construtor que fazia uns bonecos e as formas geométricas e as flores e decorava o próprio barco isso acontecia com: o Agostinho Tavares com o Henrique Lavoura não mas o mestre Agostinho pintava os barcos dele, o mestre Zé preguiça também. Muitas vezes recorriam a mercenários nesse aspeto.

Como é prova disso no museu de Ílhavo as duas telas que lá estão os Soecos de Avanca, vinham pintar o barco, não é como agora que levamos para aí 7 dias que a pintura é muito mais elaborada e é com esmalte.

Eles trabalhavam com o torrão que era o pó, misturavam no secante e no óleo de linhaça e faziam as tintas, pintavam o barco praticamente num dia, porque aquilo era tudo do mesmo género, as formas geométricas, não havia grandes sombreados e a pintura não era tão aprimorada.

E esses Soecos como tinham uma tasca, uma taberna perto da estação de Avanca, o que eles pintavam nos moliceiros segundo os mestres antigos era a proa uma peixeira, do outro lado um comboio, á ré lado inverso um comboio do outro uma peixeira (entre risos) e pronto e estava feito!

Esses Soecos faziam cangas, esses sim faziam cangas, os jugos, ao mesmo tempo que também pintavam os barcos.

Agora construtores não, não tenho conhecimento de nenhum deles, agora os Soecos sim! Assim como os Ruivos, que não eram construtores eram lavradores, também faziam jugos e o filho ainda faz, ainda faz. Autênticas obras de arte!

AC: A seu ver o barco moliceiro e a canga têm uma ligação artística?

JO: Têm, têm ! Se formos a uns anos atrás e formos as fotos antigas que existem, dos Soecos o mesmo vaso de flores que é pintado na porta da proa, é o que está esculpido em baixo relevo nas cangas! O mesmo vaso de flores também era utilizado no barco mercantel, aquele vaso central que aparece nas cangas é o que está nas portas antigas do mercantel e do moliceiro, sobretudo do mercantel mas no moliceiro também, mas o moliceiro tem a porta mais pequena. As formas geométricas que aparecem nas cangas algumas delas estão também nas fotos antigas do moliceiro.

Se o moliceiro aparece como uma necessidade do lavrador para fertilizar as terras eu julgo que o lavrador já existia e canga também, são transportados dali muitos elementos para o barco moliceiro, nas fotos antigas vemos, aparecem também nas cangas. Há lá uns círculos coloridos na base inferior nas cangas, esses círculos são os que agora são desenhados no traste, embora mais cruzados, estão lá porque já estavam há muitos anos. O traste é parte onde encaixa o mastro e é decorado de um lado e do outro e essas formas que eu ainda hoje as pinto, estão nas cangas também. As cores são exatamente as mesmas, as cores utilizadas são (...): Vermelho, verde, azul o amarelo o preto e o branco, são as cores utilizadas. Nos painéis há umas misturazitas que

se vão fazendo, mas pronto é arte naïf puro, a prova maior que eu acho que realmente a pintura tem origem de lá é esse vaso de flores, que é exatamente o mesmo vaso que fica ao centro. Por vezes noutras cangas aparece o escudo português, mas mesmo as flores se reparar, as flores os formatos, as pétalas, o interior, a cor que são pintadas nas cangas, são exatamente as flores do tempo do Soeco! Do tempo do Farelo, dos mestres mais antigos, dos Raimundos, as flores com aquelas pétalas em vermelho com as folhinhas em verde as que estão nas cangas são exatamente as que aparecem.

Lógico que depois houve outros pintores que evoluíram muito, poucos mas o caso antes de mim foi o Jacinto Vieira que começou a criar floreados novos, embora sempre arte naïf, como eu já fiz muitos novos, volto a dizer que as flores e o vaso de flores que aparecem nos moliceiros e as formas geométricas, vem das cangas sem duvida nenhuma.

AC: Sei que também faz restauros de cangas não é?

JO: Já fiz alguns, os últimos que fiz, foi para um senhor de pardilho que comprou na Torreira, duas cangas, que eram cangas das juntas de bois que trabalhavam na arte xávega, há uma particularidade também muito engraçada, na parte traseira que não é tão rica é menos decorada, está lá o pentagrama, o pentagrama aqui nestas zonas e na crença popular era contra o mau olhado e protegia os proprios animais, as juntas de bois há fotos em que têm esse simbolo ou uma cruz. E o pentagrama está sempre representado na parte de trás da canga na maior parte delas, essa parte de trás não é tao rica tao decorada.

Havia aqui lavradores na Murtosa que tinham cangas que não foram pintadas que era para trabalho e depois tinham cangas de ir a feira do ano, ás festas que eram só utilizadas nessas alturas e eu restaurei essas duas cangas, não precisar a data da sua construção mas ela estava lá, tive foi dificuldade em arranjar para encabelar a canga, o cabelo que é de origem animal.

AC: Como é que foi feito o restauro?

JO: A madeira estava boa muito boa mesmo, o que eu fiz foi limpar, limpar alguma tinta que estivesse partida e depois o restaurar não é como toda a gente julga pintar. Eu fui ao sítio onde a tinta tinha estalado, fiz a limpeza, mantive a pintura original, porque há pessoas que têm ideia de chegar lá e pintar, fica muito bonito mas acho mal.

Foram pintadas com tintas a óleo e eu usei o mesmo também, não era esmalte ainda era tinta a óleo, portanto estamos a falar em cangas de 1950. Podiam ser das ultimas juntas que trabalhavam na Torreira.

AC: Quanto ao seu ofício de pintor de moliceiros o que acha? Esta profissão está em vias de desaparecer?

JO: Eu não lhe chamaria uma profissão, porque na realidade eu dou formação de pintura artística, trabalho em azulejaria, uma área muito grande, escultura, carnaval faço os carros alegóricos, esculturas em esferotivo chega o natal faço decoração de shoppings.

Porque o moliceiro é muito sazonal este ano pintei sete barcos, incluindo alguns de Aveiro e não são assim tantos e nem daria para viver disso.

É mais um trabalho que se faz e eu gosto daquilo!

AC: Neste momento o Sr. José é o único que faz pinturas nos barcos moliceiros?

JO: Ora bem, nos tradicionais sou que eu os faço todos, aqui deste lado, os que andam a vela, vão as regatas. Em aveiro há 2 barcos lá, há um rapaz que trabalha para uma das empresas, que pinta os barcos, entre todos que existem na Ria não devo pintar 2 ou 3, de resto todos pintados por mim.

AC: Já pensou ter um aprendiz?

JO: é simples eu quando são muitos barcos, é tudo normalmente antes das regatas eu arranjo ajudantes de ocasião alguém está disponível o próprio Alfredo já me ajudou, este ano tive um menino que gosta muito de pintar que veio dar uma ajudazinha precisamente no barco o Presidente, o Alfredo também pintou no Presidente.

As pessoas as vezes pensão: quando acabarem os mestres não há mais construtores, aparecem sempre construtores melhores, menos bons, craques! Aparecem sempre! Assim como na pintura, eu trabalhei no estaleiro de s. Jacinto eu era desenhador geométrico, e na altura tinha 20 anos, morreu o jacinto Vieira, o senhor que pintava os barcos, embora que na altura não havia tanto barcos como agora para pintar, os barcos não eram pintados todos os anos. O jacinto trabalhava numa fábrica, mas era um pintor da Ria e muito bom e evolui o desenho, embora utilizasse o quadriculado para aumentar as imagens, os próprios floreados belíssimos, era muito dedicada e um pintor muito bom! Costumo dizer que existe as pinturas de moliceiros antes do Jacinto e depois do Jacinto!

Apareci eu! Tive o cuidado de ir com um proprietário a casa do Jacinto Vieira, em Santo Amaro, Estarreja ele vivia lá apesar de ser da Torreira, tive o cuidado de ir lá ver os desenhos dele, os decalques para não chegar lá e fazer uma barbaridade qualquer!

E nesse ano pintei dois barcos, mas em média, no ano em que pintei mais barcos foram 11, pintei também o moliceiro que já no museu de Ílhavo e o mercantel que está no museu de Ílhavo foram feitos no mestre esteves em Pardilhó e foram para a sala da Ria.

É como eu digo, há sempre alguém há sempre outra pessoa! Melhor, Pior não interessa, eles vão continuar a ser decorados enquanto existirem e que hajam muitos!

AC: Eu considero que o Sr. José é um ponto de viragem na pintura do moliceiro, o sr. José é extraordinário e muda bastante o paradigma e a pintura do moliceiro.

JO: Eu acho que quem fez a maior viragem que antes os desenhos eram muito toscos e os floreados não eram tao ricos, foi o Jacinto Vieira, ele fez a maior viragem! Eu fui andando nessa linha e criei floreados novos e evolui o desenho (...) os floreados tornei-os mais ricos e mais complicados, mas cheguei a um ponto que ... a partir de agora não posso andar mais, não posso mexer mais, porque não quero desvirtuar o que é a pintura! Porque a pintura popular ou a pintura naïf como lhe chamam (...) é muito diferente da pintura do Sul, já pintei um Varino do Tejo e é completamente diferente a pintura deles, já há nuances é uma pintura mais rica a nossa não a flor é vermelha, o centro é amarelo e contornado de preto, mas a nossa é daqui é dos barcos moliceiros, não podemos estar com invenções, porque corremos o risco de estar a digamos a deturpar aquilo que a originalidade do barco moliceiro.

Há que ter esse cuidado, de não ir mais além, por vezes no painel sobretudo pode haver uma ligeira nuance na cor da água, mas não mais que isso!

Eu costumo dizer se chegarem á beira ria e perguntarem por José Oliveira que é assim que assino os meus quadros, eles começam a olhar e dizem não, não conheço. Chegar lá e perguntar pelo o Zé Manel eles conhecem-me todos! Quando chego aos barcos sou o Zé Manel o José Oliveira ficou em casa, não pode haver ali confusões, não poso utilizar técnicas mais avançadas (...).

AC: Tem alguam canga em casa?

JO: Tenho ... tenho!

AC: Sua? Ou era dos seus avôs ou dos seus pais?

JO: Ela é minha agora porque tenho uma herança, era de um tio-avô, não está pintada é muito rica muito bem trabalhada, mas nunca teve pintura. Não há vestígios de tinta, tinha muito caruncho e tratei-a com aguarás, era uma canga de trabalho antes de ele emigrar, a canga que eles usavam para trabalhar e a pintura acrescia no valor da canga e nessa altura não eram ricos

e tudo o que pudessem poupar... A canga era necessária, mas a pintura... A pintura só para dias festivos, havia aqui aqueles lavradores ricos (...). Recordo-me que um lavrador que me emprestou uma canga para a decoração da sala da exposição: Francisco Páscoa, emprestou-me duas cangas belíssimas que eram as cangas que aqueles levavam para dias festivos, estavam em bom estado porque não trabalhavam com elas, era o fato de sair como eles diziam.

AC: O sr. José é da zona do Monte certo?

JO: Não... há aí dois livros que dizem que o meu local de nascimento é o Monte, mas não! (...) Eu nasci na Murtosa mesmo! Ali de frente com o cemitério da Murtosa. Vivi aí até aos 10 anos depois vivi noutra casa que os meus pais construíram, porque essa era da minha avó. Quando me casei estive a viver no Monte, 2/3 anos depois comprei um apartamento em Pardelhas onde vivo, agora tenho um espaço onde trabalho no Monte, mas sou mesmo da Murtosa.

AC: Pergunto isto porque dentro da minha pesquisa consegui perceber que no Monte as cangas eram quase todas envernizadas ou naturais, ou seja, não havia pintura.

JO: não era só no Monte, muitas partes da Murtosa, essa que tenho em casa (...) o meu tio-avô vivia a caminho do Bico e canga também nunca viu pintura! Para pintar uma canga não era assim tao barato, as pessoas precisavam delas para trabalhar, bem encabelada, bem-talhada, mas sem pintura, que era o mais económico. (...) A maior parte delas ficavam em cru sem pintura.

AC: Acha que a canga e o moliceiro têm o mesmo problema do uso? Quando deixam de ter uso começam a desaparecer?

JO: Tenho um amigo que já faleceu, que teve cá 2 semanas a fazer um trabalho sobre o moliceiro da universidade de Toulouse (...) Claude Rivals antropólogo e sociólogo e ele achava curioso qualquer embarcação que existiu quando acabava a função dela, ela simplesmente desaparece, o moliceiro é o único que eles conhecem que acabando a função que ele exercia, ele não desapareceu! E podem pensar assim pelo o Turismo, pronto está bem! Mas mesmo que não houvesse Turismo e a Veronica sabe disso, (...) haveria moliceiros na borda de água, eu costumo dizer que o mantém vivo o barco moliceiro é o saudosismo! Já não é o primeiro daquele que foi moliceiro, outros que emigraram, que foram torturados naquele barco, entre aspas, deve haver uma síndrome qualquer aí, (entre risos), uma síndrome de Estocolmo, eles foram torturados, mal alimentados, trabalho brutal. Quando regressam cismam e mandam construir um barco é o saudosismo que mantém o barco vivo, mesmo acabando a função a embarcação não desapareceu claro que foi adaptada (...).

A canga aí acabava por ser diferente, mas vai dar um bocadinho ao mesmo, eu sei que o sr. Ruivo me disse á uns anos atrás que tinha feito duas cangas para dois museus no Japão, portanto elas estão por todo o lado, assim como há um barco moliceiro no Japão, (...) Museu de Berlim está lá um também. (...) A canga também não vai acabar porque vais e transformar num adorno. Um adorno belíssimo, fica bem em qualquer sítio! (...)

Embora tenha acabado a função dela, assim como barco a alga foi embora e ele continuou, não como adorno, mas como o um barco de lazer. (...)

Agora a canga é que acho se... não será fácil arranjar alguém com jeito e criatividade para a fazer como o Sr. Ruivo as fazia e ainda faz, eu conheço os porque tinham um barco moliceiro e era eu que lhes pintava o barco e eles ajudavam me que eles também tinham jeito, será difícil arranjar, mais fácil é encontrar mestres de construção naval que fulanos para trabalhar aquela peça!

AC: Sr. José agradeço-lhe imenso!

JO: De nada!

Entrevista realizada no dia 10 de setembro de 2021

Murtosa-Bunheiro



Figura 80- Rosa Amador. Foto de autor. 2021.

AC: Diga-me o seu nome?

Rosa Amador: “Rosa de Sousa Alves Amador.”

AC: A sua idade?

RA: "83."

AC: É natural aqui do Bunheiro?

RA: "Sou."

AC: Qual foi a sua profissão?

RA: "Doméstica, mãe e doméstica, criei seis filhos."

AC: Pode contar-me a história de como veio parar aqui a esta casa?

RA: Posso contar, eu vim para esta casa com 11 meses de idade de casa dos meus pais, porque a minha mãe adoeceu, paralisou e a conselho do médico, mandaram-me retirar, (...).

Fui criada com oito tios solteiros, que eram irmãos.

AC: Esses seus tios tinham uma casa de lavoura?

RA: Tinham esta casa de lavoura.

AC: Era uma casa rica?

RA: Tinham algumas posses.

AC: Eu reparei que tinha um espigueiro, e quem possuía espigueiros tinham algum poder económico.

RA: Exatamente. Tinham propriedades bastantes, para encher um espigueiro e não só!

AC: Você nunca trabalhou na lavoura?

RA: Também trabalhei! Na lavoura, na terra, nos terrenos, a cortar milho, apanhar feijão. Também trabalhei na lavoura!

AC: Que gado é que utilizava era o gado marinhão ou era as turinas?

RA: Não. Era o gado marinhão tanto bois como vacas.

AC: E tinham muito gado?

RA: Tinham cerca aí de 10 cabeças, naquele tempo. E tinham duas turinas para dar leite, tanto para a casa, como para entregar para a indústria. As turinas não trabalhavam na lavoura eram para estar no curral. Quem trabalhava era o gado marinhão: bois e vacas.

AC: Tinham aqui carros de vacas?

RA: Sim, carro de vacas que dava para bois e vacas.

AC: Tinham aqui cangas?

RA: Sim.

AC: Esta que temos aqui é a mais antiga de todas?

RA: Sim.

AC: Era dos seus tios?

RA: Era dos meus tios.

AC: Estará datada do início do século?

RA: Provavelmente.

AC: Será da década de 20?

RA: Provável, é um tiro no escuro.

AC: Os seus tios tinham cangas pintadas?

RA: Não, a que foi pintada foi a mão do meu filho e havia outra pintada a mando do meu marido. Antigamente as cangas a cor da madeira era o que estava em vigor.

AC: Na torreira as cangas eram pintadas?

RA: Sim, eram pintadas, as cangas iam daqui para lá para trabalhar com o gado.

AC: O seu marido trabalhava na Praia da Torreira?

RA: Trabalhou alguns anos, 10 ou 12 anos.

AC: Ele quando ia com as cangas para a Torreira eram as pintadas?

RA: Então a canga estava pintada ou levava aquela também, quando levava as duas juntas levava uma pintada e outra na cor da madeira.

AC: Quantas juntas tinha o seu marido a trabalhar na Torreira?

RA: As vezes tinha uma, outra vezes duas.

AC: Sei que a canga mais recente foi feita pela o Joaquim Ruivo, e esta aqui de 1968 quem poderá ter feito?

RA: Terá sido o Zé Ruivo que era irmão do Joaquim Ruivo, ela do casal, o Zé Ruivo era irmão do Joaquim Ruivo velho, mas talvez em 1964 ele já tivesse morrido que ele morreu novo.

AC: Porque é que guarda as cangas?

RA: Estes utensílios antigos são bons de guardar serve para recordação, dos da casa e dos de fora... pois se a gente não guardasse nada agora não tinha nada para mostrar.

AC: O que eram os cantoneiros e o que eles faziam?

RA: Os cantoneiros andavam a rapar a estrada dos Estado, as estradas agora maior parte delas são camararias, mas aqui há 60/70 anos eram do Estado, e eles andavam fardados e tinham um chefe. O chefe tomava conta dos cantoneiros e dos agricultores quando eles passavam por eles e então eles aplicavam as multas quando alguém estava fora da lei. Com a vara, sem livrete ou com as cangas sem registar essas coisas todas. O chefe dos cantoneiros é que aplicava a multa.

AC: As cangas tinham de estar todas registadas na Câmara Municipal?

RA: Sim, tinham de usar a chapa.

AC: Tinham de ter o nome do proprietário?

RA: Não, o nome do proprietário estava no livrete do carro.

AC: A dona Rosa não se lembra da cura do trasorelho?

RA: Lembro-me de ouvir falar, nunca andei com isso, nem nunca vi. Contava-se isso que se juntavam duas pessoas a que tinha o trasorelho e outra, punham a canga no cachaço, mas eu sei lá. O trasorelho acontecia às crianças eles não podiam andar muito tempo com a canga no cachaço. (...) Nunca usei isso. (...)

AC: Não acontecia mandar benzer as cangas?

RA: Não não acontecia, pelo menos nunca vi nem vir aqui nenhum padre benzer as cangas, nem levar as cangas a sacristia.

AC: O farejo dos bois era quase como uma bênção á semente para depois atirar?

RA: Não sei, também nunca vi aqui os meus tios chegar o balde ao nariz dos bois ou das vacas. Nunca vi, mas se alguém tinha essa devoção, há muitas devoções e diferentes umas das outras. Como as rezas do pão (...) eu fazia uma cruz e não fazia reza nenhuma. (...) Gente da minha idade ou ainda mais velhos que não sabe ler nem escrever, mas para fazer rezas, sabe tudo.

AC: A dona Rosa sabe ler?

RA: Sei fiz o exame da 3^a.

Eu: Saiu porque foi obrigada?

RA: Não fui obrigada nada, saí porque quis sair, os meus tios queriam que eu fizesse o exame da 4ª ficasse lá mais um ano, entrei com 7 anos e saí com 10. No ano em que andei na 3ª classe andava uma menina na 4ª classe. (...) Era a única menina da 4ª classe (...).

AC: As mulheres não estudavam tanto tempo?

RA: Obrigatório não era, e, por conseguinte, as meninas se calhar eram como a mim, não queriam estudar ou algumas por necessidade de ir trabalhar com os pais, tomar conta dos irmãos porque havia sempre muita família e as mais velhitas tinham sempre esse encargo (...)

E rapazes também não iam, iam poucos eu aqui a lembrar-me aqui a 50 e a 60 anos atrás não me lembro de professores, há professores aqui no Bunheiro já mais tarde, antigamente não havia ... era um ou dois por cada freguesia (...).

AC: Lembra-se de nas procissões de se leva uma canga diferente?

RA: Não me lembra de cangas nenhuma nas procissões, podia haver em outros sítios, mas aqui na Murtosa não me lembra. E para ir cangas tinha de ir gado e eu não me lembro (...).

AC: Agradeço muito por este bocadinho e por tudo o que me ensinou.

Anexo 4- Inventário de Cangas Vareiras no Concelho da Murtosa.

Década de 20



Figura 81- Proprietária: Fátima Oliveira. Década 20. Monte-Murtosa. Foto de autor. 2021.



Figura 82- Proprietária: Rosa Amador. Década 20. Bunheiro. Foto de autor. 2021



Figura 83- Proprietário: José de Oliveira. Década 20. Murtosa. Foto de José de Oliveira. 2021.



Figura 84- Proprietária: Ana Paula Matos. 1928. Murtosa. Foto de Ana Paula Matos. 2021.

Década de 30



Figura 85- Proprietária: Maria Amélia. 1933. Monte. Foto de autor.2021.



Figura 86- Proprietário: João Sousa. 1934. Bunheiro. Foto de autor. 2021.

Década de 40



Figura 87- Proprietária: Maria Justina. Década de 40. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 88- Proprietário: Joaquim Ruela. 1947. Bunheiro. Foto de autor. 2021.



Figura 89- Proprietário: José Almeida. 1949. Bunheiro. Foto de José Almeida. 2021.



Figura 90- Proprietário: Museu Custódio Prato. 1949. Bunheiro. Foto de autor. 2021.

Década de 50



Figura 91- Proprietário: José Caixeiro. Década de 50. Bunheiro. Foto de autor. 2021.



Figura 92- Proprietário: António Henriques. 1958. Monte. Fonte de autor. 2021.



Figura 93- Proprietária: Fátima Oliveira. 1958. Monte. Foto de autor. 2021.

Década de 60

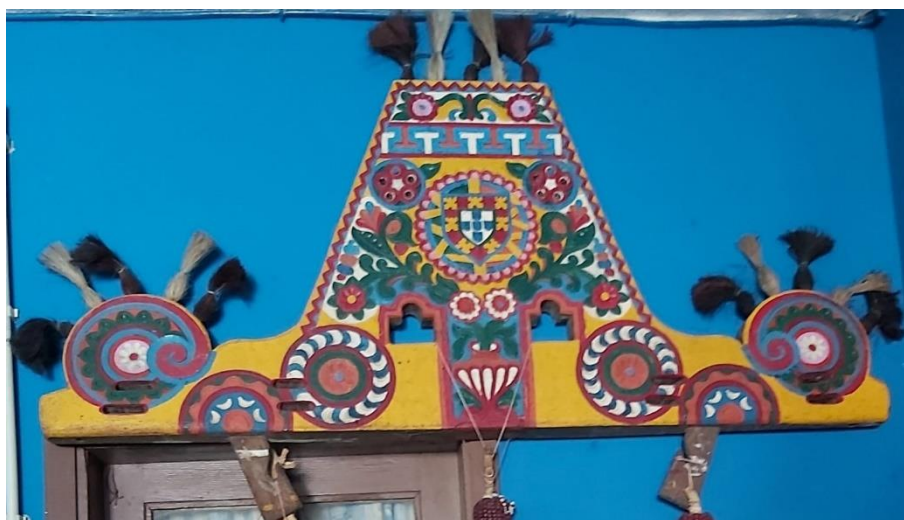


Figura 94- Proprietário: João Vieira. Década de 60. Torreira. Foto de autor.2021.



Figura 95- Proprietário: Joaquim Cirne. Década60. Bunheiro. Foto de autor. 2021.



Figura 96- Proprietária: Florinda Sousa. 1960. Murtosa. Foto de autor. 2021.



Figura 97- Proprietário: Joaquim Marques. 1960. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 98- Proprietário: Joaquim Rebelo. 1961. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 99- Proprietário: Joaquim Cirne. 1961. Bunheiro. Foto de autor. 2021.



Figura 100- Proprietário: Joaquim Cunha. 1962. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 101- Proprietária: Rosa Amador. 1968. Bunheiro. Foto de autor. 2021.

Década de 70



Figura 102- Proprietária: Rosa Amador. 1970. Bunheiro. Foto de autor. 2021.



Figura 103- Proprietária: Lurdes Miranda. 1971. Monte. Foto de autor. 2021.

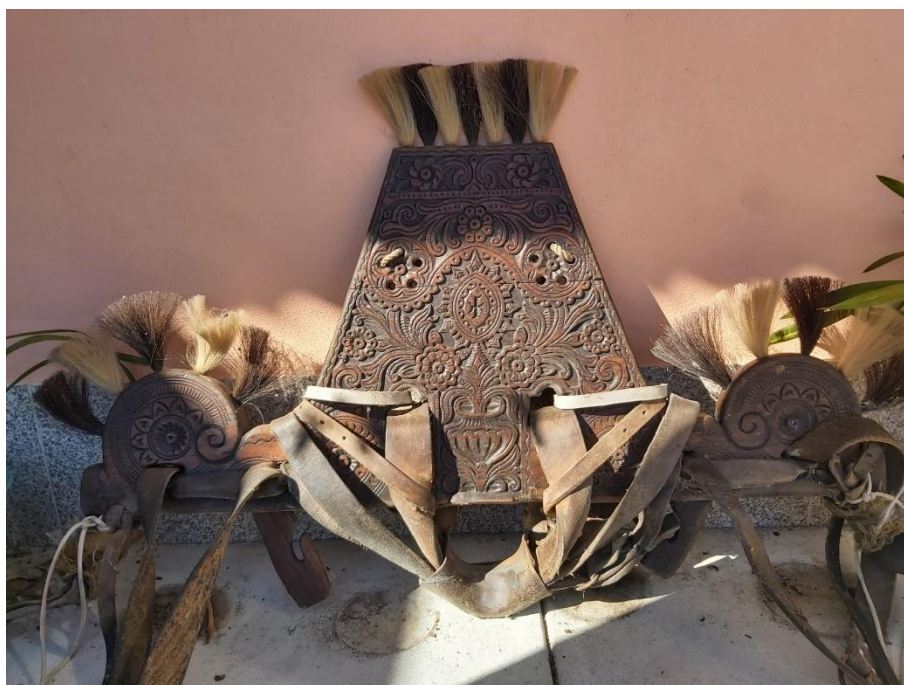


Figura 104- Proprietário: Joaquim Cunha. 1976. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 105- Proprietário: José Caixeiro. 1976. Bunheiro. Foto de autor. 2021.

Década de 80



Figura 106- Proprietário: Joaquim Cunha. 1980. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 107- Proprietária: Olívia Silva. 1981. Murtosa. Foto de autor. 2021.



Figura 108- Proprietário: Joaquim Cunha. 1982. Monte. Foto de autor. 2021.



Figura 109- Posto Turismo da Torreira. 1989. Foto de autor. 2021.

Década de 90



Figura 110- Proprietário: João Vieira. 1991. Torreira. Foto de autor. 2021.